

JOSEPH CONRAD

A dramatic silhouette of a three-masted sailing ship against a sunset sky. The ship's complex rigging, including the masts, cross-arms, and ropes, is clearly visible. The sun is low on the horizon, creating a warm, golden glow. In the foreground, the dark silhouette of a person's head and shoulder is visible on the right side, looking towards the ship. The overall mood is atmospheric and historical.

ALINHA DE SOMBRA

L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Joseph Conrad

A LINHA DE SOMBRA

uma confissão

Tradução e glossário de
GUILHERME DA SILVA BRAGA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

“Dignos de meu imorredouro respeito”

A

BORYS E A TODOS OS OUTROS
que, como ele, atravessaram
na tenra juventude a linha de sombra
de sua geração

COM AMOR

NOTA DO AUTOR

A presente história, que apesar de breve é uma obra um tanto complexa, não foi concebida de modo a tocar em assuntos sobrenaturais. Contudo, mais de um crítico sentiu-se inclinado a interpretá-la assim, vendo nela uma tentativa minha de dar maior liberdade à imaginação enquanto eu a conduzia para além dos limites terrenos da humanidade que vive e sofre. Mas a verdade é que a minha imaginação não é assim tão fértil. Creio que, se eu tentasse impor à história o peso do Sobrenatural, ela seria um fracasso estrondoso e apresentaria falhas um tanto indesejáveis. Porém, eu jamais poderia almejar coisa semelhante, pois todo o meu ser moral e intelectual é perpassado por uma convicção invencível de que tudo quanto passa despercebido a nossos sentidos deve ser obra da natureza e, por mais excepcional que pareça, tem essência idêntica a todos os fenômenos do mundo visível e tangível do qual sabemos fazer parte. O mundo dos vivos encerra maravilhas e mistérios suficientes tal como se apresenta; maravilhas e mistérios que agem sobre nossas emoções e nossa inteligência de maneiras tão inexplicáveis que quase bastariam para justificar a concepção da vida como um estado de encanto. Não, minha crença no maravilhoso é demasiado forte para que eu alguma vez me deixe fascinar pelo mero sobrenatural, que (entendam como quiserem) não passa de um produto fabricado, uma fabricação de mentes insensíveis às mais íntimas sutilezas das relações que mantemos com os vivos e os mortos em suas incontáveis multidões; uma profanação de nossas lembranças mais ternas; um atentado à nossa dignidade.

Independente de qualquer coisa, minha natural modéstia jamais consentirá em descer tão baixo a ponto de pedir auxílio à minha imaginação no domínio destes fúteis devaneios, comuns a todas as épocas e capazes de infundir em todos os amantes da humanidade uma tristeza inefável. Quanto ao efeito de um choque mental ou moral em uma mente ordinária, este é um tema legítimo para o estudo e a descrição. O ser moral do sr. Burns recebe um

tremendo choque durante suas relações com o finado capitão, choque este que durante o curso da doença transforma-se em uma superstição fantasiosa que nasce do medo e da animosidade. Esse é apenas um dos elementos da história, mas nele não há nada de sobrenatural, nada que, por assim dizer, vá além dos confins deste mundo, que a bem da verdade já encerra terrores e mistérios suficientes em si mesmo.

Talvez se eu houvesse publicado esta narrativa, que guardei por um bom tempo em minha imaginação, sob o título de *Primeiro comando*, nenhum indício do Sobrenatural haveria sido encontrado pelos leitores imparciais, fossem eles críticos ou não. Não tecerei aqui comentários sobre as origens do estado de espírito em que me ocorreu o título definitivo, *A linha de sombra*. Acima de tudo, o objetivo desta história era representar certos fatos que sem dúvida estão associados à transição da juventude, leviana e ardente, ao período mais autoconsciente e mais sofrido da idade adulta. Ninguém há de negar que antes da provação suprema de toda uma geração eu tinha plena consciência do caráter ínfimo e insignificante da minha própria experiência obscura. Não se trata aqui de paralelismo algum. Essa ideia jamais me passou pela cabeça. Mas havia um sentimento de identidade, embora a diferença nas proporções fosse enorme – como uma única gota solitária medida contra a amarga e tempestuosa imensidão de um oceano. O que também era muito natural. Afinal, quando começamos a refletir sobre o significado de nosso próprio passado temos a impressão de que ele preenche o mundo em toda a sua profundidade e magnitude. Este livro foi escrito nos últimos três meses do ano de 1916. De todos os temas a respeito dos quais um escritor de histórias sente-se mais ou menos consciente em sua alma, eis o único que me foi possível arriscar à época. A profundidade e a natureza do estado de espírito com que o abordei talvez possam ser mais bem expressas na dedicatória, que hoje me parece absolutamente desproporcional – como mais uma instância da grandeza avassaladora de nossas próprias emoções em relação a nós.

Tendo dito o bastante, farei agora algumas observações sobre o simples material da história. O cenário pertence àquela parte dos Mares Orientais de onde eu trouxe para a minha vida de escritor o maior número de inspirações. Ao ler o comentário em que afirmo ter considerado, por um longo tempo, dar a esta história o título de *Primeiro comando*, o leitor pode supor que ela trate da minha experiência pessoal. E na verdade esta narrativa é uma experiência pessoal examinada com distanciamento crítico e colorida pelo afeto que não conseguimos deixar de sentir por todos os acontecimentos em nossas vidas dos quais não temos motivo para nos envergonhar. E este afeto é tão intenso (aqui faço um apelo à experiência universal) quanto a vergonha, e quase tão intenso quanto a angústia que acompanha a lembrança de certas ocorrências infelizes, até os meros erros ao falar, que perpetramos no passado. O efeito da perspectiva sobre a memória é o de fazer tudo parecer maior, pois os elementos essenciais avultam a grandes proporções quando isolados das trivialidades cotidianas, naturalmente esquecidas. Lembro deste período da minha vida no mar com gosto porque, apesar do início nada auspicioso, no fim mostrou-se um grande sucesso pessoal que deixou uma prova tangível no conteúdo da carta que os proprietários do navio escreveram-me dois anos mais tarde, quando abandonei o comando a fim de voltar para casa. Esta decisão marcou o início de outra fase em minha vida de marinheiro, a fase final, se assim posso me referir a ela, que a seu próprio modo coloriu outros tantos de meus escritos. Na época eu não sabia o quão próxima do fim estava minha vida no mar, e portanto não senti tristeza alguma, exceto ao me despedir do navio. Também lamentei cortar relações com a firma a que o navio pertencia e que ademais havia recebido com tanta bondade e confiança um homem contratado em virtude de um acidente e em circunstâncias um tanto adversas. Sem desmerecer a firmeza do meu propósito, suspeito que a sorte tenha desempenhado um papel decisivo no sucesso da confiança que me foi depositada. E não há como não relembrarmos cheios de gosto uma época em que nossos maiores esforços foram recompensados com um golpe de sorte.

As palavras “Dignos de meu imorredouro respeito”, que escolhi como o mote para a folha de rosto, foram retiradas do próprio texto do livro; e, embora um de meus críticos tenha imaginado que diziam respeito ao navio, é evidente, no contexto onde aparecem, que se referem aos homens da companhia do navio: estranhos totais ao novo capitão que ao mesmo tempo aguentaram firmes a seu lado durante aqueles vinte dias que parecem ter se passado à beira de uma destruição lenta e agonizante. E *essa* é a maior lembrança de todas! Pois sem dúvida é um feito grandioso ter comandado homens dignos de nosso imorredouro respeito.

1920
J. C.

– *D'autres fois, calme plat, grand miroir*
De mon désespoir.
BAUDELAIRE

I

Apenas os jovens têm desses momentos. Não me refiro aos muito jovens. Não. Os muito jovens, a bem dizer, não têm momento algum. Só a tenra juventude desfruta o privilégio de viver à frente de seus dias na bela continuidade de uma esperança que não conhece pausas nem introspecções.

Às nossas costas, fechamos o portão da simples meninice – e adentramos um jardim encantado. Lá, até as sombras cintilam cheias de promessas. Cada curva no caminho tem um apelo sedutor. Mas não por ser um território desconhecido. Sabemos muito bem que toda a humanidade passou por lá. É o encanto da experiência universal do qual esperamos uma sensação incomum ou pessoal – uma parte de nós.

Seguimos reconhecendo as marcas de nossos predecessores, empolgados, satisfeitos, aceitando a um só tempo a boa e a má sorte – o ônus e o bônus, como diz o provérbio –, o pitoresco destino comum que guarda inúmeras possibilidades para os merecedores ou talvez para os bem-aventurados. Sim. Seguimos adiante. E o tempo também segue adiante – até que percebemos à nossa frente uma linha de sombra avisando que a região da tenra juventude também deve ser deixada para trás.

Esse é o período da vida em que os momentos de que falei são mais propensos a aparecer. Que momentos? Ora, os momentos de tédio, de exaustão, de insatisfação. Momentos duros. Refiro-me a momentos em que os jovens ainda tendem a tomar decisões precipitadas, tais como casar de repente ou largar um emprego sem nenhum motivo.

Mas esta não é uma história de casamento. Comigo não foi tão grave. Minha decisão, precipitada como foi, teve antes o caráter do divórcio – quase da deserção. Sem nenhum motivo compreensível às

peessoas sensatas eu larguei o meu emprego – joguei tudo para cima – abandonei um navio sobre o qual a pior coisa que se poderia dizer era que era um navio a vapor e, portanto, talvez não fizesse jus à lealdade cega que... Todavia, de nada adianta tentar disfarçar o que até mesmo na época eu suspeitava ser um capricho.

Foi num porto oriental. O navio também era oriental, uma vez que na época pertencia àquele porto. Fazia comércio entre as ilhas escuras de um mar azul marcado pelos corais, com a Insígnia Vermelha da Marinha Mercante sobre a grinalda e logo acima, no tope do mastro, uma bandeira do armador, também vermelha, mas com uma borda verde e um crescente branco. Pois seu dono era um árabe, e ainda por cima um cide. Daí a borda verde na bandeira. Ele era o diretor de uma poderosa Casa dos Estreitos Árabes, mas também o súdito mais leal ao complexo Império Britânico que se poderia encontrar a leste do Canal de Suez. A política mundial não lhe interessava nem um pouco, mas ele tinha um grande poder oculto em meio a seu povo.

Para nós era indiferente a quem o navio pertencia. Ele precisava empregar homens brancos para cuidar da navegação, e muitos dos que assim empregava jamais lhe punham os olhos do primeiro ao último dia. Eu mesmo o vi uma única vez, por acaso, em um cais – um homenzinho velho, moreno, cego de um olho, com um manto alvo e sandálias amarelas. Uma multidão de peregrinos malaios, a quem o homem prestara algum favor na forma de comida e dinheiro, beijava-lhe a mão repetidas vezes. Ouvei dizer que era pródigo com estas esmolas, que cobriam quase todo o Arquipélago. Afinal, não dizem que “o homem caridoso é amigo de Alá”?

Um excelente (e pitoresco) proprietário árabe, a respeito de quem não era preciso esquentar a cabeça, um excelentíssimo navio escocês – pois da quilha para cima era escocês –, um excelente navio, fácil de manter limpo, ágil em todos os aspectos e, se não fosse pela propulsão interna, digno do amor de qualquer homem; até hoje nutro um profundo respeito pelas memórias do navio. Quanto ao tipo de comércio em que operava e à personalidade de meus companheiros, eu não me sentiria mais feliz nem que tivesse a

vida e os homens feitos segundo as minhas instruções por um Feiticeiro benevolente.

E de repente abandonei tudo isso. Abandonei-o da mesma forma, a nós inconsequente, como um pássaro voa para longe de um galho aconchegante. Foi como se, sem saber de nada, eu tivesse ouvido um sussurro ou visto alguma coisa. Bem – talvez! Em um dia eu estava perfeitamente satisfeito e no outro tudo havia desaparecido – o *glamour*, o sabor, o interesse, a satisfação – tudo. Foi um desses momentos, sabe. Os verdes enjoos da mocidade tardia assediaram-me e levaram-me embora. Levaram-me embora daquele navio, que fique claro.

Éramos apenas quatro homens brancos a bordo, com uma enorme tripulação de *kalashes* e dois suboficiais malaios. O capitão lançou-me um olhar duro como se tentasse adivinhar o que me afligia. Mas ele era um marujo e também já tinha sido jovem outrora. Nesse instante um sorriso espreitou por debaixo de seu grosso bigode grisalho, e ele observou que, claro, se eu achasse que tinha de ir, não me impediria à força. Combinamos de acertar as contas na manhã seguinte. Quando eu deixava a câmara ele acrescentou de repente, em um tom bastante melancólico, que esperava que eu encontrasse o que eu buscava com tamanho ardor. Uma declaração suave, críptica, que pareceu ir mais fundo do que qualquer ferramenta com a dureza do diamante seria capaz. Acredito que ele tenha entendido o meu caso.

Mas o segundo-maquinista atacou-me de outra forma. Era um escocês robusto, de rosto liso e olhos claros. Seu honesto semblante vermelho emergiu da casa de máquinas e logo o homem surgiu por inteiro, com as mangas da camisa dobradas para cima, passando vagarosamente um trapo sobre os antebraços maciços. E os olhos dele expressavam um desgosto amargo, como se nossa amizade estivesse reduzida a cinzas. Ele disse, pesaroso: “Ah! Sim! Eu bem achava que já estava na hora de você ir correndo de volta para casa e casar com uma garota estúpida”.

No porto havia um entendimento tácito de que John Nieven era um misógino ferrenho; e o tom absurdo desse comentário convenceu-me de que ele pretendia soar cruel – muito cruel –,

pretendia dizer a coisa mais devastadora em que pudesse pensar. Minha risada foi condescendente. Ninguém, salvo um amigo, poderia sentir tanta raiva. Fiquei um pouco cabisbaixo. Nosso oficial de máquinas também fez o juízo habitual da minha decisão, porém num espírito mais gentil.

Ele também era jovem, porém muito magro, e com uma diáfana barba marrom por todo o rosto emaciado. No mar ou no porto, passava os dias inteiros caminhando apressado de um lado para o outro a ré, com uma expressão intensa, de êxtase espiritual, causada por uma consciência permanente das sensações físicas desagradáveis em sua economia interna. O homem era um dispéptico crônico. O juízo que fez de meu caso era muito simples. Disse que não passava de uma moléstia do fígado. Claro! Ele sugeriu que eu ficasse para mais uma viagem e no meio-tempo tomasse um certo remédio patenteado no qual depositava a mais absoluta confiança. “Escute o que eu vou fazer. Vou comprar dois vidros para você, com o dinheiro do meu bolso. Que tal? É uma proposta e tanto, não?”

Acredito que bastasse o menor sinal de fraqueza da minha parte para que ele perpetrasse essa atrocidade (ou generosidade). Contudo, na época eu estava mais descontente, desgostoso e decidido do que nunca. Os últimos dezoito meses, tão cheios de experiências novas e variadas, pareciam um desperdício de tempo lúgubre e prosaico. Eu sentia – como expressar? – que neles não havia nenhuma verdade a ser descoberta.

Que verdade? Eu teria um bom trabalho para explicar. Sob pressão, provavelmente eu teria irrompido em pranto. Eu era jovem o suficiente para tal.

No dia seguinte eu e o capitão fizemos nossa transação na Capitania do Porto. Era uma sala elegante, ampla, fria e branca, onde a luz do dia cintilava serena através das cortinas. Todos lá dentro – os oficiais, o público – estavam vestidos de branco. Só as escrivaninhas polidas cintilavam sombrias no corredor central, e alguns papéis sobre elas eram azuis. Do alto, enormes *punkahs* impeliavam brisas suaves por aquele interior imaculado e em nossas cabeças perspirantes.

O oficial atrás da escrivaninha a que nos dirigimos abriu um sorriso amistoso e susteve-o até que, em resposta à pergunta retórica “desembarque e rematrícula?”, o capitão respondeu: “Não! Desembarque definitivo”. Então o sorriso desapareceu com uma solenidade súbita. O oficial não tornou a olhar para mim até devolver os meus papéis com uma expressão de pesar, como se fossem um passaporte para o Hades.

Enquanto eu os guardava, murmurou alguma pergunta para o capitão, e escutei este responder com bom humor:

“Não. Ele está nos deixando para voltar para casa.”

“Ah!”, exclamou o oficial, assentindo com tristeza ao se inteirar de minha lastimável condição.

Eu jamais o vira fora do prédio oficial, mas o homem inclinou-se para frente a fim de apertar a minha mão, cheio de sentimento, como talvez fizesse com algum pobre diabo prestes a ser enforcado; e temo ter desempenhado a minha parte de maneira canhestra, com os modos endurecidos de um criminoso impenitente.

Nenhum pacote zarparia em direção ao lar nos próximos três ou quatro dias. Naquele ponto, como um homem sem navio, tendo rompido temporariamente minha ligação com o mar – na verdade, transformado em um mero passageiro em potencial –, talvez fosse mais propício eu ter buscado alojamento em um hotel. E havia um, a um tiro de pedra da Capitania do Porto, uma construção baixa, mas algo palaciana, que ostentava pavilhões brancos e pilastras cercados por um vistoso gramado. Lá eu teria de fato me sentido um passageiro! Lancei um olhar hostil naquela direção e pus-me a caminho da Casa dos Oficiais e Marinheiros.

Caminhei pelo sol, sem lhe dar atenção, e pela sombra das enormes árvores na esplanada sem desfrutá-la. O calor dos trópicos orientais descia pelos galhos frondosos, envolvendo meu corpo e minhas poucas vestes, agarrando-se à minha insatisfação rebelde, como se para roubá-la de sua liberdade.

A Casa dos Oficiais era um grande bangalô com uma varanda ampla e um jardimzinho de curioso aspecto urbano e algumas árvores entre a fachada e a rua. A instituição partilhava o caráter de um clube residencial, mas uma atmosfera levemente governamental

envolvia-a, uma vez que era administrada pela Capitania do Porto. O cargo oficial do gerente era o de despenseiro-chefe. Era um homenzinho infeliz, cheio de rugas, que com roupas de jóquei teria desempenhado este papel à perfeição. Todavia, era óbvio que em um momento ou outro de sua vida, em uma função ou outra, estivera ligado ao mar. Talvez na abrangente função de fracasso.

Eu teria tomado seu emprego por fácilimo, mas por uma razão ou outra ele costumava dizer que o trabalho ainda iria matá-lo. Aquilo era um tanto misterioso. Talvez tudo lhe fosse demasiado difícil. Sem dúvida ele parecia detestar que houvesse hóspedes na casa.

Ao chegar, tive a impressão de que ele estaria satisfeito. Tudo estava quieto como um túmulo. Não vi ninguém nos saguões; e a varanda também estava deserta, à exceção de um homem no outro extremo, que cochilava de bruços em uma espreguiçadeira. Com o som de minhas passadas ele abriu um olho terrível como o dos peixes. Eu não o conhecia. Logo me afastei e, depois de atravessar a sala de jantar – uma peça muito austera com um *punkah* imóvel pendurado acima da mesa de centro –, bati em uma porta onde se lia, em letras pretas: “Despenseiro”.

A resposta à minha batida foi um gemido irritado e lamentoso: “Minha nossa! Minha nossa! O que foi desta vez?” Entrei sem mais delongas.

Era um aposento um tanto estranho para os trópicos. O crepúsculo e o ar viciado reinavam lá dentro. O sujeito havia pendurado cortinas de renda enormes, empoeiradas e baratas nas janelas, que estavam todas fechadas. Pilhas de caixas de papelão, como as que os chapeleiros e costureiras usam na Europa, amontoavam-se pelos cantos; e de alguma forma ele havia obtido para si o tipo de mobília que poderia ter saído de um salão respeitável no East End londrino – um sofá de crina, poltronas do mesmo material. Divisei sobrecobertas encardidas por cima daqueles estofamentos horríveis, que inspiravam um horror tal que não se podia imaginar que acidente, necessidade ou capricho misterioso havia-os juntado naquele lugar. O proprietário havia tirado a túnica

e, com calças brancas e uma camisa de mangas curtas, espreitava por trás das cadeiras apalpando os magros cotovelos.

Uma exclamação de pesar escapou-lhe quando escutou que eu havia chegado para ficar; mas não foi capaz de negar que houvesse vários quartos desocupados.

“Muito bem. O senhor poderia dar-me o mesmo em que fiquei da outra vez?”

O sujeito emitiu um gemido discreto atrás de uma pilha de caixas de papelão sobre a mesa, onde poderia haver luvas ou lenços ou gravatas. Pus-me a imaginar o que guardaria nelas. Havia um odor de coral morto, de poeira oriental ou de espécimes zoológicos naquele covil. Eu só conseguia ver-lhe o alto da cabeça e os tristes olhos na altura dos meus por sobre a barreira.

“É só por uns dias”, disse eu no intuito de alegrá-lo.

“Talvez o senhor preferisse pagar adiantado?”, sugeri em tom ávido.

“Com certeza não!”, bradei assim que pude falar. “Nunca ouvi uma coisa igual! É um despautério que...”

Ele segurou a cabeça com as duas mãos – um gesto de desespero que deteve minha indignação.

“Minha nossa! Minha nossa! Não se exaspere. Estou pedindo para todos.”

“Não acredito”, disse eu, sem papas na língua.

“Bem, pretendo pedir. E se os senhores todos concordassem em pagar adiantado eu poderia fazer com que Hamilton pagasse também. Ele sempre vem a terra com uma mão na frente e a outra atrás e, mesmo quando tem algum dinheiro, prefere não pagar as contas. Já não sei mais o que fazer. Ele me xinga e diz que não posso atirar um homem branco no olho da rua. Então se o senhor puder...”

Fiquei surpreso. Incrédulo, também. Julguei aquela insolência desnecessária. Disse-lhe com marcada ênfase que pagamento adiantado só por cima do cadáver dele e de Hamilton, e solicitei que me levasse ao quarto sem mais uma palavra. O homem tirou a chave de algum lugar e conduziu-me para fora de seu covil, lançando-me um terrível olhar de esguelha ao passar.

“Mais alguém que eu conheça por aqui?”, perguntei antes que ele se afastasse do meu quarto.

Ele havia recobrado o tom de voz angustiado e impaciente de sempre e respondeu que o capitão Giles estava lá, após uma viagem pelo mar de Solo. Também havia outros dois hóspedes. Ele deteve-se. Além, é claro, de Hamilton, acrescentou.

“Ah, sim! Hamilton”, disse eu, e aquela criatura miserável afastou-se com um derradeiro grunhido.

Eu ainda remoía a impertinência do homem quando fui almoçar no salão. Ele estava lá, a postos, observando os criados chineses. O almoço foi servido apenas em uma das pontas da mesa comprida, e o *punkah*, cheio de preguiça, agitava o ar quente – pairando acima de um deserto de madeira polida.

Éramos quatro à mesa. O estranho que cochilava na espreguiçadeira era um. Seus dois olhos estavam parcialmente abertos naquele instante, mas não davam a impressão de ver coisa alguma. Parecia um tanto apático. A elegante pessoa ao lado, com suíças curtas e um queixo escrupulosamente barbeado, era, como não poderia deixar de ser, Hamilton. Nunca vi alguém ocupar com tamanha solenidade o lugar que a Providência teve por bem lhe reservar na vida. Haviam me dito que para ele eu não passava de um forasteiro indesejável. Não só ergueu os olhos como também as sobrancelhas ao escutar o barulho que fiz ao puxar minha cadeira.

O capitão Giles estava sentado na ponta. Trocamos algumas palavras de saudação e logo me sentei à sua esquerda. Robusto e pálido, com um grande domo reluzente na fronte calva e protuberantes olhos castanhos, o capitão poderia ter se passado por qualquer coisa, exceto por um marujo. Ninguém se surpreenderia caso descobrisse que ele era um arquiteto. Para mim (sei o quão absurdo isto soa) – para mim ele parecia um fabricante. Parecia um homem de quem se poderiam esperar conselhos sábios, princípios morais, com talvez um ou outro lugar-comum de vez em quando, mas estes jamais tinham a pretensão de impressionar, pois deviam-se à mais pura convicção.

Embora desfrutasse de renome e estima no mundo naval, o capitão não tinha emprego fixo. Tampouco queria um. Ele tinha seu

próprio cargo peculiar. Era um especialista. Um especialista em – como direi? – em navegações complexas. O capitão sabia mais sobre partes remotas e ainda não mapeadas do Arquipélago do que qualquer outro homem vivo. Seu cérebro devia ser um depósito perfeito de recifes, coordenadas, rumos, imagens de promontórios, contornos de orlas obscuras, silhuetas de incontáveis ilhas, desertas ou não. Qualquer navio, por exemplo, com destino a Palawan ou algum outro lugar por aquelas bandas teria o capitão Giles a bordo, fosse no comando temporário ou como “auxiliar do comandante”. Corriam boatos de que ele recebia adiantamentos de uma abastada firma chinesa de navios a vapor por conta desses serviços. Além do mais, o capitão estava sempre disposto a fazer a vontade de qualquer homem que desejasse passar uma temporada em terra. Nenhum proprietário opunha-se a esses arranjos. Afinal, no porto todos concordavam que o capitão Giles era tão bom quanto os melhores, ou até um pouco melhor. Mas na opinião de Hamilton ele era um “forasteiro”. Creio que na opinião de Hamilton a generalização “forasteiro” abrangia a nós todos; embora suponha que ele fizesse algumas distinções em sua cabeça.

Não tentei puxar assunto com o capitão Giles, a quem eu não tinha visto mais do que duas vezes na vida. Mas, claro, ele sabia quem eu era. Em seguida, inclinando a cabeçorra brilhante em minha direção, dirigiu-me a palavra de maneira amistosa. Disse que, ao ver-me lá, pressupôs que eu fosse tirar uma licença de alguns dias em terra.

Era um homem de voz mansa. Falei um pouco mais alto, dizendo que não – eu havia abandonado o navio de uma vez por todas.

“Livre por algum tempo”, foi o comentário dele.

“Acho que sim – desde as onze da manhã”, disse eu.

Hamilton havia parado de comer ao escutar nossas vozes. Largou a faca e o garfo com cuidado, levantou-se e, murmurando alguma coisa sobre “este calor infernal que acaba com o apetite da gente”, saiu do salão. Quase de imediato ouvimos seus passos deixarem a casa pelos degraus da varanda.

Nesse ponto o capitão Giles comentou que o sujeito sem dúvida havia saído atrás do meu antigo posto. O despenseiro, que estava recostado na parede, trouxe o rosto de bode infeliz para mais próximo da mesa e dirigiu-nos a palavra em um tom lamurioso. O objetivo dele era comentar seu eterno desgosto em relação a Hamilton. O sujeito causava-lhe problemas constantes com a Capitania do Porto por causa das dívidas que contraía. O despenseiro queria de todo o coração que Hamilton conseguisse meu antigo serviço, mas na verdade de que adiantaria? O alívio seria apenas temporário.

Eu disse: "Não se preocupe. Ele não vai conseguir o serviço. Meu sucessor já está a bordo".

O homem ficou surpreso, e creio que seu rosto abateu-se um pouco com a notícia. O capitão Giles deu uma leve risada. Levantamo-nos e saímos para a varanda, deixando aquele homem estranho e apático a cargo dos chineses. A última coisa que vi foi quando lhe serviram um prato com uma fatia de abacaxi e afastaram-se para ver o que aconteceria. Mas o experimento revelou-se um fracasso. O homem permaneceu imóvel.

A voz mansa do capitão Giles confiou-me que aquele era um oficial do iate de algum rajá que havia chegado a nosso porto para entrar em doca seca. Deveria ter passado a noite anterior "vendo a vida", acrescentou, torcendo o nariz de um jeito íntimo e confidencial que me agradou sobremaneira. Afinal, o capitão Giles tinha prestígio. Creditavam-lhe incríveis aventuras e uma tragédia pessoal misteriosa. Nenhum homem tinha censuras a lhe fazer. Ele prosseguiu:

"Lembro da primeira vez que desembarcou por aqui uns anos atrás. Parece que foi ontem. Ele era um bom garoto. Ah! Esses bons garotos!"

Não pude conter uma risada. O capitão pareceu surpreso, mas logo riu também. "Não! Não! Não foi isso o que eu quis dizer", gritou. "Eu quis dizer é que muitos deles amolecem depressa aqui neste lugar."

Brincando, sugeri que o motivo poderia ser o calor escaldante. Mas o capitão Giles mostrou que se guiava por uma filosofia mais

profunda. No Oriente a vida era fácil para os brancos. Até aí tudo bem. A dificuldade era continuar sendo branco, e alguns desses bons garotos não sabiam como. O capitão lançou-me um olhar inquisidor e, com modos benévolos como os de um tio, perguntou-me à queima-roupa:

“Por que você deixou seu posto?”

Irritei-me de repente, pois é claro o quão exasperante uma pergunta destas pode ser para alguém que não sabe respondê-la. Disse a mim mesmo que eu deveria tentar calar aquele moralista; e respondi com uma polidez atrevida:

“Por quê...? O senhor desaprova?”

O capitão ficou muito desconcertado para fazer mais do que balbuciar: “Eu! De modo geral...”, e então desistiu. Mas retirou-se sem mais incidentes, sob a proteção de um comentário muito espirituoso segundo o qual ele também estava amolecendo, e aquela era a hora de tirar uma sesta – quando estava em terra. “Um hábito terrível. Terrível.”

O homem tinha uma simplicidade capaz de desarmar até mesmo rabugices mais jovens do que a minha. Então quando no dia seguinte, à hora do almoço, inclinou a cabeça em minha direção e disse que tinha encontrado meu antigo capitão na noite anterior, acrescentando a meia-voz: “Ele está muito triste com a sua saída. Disse que nunca tinha tido um imediato que o servisse tão bem”, respondi cheio de honestidade, sem nenhuma afetação, que sem dúvida eu jamais havia me sentido tão à vontade em outro navio ou com outro comandante em toda a minha vida no mar.

“Bem – então?”, murmurou ele.

“Capitão Giles, o senhor não sabe que eu pretendo ir para casa?”

“Sei”, disse ele em tom benevolente. “Já ouvi essa história muitas e muitas vezes.”

“E daí?”, retruquei. Pensei que aquele era o homem mais chato e sem imaginação que eu já tinha conhecido. Não sei o que mais eu teria dito, mas Hamilton, muito atrasado, entrou naquele instante e sentou-se à mesa no lugar de sempre. Então adotei um cochicho.

“Seja como for, desta vez o senhor vai ver que acontece.”

Hamilton, com o barbeado impecável, acenou discretamente a cabeça para o capitão Giles, mas não se prestou sequer a erguer as sobrancelhas para mim; e, quando abriu a boca, foi apenas para dizer ao despenseiro que a comida em seu prato não era digna de um cavalheiro. O indivíduo assim interpelado pareceu tão infeliz que não chegou sequer a grunhir. Apenas ergueu os olhos até o *punkah* e isso foi tudo.

Eu e o capitão Giles levantamo-nos, e o estranho ao lado de Hamilton fez o mesmo, pondo-se de pé com alguma dificuldade. O coitado, não porque estivesse faminto mas, segundo creio, só para recobrar sua autoestima, tentou levar um pouco daquela comida indigna à boca. Porém, depois de largar o garfo duas vezes e fracassar em definitivo, sentou-se com ares de profunda mortificação e um terrível olhar vidrado. Tanto Giles como eu evitávamos olhar em sua direção.

Na varanda ele se deteve para dirigir-nos um longo comentário angustiado do qual não entendi uma única palavra. Parecia uma horrível língua desconhecida. Mas quando o capitão Giles, após um breve instante de reflexão, tranquilizou-o ao dizer “Claro, não há dúvida. É isso mesmo”, o homem pareceu muito grato e afastou-se (de modo um tanto direto) em direção a uma espreguiçadeira distante.

“O que ele estava querendo dizer?”, perguntei, enojado.

“Não sei. Mas não devemos ser duros demais com as pessoas. Ele está se sentindo um tanto miserável, pode ter certeza; e amanhã estará ainda pior.”

A julgar pela aparência do homem, parecia impossível. Fiquei imaginando que pândegas descontroladas poderiam tê-lo reduzido àquela condição indescritível. A benevolência do capitão Giles era maculada por um curioso ar de autossatisfação que me desagradava. Eu disse com uma leve risada:

“Bem, ele terá o senhor para consolá-lo.” O capitão fez um gesto de desprezo, sentou-se e pegou um jornal. Fiz o mesmo. Os jornais eram velhos e desinteressantes, na maior parte repletos de descrições estereotípicas sobre a celebração do primeiro jubileu da rainha Vitória. Provavelmente teríamos sucumbido sem demora a um

cochilo tropical vespertino se a voz de Hamilton não se erguesse no salão de jantar. Ele estava terminando o almoço. As enormes portas duplas ficavam abertas o tempo todo, e ele não tinha como saber o quão próximos estávamos do vão de entrada. Ouvimos enquanto respondia em tom alto e orgulhoso a algum comentário do despenseiro.

“Não aceito que me apressem a fazer nada. Eles já ficarão muito gratos de ter um gentil-homem a bordo. Não há pressa alguma.”

A seguir veio um sussurro do despenseiro e então ouvimos Hamilton falar mais uma vez, com desdém ainda maior.

“O quê? Aquele jovem boçal acha que vale alguma coisa só porque foi imediato de Kent por todo esse tempo? Ridículo!”

Eu e Giles olhamo-nos. Sendo que Kent era o nome do meu antigo comandante, o sussurro do capitão Giles, “Ele está falando de você”, pareceu-me puro desperdício de saliva. O despenseiro deve ter insistido, qualquer que fosse sua opinião, pois ouvimos Hamilton falar mais uma vez e com ainda mais empáfia, cheio de si:

“Quanta bobagem, meu bom homem! Ninguém *compete* com um forasteiro indesejável como aquele. Eu tenho tempo suficiente.”

Então ouvimos o arrastar das cadeiras, o ruído de passos na peça ao lado e protestos lamentosos do despenseiro, que foi seguindo Hamilton até a entrada principal.

“Este homem não tem respeito”, observou o capitão Giles – um comentário bastante supérfluo, na minha opinião. “Não tem nenhum respeito. Você por acaso o ofendeu de alguma forma?”

“Nunca falei com ele em toda a minha vida”, respondi contrariado. “Também não sei que competição é essa. Ele está tentando pegar o meu lugar desde que eu pedi dispensa – e não conseguiu. Mas isso não é exatamente uma competição.”

O capitão Giles balançou a cabeçorra benévola, pensativo. “Ele não conseguiu”, repetiu, muito devagar. “Não, nem vai conseguir nada com Kent. Kent está inconsolável com a sua partida. Diz que você é um ótimo marujo.”

Atirei longe o jornal que eu tinha nas mãos. Endireitei as costas e dei um murro de mão aberta na mesa. Eu queria saber por que o

capitão insistia naquilo, um assunto totalmente pessoal. Era muito enervante.

O capitão Giles silenciou-me com a perfeita equanimidade em seu olhar. “Não há motivo para se aborrecer”, murmurou, com o evidente desejo de aplacar a irritação pueril que havia despertado. E ele de fato tinha uma aparência tão inofensiva que tentei me explicar o melhor que pude. Contei-lhe que eu não queria mais ouvir falar de um passado já morto e enterrado. Tudo havia sido muito bom enquanto durou, mas como era passado eu preferia não falar ou sequer pensar a respeito. Eu estava decidido a ir para casa.

O capitão escutou toda aquela diatribe com peculiar atenção, como se tentasse detectar uma nota falsa em algum lugar; então se endireitou e pareceu meditar sobre o assunto.

“Sim. Você já me disse que pretende ir para casa. Algum plano para quando você chegar?”

Em vez de dizer que não era de sua conta eu respondi com mau humor:

“Nenhum, até onde eu sei.”

De fato eu havia considerado esse aspecto um tanto confuso da situação que eu havia criado para mim ao abandonar de repente um emprego muito satisfatório. E não estava muito satisfeito. Eu estava a ponto de dizer que o bom-senso não tinha nada que ver com a minha decisão e que portanto ela não merecia todo o interesse que o capitão Giles parecia dedicar-lhe. Mas nesse ponto ele tragava um curto cachimbo de madeira e tinha um aspecto tão inocente, estúpido e ordinário que parecia não valer a pena confundir-lo com a verdade ou com o sarcasmo.

O capitão exalou uma nuvem de fumaça e então pegou-me de surpresa com um comentário abrupto: “Você já pagou a sua passagem?”

Vencido pela obstinação descarada de um homem a quem me era difícil tratar com grosseria, respondi com debilidade exagerada que ainda não. Eu achava que teria tempo de sobra para fazer o pagamento no dia seguinte.

E eu estava prestes a ir embora, afastando minha privacidade dessas tentativas vãs e infrutíferas de pôr-me à prova, quando o

capitão baixou o cachimbo com um gesto muito significativo, sabe, como se houvesse chegado um momento decisivo, e inclinou-se de lado por cima da mesa entre nós.

“Ah! Então você ainda não pagou!” Ele baixou a voz, como se tratasse de algum mistério. “Bem, então acho que você precisa saber que tem alguma coisa acontecendo por aqui.”

Nunca em toda a minha vida eu me sentira tão afastado dos assuntos terrenos. Livre do mar por um tempo, preservei a consciência que os marinheiros têm quanto à sua total independência de todos os assuntos em terra. Como poderiam me dizer respeito? Observei a empolgação do capitão Giles com desdém em vez de curiosidade.

À pergunta obviamente introdutória que me fez, querendo saber se o despenseiro havia falado comigo naquele dia, respondi que não. E além disso ele não teria recebido nenhum incentivo caso houvesse tentado. Eu não queria ouvir uma palavra daquele sujeito.

Indiferente à minha petulância, o capitão Giles, com um ar de profunda sagacidade, começou a contar-me uma história detalhada sobre um ordenança da Capitania do Porto. Era uma história absolutamente irrelevante. Um ordenança fora visto na varanda naquela manhã com uma carta na mão. Era um envelope oficial. Como é de praxe entre esses sujeitos, mostrou-a para o primeiro homem branco que lhe cruzou o caminho. Este homem foi nosso amigo da espreguiçadeira. Como eu mesmo sabia, ele não estava em condições de interessar-se por nenhum assunto sublunar. Não teve outra alternativa senão mandar o ordenança embora. Então o ordenança continuou andando pela varanda e deparou-se com o capitão Giles, que lá estava por um acaso extraordinário...

Nesse ponto ele deteve-se com um olhar perscrutador. A carta, prosseguiu, estava endereçada ao despenseiro. Mas que assunto o capitão Ellis, o Capitão do Porto, teria a tratar com o despenseiro? De qualquer modo, o sujeito ia toda manhã até a Capitania com um relatório, para receber ordens ou sabe-se lá o quê. Menos de uma hora após seu retorno um ordenança da capitania estava atrás dele com um bilhete. Mas para quê?

E o capitão Giles começou a especular. Não poderia ser para isso – nem tampouco para aquilo. Quanto àquele outro, era absolutamente impensável.

A inutilidade de toda essa conversa me deixou estarecido. Se o capitão não fosse uma personalidade simpática eu teria tomado aquilo por um insulto. Da maneira como foi, só tive pena. Algo extremamente honesto em seu olhar impediu que eu risse na cara dele. Nem ao menos bocejei. Fiquei apenas olhando.

A voz dele assumiu um tom de mistério. Assim que o sujeito (refiro-me ao despenseiro) recebeu o bilhete, pegou às pressas o chapéu e disparou porta afora. Mas não porque o bilhete solicitasse sua presença na Capitania do Porto. Não foi para lá que ele se dirigiu. Sua ausência foi curta demais para tal. Voltou apressado logo em seguida, atirou longe o chapéu e saiu correndo pelo salão de jantar gemendo e estapeando a testa. Todos esses acontecimentos e manifestações emocionantes foram observados pelo capitão Giles. Segundo parecia, ele vinha meditando sobre o ocorrido desde então.

Comecei a sentir muita pena daquele homem. E, num tom que tentei manter o menos sarcástico possível, eu disse que me alegrava de saber que ele tinha encontrado algo com o que ocupar a manhã.

Com uma simplicidade enternecedora o capitão me fez notar, como se fosse de meu interesse, que era um tanto estranho ele ter passado a manhã inteira na casa. Em geral saía antes do almoço, fazendo visitas a escritórios, vendo amigos no porto e assim por diante. Porém, havia se sentido meio indisposto ao levantar. Nada de mais. Só o suficiente para deixá-lo com preguiça.

Tudo isso com um olhar fixo, envolvente, que, somado à inaniidade geral do discurso, dava a impressão de uma loucura suave, lamentável. E quando ele puxou a cadeira com um solavanco e baixou a voz ao tom grave do mistério, ocorreu-me que uma excelente reputação profissional não era nenhuma garantia de sanidade mental.

Eu nunca tinha percebido que não sabia exatamente no que consistia a sanidade nem como, no geral, este era um assunto delicado e desprovido de importância. Decidido a não ferir os sentimentos do capitão, pisquei os olhos afetando interesse. Mas

quando a seguir ele perguntou-me, em tom de mistério, se eu recordava o que acabara de se passar entre o nosso despenseiro e “aquele tal de Hamilton”, grunhi uma afirmativa azeda e olhei para longe.

“Muito bem. Mas você lembra de cada palavra?”, insistiu ele.

“Eu sei lá. Não tenho nada a ver com isso”, retruquei, condenando Hamilton e o despenseiro à danação eterna.

Eu pretendia ser enérgico e pôr fim ao assunto, mas o capitão Giles continuou a me encarar, pensativo. Nada seria capaz de impedi-lo. Ele me recordou que meu nome estava envolvido naquela conversa. Quando insisti em manter minha suposta despreocupação o capitão entregou-se de vez à crueldade. Eu tinha ouvido o que o homem disse? Sim? Então o que eu achava daquilo? – ele queria saber.

Como o aspecto do capitão Giles acabasse com as minhas suspeitas de malícia pura e simples, concluí que ele era simplesmente o imbecil mais inconveniente do mundo. Eu quase desprezava a mim mesmo pela fraqueza de tentar esclarecer sua limitada compreensão. Comecei a explicar que eu não achava coisa nenhuma. Hamilton não valia sequer uma opinião. O que um vagabundo daqueles... “Sim! É isso mesmo o que ele é”, exclamou o capitão Giles... pensasse ou dissesse estava abaixo do desprezo de qualquer homem digno, e eu não estava disposto a lhe dar sequer a menor atenção.

Essa atitude parecia-me tão simples e óbvia que fiquei realmente surpreso ao ver que Giles não expressou nenhum tipo de apoio. Uma estupidez perfeita como aquela era quase interessante.

“O que o senhor quer que eu faça?”, perguntei, rindo. “Não vou brigar com ele por causa do juízo que fez a meu respeito. Claro, já percebi a maneira desdenhosa como ele se refere a mim. Mas ele não chama a minha atenção para esse desdém. Nunca o expressou na minha presença. Agora mesmo ele não sabia que estávamos escutando. Eu só faria papel de ridículo.”

O incansável Giles seguiu mal-humorado, fumando o cachimbo. De repente o semblante dele se abriu e ele falou.

“Você não me entendeu.”

“Ah, não? Que bom”, disse eu.

Com entusiasmo cada vez maior ele repetiu que eu não o havia entendido. Não havia entendido nada. E num tom de crescente satisfação pessoal disse-me que poucas coisas escapavam à sua atenção e que tinha o hábito de pensar a respeito delas e que em geral, graças ao conhecimento que tinha da vida e dos homens, chegava à conclusão correta.

Essa presunção discreta, claro, ajustava-se perfeitamente à inaniidade excruciante de toda a conversa. Tudo isso fortaleceu em mim a crença obscura de que a vida nada mais é do que um desperdício de tempo que, de maneira meio inconsciente, havia-me afastado de um posto confortável, dos homens de quem eu gostava, para fugir da ameaça do vazio... e encontrar a inaniidade na primeira curva. Eu estava diante de um homem de personalidade e conquistas notáveis que se revelara um falastrão lunático e desanimador. E provavelmente era assim por toda parte – do oriente ao ocidente, da base até o topo da escala social.

Um enorme desânimo abateu-se sobre mim. Uma sonolência espiritual. A voz de Giles continuava a vangloriar-se; a voz da fútil pretensão universal. Eu já não estava mais irritado. Não havia nada de original, nada de novo, de surpreendente, de informativo a se esperar do mundo; nenhuma oportunidade para se descobrir coisas sobre nós mesmos, nenhuma sabedoria a adquirir, nenhum prazer a desfrutar. Tudo era estúpido e superestimado, da mesma forma que o capitão Giles. Que assim seja.

O nome de Hamilton de repente chamou-me a atenção e pôs-me agitado.

“Achei que já tivéssemos resolvido este assunto”, eu disse, com o maior desgosto imaginável.

“Sim. Mas levando em conta o que acabamos de ouvir, eu acho que você deve fazer.”

“Devo fazer?” Endireitei-me, confuso. “Fazer o quê?”

O capitão Giles confrontou-me, surpreso.

“Ora! Fazer o que eu estou lhe sugerindo. Vá e pergunte ao despenseiro o que havia naquele envelope da Capitania do Porto. Sem rodeios.”

Fiquei sem palavras por um tempo. Eu estava diante de algo tão inesperado e original que chegava a ser incompreensível. Murmurei, estupefato:

“Mas eu achei que era Hamilton que o senhor...”

“Exato. Mas você não pode permitir. Faça o que lhe digo. Vá atrás do despenseiro. Aposto que ele dará um pulo”, insistiu o capitão Giles, fazendo gestos impressionantes com o cachimbo fumarento em minha direção. Então deu três tragadas rápidas.

Sua expressão de argúcia triunfante era indescritível. No entanto o homem permanecia sendo uma criatura estranhamente simpática. A benevolência irradiava dele de forma ridícula, suave, extraordinária. Ao mesmo tempo era irritante. Mas eu observei friamente, como quem trata de algo incompreensível, que não havia motivo para expor-me à esnobação do sujeito. Ele era um despenseiro incompetente e além disso um miserável, mas eu pisaria com gosto em seus calos.

“Pisar nos calos dele”, disse o capitão Giles em um tom escandalizado. “Seria muito útil para você.”

Esse comentário foi tão irrelevante que não admitia resposta. Mas a sensação de absurdo enfim começava a exercer seu conhecido fascínio. Senti que eu não devia deixar aquele homem seguir falando comigo. Levantei-me, observando com polidez que aquilo era demais para mim – eu não estava entendendo.

Antes que eu pudesse afastar-me o capitão voltou a falar em um tom alterado pela obstinação enquanto dava tragadas nervosas no cachimbo.

“Bem – ele é um – um zero à esquerda – enfim. Mas você – apenas pergunte. Só isso.”

Aquela nova atitude impressionou-me – ou antes fez com que eu me detivesse. Mas logo que a sanidade restabeleceu-se eu deixei a varanda após dar um sorriso amarelo na direção dele. Depois de algumas passadas vi-me no salão de jantar, já limpo e vazio. Mas nesse ínterim ocorreram-me diversos pensamentos, tais como: que Giles estava fazendo troça de mim, tentando divertir-se às minhas custas; que eu provavelmente parecia estúpido e ingênuo; que eu sabia muito pouco a respeito da vida...

A porta à minha frente abriu-se de repente, para minha grande surpresa. Era a porta onde estava escrito "Despenseiro", e o próprio homem correu para fora do covil abafado e filistino com seus modos absurdos de animal acuado em direção à porta que dava para o jardim.

Até hoje não sei por que o chamei. "Ei! Espere um pouco." Talvez tenha sido o olhar de soslaio que lançou em minha direção; ou quem sabe eu ainda estivesse sob a influência da seriedade misteriosa do capitão Giles. Bem, foi algum tipo de impulso; um efeito daquela força, presente em algum lugar de nossas vidas, que as molda desta ou daquela maneira. Pois se essas palavras não houvessem deixado meus lábios (minha vontade não teve relação alguma com o ocorrido), sem dúvida eu ainda levaria a vida de um marujo, embora traçada por linhas que hoje me são inconcebíveis.

Não. Minha vontade não desempenhou nenhum papel. De fato, eu mal acabara de fazer aquele fatídico barulho quando senti um profundo arrependimento. Se o homem houvesse parado e olhado em minha direção eu teria de retirar-me, perturbado. Afinal, eu não tinha a menor intenção de levar a cabo o gracejo idiota do capitão Giles, fosse às minhas custas ou às custas do despenseiro.

Mas nesse ponto o velho instinto humano da caçada entrou em jogo. Ele fingiu não ouvir, e eu, sem pensar, corri pelo meu lado da mesa de jantar e interceptei-o junto à porta.

"Por que o senhor não responde quando lhe dirigem a palavra?", perguntei, irritado.

Ele escorou-se no lintel da porta. Parecia infeliz ao extremo. Temo que no fundo a natureza humana não seja muito bonita. Nela existem manchas um tanto feias. Percebi que a minha raiva aumentava, e isso, segundo acreditei então, só porque a minha vítima parecia tão arrasada. Maldito pedinchão!

Falei sem rodeios. "Entendo que hoje pela manhã chegou aqui na Casa uma comunicação oficial da Capitania do Porto. Certo?"

Em vez de mandar-me cuidar da minha vida, como poderia ter feito, o homem começou a resmungar com uma discreta nota de impertinência. Ele não havia me encontrado em parte alguma

naquela manhã. Tampouco poderia atravessar a cidade à minha procura.

“Ninguém lhe pediu nada disso!”, gritei. Então meus olhos abriram-se para o caráter introvertido das coisas e das conversas cuja trivialidade fora-me tão confusa e maçante.

Eu disse que queria saber o que estava escrito na carta. A firmeza da minha voz e da minha postura era apenas meio fingida. A curiosidade pode ser um sentimento poderoso – às vezes.

O homem escondeu-se atrás de um mau humor estúpido, balbuciante. Não era nada para mim, murmurou. Eu dissera-lhe que estava indo para casa. E como eu estava indo para casa ele não via por que deveria...

Essa era a linha de sua argumentação, irrelevante o suficiente para ser quase um insulto. Um insulto à inteligência, digo.

Naquela região crepuscular entre a juventude e a maturidade, onde meu ser então estava, ficamos especialmente propensos a esse tipo de insulto. Temo que a minha postura para com o despenseiro tenha se tornado um tanto severa. Mas ele não era do tipo que enfrenta as coisas ou as pessoas. Drogas ou o hábito de beber sozinho, talvez. E quando deixei-me levar a ponto de lançar imprecações contra ele o homem desabou e começou a gritar.

Não quero dizer que ele tenha feito um escândalo. Foi uma confissão desalentada, aos gritos, porém débil – débil a ponto de dar pena. Também não foi muito coerente, mas bastou para deixar-me perplexo quando a ouvi. Afastei os olhos dele com justa indignação e vi o capitão Giles no vão da porta, observando a cena em silêncio – sua própria obra, se posso me expressar assim. O cachimbo preto fumegante chamava muita atenção em seu punho grande, paternal. Da mesma forma o brilho da pesada corrente de ouro de seu relógio, atravessada sobre o peito da túnica. Ele exalava uma atmosfera de astúcia virtuosa, serena o bastante para que as almas inocentes voassem confiantes em sua direção. Eu voei em direção a ele.

“O senhor não vai acreditar”, gritei. “Era uma notificação de que estão à procura de um comandante para um navio. Parece que tem um comando dando sopa e este sujeito simplesmente pôs o comunicado no bolso!”

O despenseiro gritou, com audíveis notas de desespero: “O senhor vai acabar me matando!”

O forte tapa que deu na própria testa também foi muito audível. Mas quando me virei em sua direção ele já não estava mais lá. Havia fugido para algum lugar além do meu campo de visão. Esse desaparecimento súbito fez-me dar risada.

Era o fim do incidente – para mim. O capitão Giles, no entanto, com o olhar fixo no lugar onde o despenseiro estivera, começou a dar puxões na belíssima corrente de ouro até que por fim o relógio emergisse do bolso como a verdade sólida emerge de um poço. Com gestos solenes o capitão voltou a guardá-lo e só então disse:

“São apenas três horas. Você ainda tem tempo – isto é, se não perder mais nenhum.”

“Tempo para quê?”, perguntei.

“Meu Deus! Para chegar à Capitania do Porto. Investigar melhor o assunto.”

A bem dizer, ele tinha razão. Mas eu nunca tive muito gosto por investigações, por parecer melhor que os outros e fazer todo esse trabalho sem dúvida repleto de méritos éticos. E a minha opinião acerca do ocorrido era puramente ética. Se alguém ainda fosse matar o despenseiro eu não via por que não devesse ser o próprio capitão Giles, um homem maduro e respeitado e também um hóspede permanente. Enquanto eu, por outro lado, sentia-me como um mero visitante naquele porto. Na verdade, poder-se-ia dizer que eu já rompera a minha ligação. Murmurei que eu não achava – que não era nada para mim...

“Nada!”, repetiu o capitão Giles, dando sinais de indignação silenciosa, deliberada. “Kent bem me disse que você era um sujeito estranho. Agora você vem me dizer que um comando não é nada – e depois de todo o esforço que eu fiz!”

“Esforço!”, balbuciei, sem compreender. Que esforço? Eu só lembrava de ter ficado confuso e entediado com a conversa do capitão por uma hora inteira depois do almoço. E para ele aquilo era um grande esforço.

Ele ficou me olhando com um ar satisfeito que teria parecido odioso em qualquer outro homem. Ato contínuo, como se a página

de um livro fosse virada revelando uma palavra que esclarecia tudo o que viera até então, percebi que o assunto tinha um outro aspecto além da ética.

Mas permaneci imóvel. O capitão Giles perdeu um pouco da paciência. Com uma tragada irritada no cachimbo, deu as costas à minha hesitação.

Mas não era hesitação de minha parte. Eu sentia, se é que posso me expressar assim, como se a minha mente estivesse enguiçada. Porém, tão logo me convenci de que o mundo aborrecido e inútil da minha insatisfação trazia um comando a ser assumido, recobrei meus poderes de locomoção.

É uma boa caminhada entre a Casa dos Oficiais e a Capitania do Porto; mas com a palavra mágica "comando" na minha cabeça eu de repente me vi no cais, como que transportado em um piscar de olhos, em frente a um portal de pedra branca polida logo acima de uma escada com pequenos degraus brancos.

Tudo parecia flutuar depressa em minha direção. Todo o enorme ancoradouro à minha direita não passava de uma faísca azul, e o fresco corredor escuro engoliu-me para longe do calor e da luz, que eu não havia percebido até o momento em que cruzei o umbral.

A enorme escadaria interna de algum modo insinuou-se sob os meus pés. O comando é um encanto poderoso. Os primeiros seres humanos que percebi após deixar para trás as costas indignadas do capitão Giles foram os homens da lancha a vapor do porto, descansando no espaçoso patamar que rodeava a arcada acortinada da agência marítima.

Foi lá que a alegria me abandonou. A atmosfera oficial mataria qualquer coisa que respirasse o ar da empresa humana, extinguiria a um só tempo a esperança e o medo com a supremacia da tinta e do papel. Atravessei pesaroso a cortina que o patrão malaio da lancha a vapor ergueu para mim. Não havia ninguém lá dentro além de alguns funcionários, que escreviam com afinco em duas fileiras. Mas o engajador-chefe saltou de uma elevação e apressou-se ao longo dos grossos tapetes para receber-me na ampla passagem central.

Ele tinha um nome escocês, mas a pele era de um intenso tom moreno, a barba aparada era negra como breu e os olhos, também negros, tinham uma expressão aquebrantada. Ele perguntou em tom de confiança:

“O senhor gostaria de vê-Lo?”

Após toda a leveza de corpo e espírito abandonarem-me por força do contato com o oficialismo, olhei para o escriba sem nenhuma animação e respondi, enfasiado:

“O que o senhor acha? Pode adiantar alguma coisa?”

“Minha nossa! Ele já mandou chamá-lo duas vezes hoje.”

Este Ele tão enfático era a autoridade suprema, o Superintendente Marítimo, o Capitão do Porto – uma grande personalidade aos olhos de todos os borra-papéis no recinto. Mas isso não era nada comparado à opinião que ele mesmo tinha de sua própria grandeza.

O capitão Ellis via-se como uma emanção divina (pagã), o Netuno interino dos mares circunjacentes. Se não governava as ondas, ao menos fingia governar o destino dos mortais cujas vidas eram lançadas ao mar.

Essa ilusão otimista conferia-lhe um caráter inquisitivo e peremptório. E, como era um homem de temperamento colérico, havia quem chegasse a temê-lo. Era intimidador, não devido à posição que ocupava, mas por causa de suas crenças insustentáveis. Eu não me envolvia com ele para nada até então.

Falei: “Ah! Ele já mandou chamar-me duas vezes. Então acho que é melhor eu entrar”.

“Com certeza! Com certeza!”

O engajador conduziu-me com passadas elegantes por toda a periferia do sistema de escrivaninhas até uma porta alta e de aparência imponente, que então abriu com um respeitoso movimento do braço.

Ele entrou (sem no entanto largar a maçaneta) e, depois de olhar com reverência em direção à sala por alguns instantes, com um gesto silencioso da cabeça convidou-me a entrar. Então se afastou de imediato e fechou a porta atrás de mim com a maior delicadeza.

Três janelas altas davam para o porto. Nelas não se via nada além do cintilante mar azul-escuro e de um luminoso azul pálido no céu. Meus olhos captaram, na profundidade e nas distâncias das tonalidades azuis, o ponto branco de algum grande navio recém-chegado prestes a fundear no ancoradouro. Um navio de casa – depois de uns noventa dias no mar. Existe algo de comovente em um navio que chega do mar e fecha as asas em repouso.

O que vi a seguir foi um tufo de cabelos grisalhos a colmar o liso rosto vermelho do capitão Ellis, que teria parecido apoplético se não tivesse uma aparência tão fresca.

Nosso Netuno interino não tinha barba no queixo, e não se via nenhum tridente guardado pelos cantos, como um guarda-chuva. Mas na mão ele trazia uma caneta – a caneta oficial, mais poderosa do que a espada ao fazer ou arruinar a fortuna de simples homens trabalhadores. Ele permaneceu olhando por cima do ombro enquanto eu me aproximava.

Quando cheguei mais perto, saudou-me com um irritante: “Onde o senhor esteve esse tempo todo?”

Como isso não era de sua conta, fingi não ter escutado. Disse apenas ter ouvido que precisavam de um comandante para uma embarcação e, sendo um homem do mar, tinha pensado em me candidatar...

Ele me interrompeu. “Ora! Já chega! O senhor é o homem *perfeito* para este trabalho – ainda que houvesse vinte outros interessados. Mas não se espante. Todos eles têm medo de enfrentar o desafio. Esse é o problema.”

Ele estava muito irritado. Eu disse em tom inocente: “É mesmo, senhor? Mas medo de quê?”

“Ora!”, bradou ele. “Medo das velas. Medo da tripulação branca. Muita incomodação. Muito trabalho. Muito tempo passado aqui. O que eles querem é vida fácil e cadeiras de convés. Enquanto isso eu fico aqui com o telegrama do Cônsul-Geral na minha frente, e o único homem apto a fazer o serviço não está em lugar nenhum. Cheguei a pensar que o senhor também estivesse desistindo...”

“Eu não demorei a chegar”, comentei, mantendo a calma.

“O senhor tem bom nome por aqui”, rugiu ele com selvageria sem olhar para mim.

“Folgo em saber, senhor”, respondi.

“Sim. Mas o senhor não estava aqui quando precisamos. O senhor sabe que não estava. Aquele seu despenseiro não ousaria negligenciar um comunicado desta capitania. Onde diabos o senhor escondeu-se quase o dia inteiro?”

Apenas dei um sorriso gentil, e o capitão pareceu recobrar a postura e convidou-me a sentar. Explicou-me que, como o capitão de um navio inglês houvesse morrido em Bangkok, o Cônsul-Geral havia lhe enviado um telegrama solicitando que designasse um homem competente para assumir o comando.

Era visível que o capitão havia pensado em mim desde o primeiro momento, embora pelo jeito a notificação enviada à Casa dos Marinheiros fosse aberta a todos. O contrato já estava pronto. Ele mo deu para ler e, quando entreguei-o de volta com a observação de que aceitava aqueles termos, o Netuno interino assinou-o, carimbou-o com a mão exaltada, dobrou-o em quatro (era uma folha de ofício azul) e apresentou-o a mim – um presente de extraordinário poder, pois, quando guardei-o em meu bolso, senti a cabeça rodar.

“Esta é sua nomeação para o comando”, disse ele com uma certa gravidade. “Uma nomeação oficial que obriga os proprietários a cumprirem com as condições que o senhor aceitou. Então – quando o senhor estará pronto para zarpar?”

Respondi que estaria pronto naquele mesmo dia se necessário. Ele aproveitou a deixa. O vapor *Melita* partiria em direção a Bangkok por volta das sete da noite. Ele pediria oficialmente que o capitão desse-me passagem e aguardasse até as dez horas.

Então se levantou da cadeira, e eu também me pus de pé. Minha cabeça estava rodando, não havia dúvida, e senti um certo peso nos meus braços e pernas, como se houvessem crescido durante o tempo que passei sentado naquela cadeira. Fiz minha mesura.

Uma discreta mudança nos modos do capitão Ellis fez-se notar, como se houvesse posto de lado o tridente de Netuno interino. Na

verdade, era apenas a caneta oficial o que ele havia largado ao se levantar.

II

Ele apertou minha mão: "Bem, aí está. O senhor foi nomeado oficialmente sob minha responsabilidade".

O capitão acompanhou-me até a porta. Como parecia distante! Eu caminhava como um homem acorrentado. Mas enfim a alcançamos. Abri-a com a sensação de estar lidando com a mesma matéria de que os sonhos são feitos, e então, no último instante, a camaradagem entre os homens do mar reafirmou-se, mais forte do que a diferença de idade e de posição. Reafirmou-se na voz do capitão Ellis.

"Adeus – e boa sorte", disse ele com uma sinceridade tal que só pude lançar-lhe um olhar agradecido. Então me virei e parti, para nunca mais o ver em minha vida. Eu ainda não tinha dado três passos porta afora quando ouvi às minhas costas uma voz ríspida, sonora e autoritária, a voz de nosso Netuno interino.

Ele dirigia-se ao engajador-chefe que, aparentemente, depois de receber-me havia ficado de um lado para o outro sem saber o que fazer. "Sr. R., tome as providências necessárias para que a lancha do porto leve o capitão aqui a bordo do *Melita* às nove e meia da noite."

Fiquei surpreso com o entusiasmo do "Sim, senhor" de R. Ele correu à minha frente no patamar. Minha dignidade recém-adquirida ainda era tão tênue que não percebi que era eu, o capitão, o motivo dessa última cortesia. De repente era como se um par de asas houvesse crescido em minhas costas. Eu mal tocava o chão polido com os pés.

Mas R. estava impressionado.

"Ora!", exclamou no patamar, enquanto a tripulação malaia da lancha olhava com indiferença para o homem que os manteria

ocupados até tarde, longe dos carteados, das garotas ou das simples alegrias do lar. “Ora! A lancha! O que o senhor fez com ele?”

O olhar do homem estava repleto de uma curiosidade reverente. Fiquei um tanto perplexo.

“Foi por minha causa? Eu não fazia a menor ideia”, balbuciei.

Ele acenou diversas vezes com a cabeça. “Sim. E a última pessoa antes do senhor foi um duque. Veja só!”

Creio que ele esperava me ver desmaiar no mesmo instante. Mas eu não tinha tempo para efusões sentimentais. A agitação de meus sentimentos era tanta que essa informação estupefaciente não me pareceu fazer a menor diferença. Apenas caiu no caldeirão fervilhante do meu cérebro, e levei-a embora comigo após uma cena breve mas efusiva em que me despedi de R.

O favoritismo dos grandes põe uma auréola em torno dos escolhidos. Aquele excelente homem perguntou se poderia fazer alguma coisa por mim. Ele me conhecera apenas de vista, e sabia muito bem que jamais me veria outra vez; eu, como os outros marujos do porto, era apenas mais um ensejo para que escrevesse documentos oficiais, preenchesse formulários com toda a superioridade artificial que um homem de pena e tinta nutre em relação aos homens que lidam com realidades fora das sagradas paredes dos prédios oficiais. Devíamos parecer-lhe fantasmas! Meros símbolos manipulados em livros e em pesados registros, sem cérebros nem músculos nem perplexidades; coisas de utilidade questionável e sem dúvida inferiores.

E ele – após o expediente – perguntou se poderia oferecer-me alguma ajuda!

Eu devia – sem nenhum exagero – eu devia ter irrompido em pranto. Mas não pude sequer pensar no assunto. Aquilo não passava de mais uma ocorrência milagrosa naquele dia de tantos milagres. Despedi-me como se ele fosse um mero símbolo. Desci flutuando até a base da escada. Saí flutuando do suntuoso portal oficial. Segui flutuando pelo caminho.

Uso essa palavra em vez de “voar” porque tenho a nítida impressão de que, mesmo animado pela exaltação de minha juventude, meus movimentos eram calculados o suficiente. Àquela

mistura de brancos, pardos e amarelos que cuidava de seus afazeres em plagas estrangeiras, eu dava a impressão de um homem que caminhava com ar solene. Nenhuma abstração poderia ter se igualado ao profundo desapego que eu sentia em relação às formas e às cores deste mundo. Era como se fosse definitivo.

Mas eis que, de repente, reconheci Hamilton. Reconheci-o sem nenhum esforço, nenhuma surpresa, nenhum sobressalto. Lá estava ele, andando em direção à Capitania do Porto com sua dignidade formal e arrogante. Seu rosto vermelho chamava atenção mesmo à distância. Flamejava em meio à sombra do outro calçamento.

Ele também havia me visto. Alguma coisa (talvez uma exuberância inconsciente do espírito) levou-me a acenar com grande requinte. Essa quebra de decoro perpetrou-se antes que eu me soubesse capaz dela.

O impacto da minha insolência deteve-o, tal como uma bala faria. Estou quase certo de que o vi tropeçar, embora até onde pude ver ele não tenha caído. Segui meu caminho sem olhar para trás. Eu havia esquecido a existência dele.

Os dez minutos seguintes bem poderiam ter sido dez segundos ou dez séculos no que diz respeito à minha consciência. Gente poderia cair morta ao meu redor, casas poderiam desmoronar, armas poderiam disparar, eu não teria percebido. Eu pensava: "Por Jove! Consegui!" Tudo acontecera de forma jamais prevista em meus humildes devaneios.

Percebi que minha imaginação vinha trilhando caminhos ordinários e que minhas esperanças jamais haviam brilhado. Eu havia imaginado um comando como o resultado de um longo percurso de promoções a serviço de alguma firma respeitável. A recompensa por meus fiéis serviços. Bem, quanto a isso não havia problema. Fidelidade é o tipo de coisa que oferecemos por nós mesmos, pelo navio, pelo amor que temos à vida que escolhemos; não pela recompensa.

Existe algo desagradável na ideia de recompensa.

E lá estava eu com o meu comando, bem no meu bolso, decerto inegável, por assim dizer, embora imprevisto; além da minha imaginação, além de todas as expectativas plausíveis e não obstante

a existência de alguma intriga obscura para mantê-lo afastado de mim. É verdade que a intriga mostrou-se fraca, mas contribuiu para o sentimento de enlevo – como se eu estivesse destinado àquele navio desconhecido por algum poder acima das prosaicas agências do mundo comercial.

Um estranho sentimento de exaltação começou a insinuar-se. Se eu tivesse trabalhado para aquele comando por dez anos ou mais não teria acontecido nada do tipo. Eu estava um pouco assustado.

“Vamos nos acalmar”, disse a mim mesmo.

No lado de fora da porta da Casa dos Oficiais o despenseiro infeliz parecia estar à minha espera. Havia um pequeno lance de escadas com degraus largos, e ele corria de um lado para o outro lá em cima, como se estivesse acorrentado. Um vira-lata em apuros. Dava a impressão de não poder latir devido a uma secura excessiva da garganta.

Lamento dizer que me detive antes de entrar. Minha natureza moral sofrera uma revolução. Ele esperou boquiaberto, ofegante, enquanto encarei-o por meio minuto.

“E você achou que poderia me deixar de fora”, disse eu, em tom de desprezo.

“O senhor disse que estava indo para casa”, resmungou ele, visivelmente abalado. “O senhor disse. O senhor disse.”

“Quero ver o que o capitão Ellis pensa dessa desculpa”, retruquei devagar, em tom de ameaça.

Durante todo o tempo a mandíbula dele tremia, e sua voz era como o balir de um bode enfermo. “O senhor me entregou? O senhor acabou de vez comigo?”

Nem o desespero dele nem o absurdo da situação foram capazes de me demover. Era a primeira vez que alguém tentava me prejudicar – ao menos a primeira vez que descobri. E eu ainda era jovem demais, preso demais ao lado de cá da linha de sombra para não ficar surpreso e revoltado com essas coisas.

Encarei-o, impassível. Que sofresse, o desgraçado! Ele deu um tapa na testa e eu entrei, seguido até o interior da sala de jantar por um grito: “Eu sempre disse que o senhor ia acabar me matando”.

Esse clamor não apenas me ultrapassou, mas seguiu adiante como se rumasse à varanda e fez surgir o capitão Giles.

Ele estava de pé junto ao vão da porta com toda a trivial solidez de sua sabedoria. A corrente de ouro reluzia em seu peito. O capitão trazia consigo um cachimbo fumegante.

Dei-lhe um aperto de mão caloroso e ele pareceu surpreso, mas no fim respondeu com a empolgação esperada, com um discreto sorriso de conhecimento superior que cortou meus agradecimentos como uma faca. Acho que eu não disse mais do que uma palavra. E mesmo por causa dessa única palavra, a julgar pela temperatura de meu rosto, corei como se houvesse praticado uma má ação. Adotando um tom distante, perguntei como ele havia descoberto o joguinho escuso que estivera em andamento.

Visivelmente satisfeito consigo mesmo, o capitão murmurou algo sobre haver poucas coisas na cidade que ele não conhecesse a fundo. Quanto àquela casa, vinha se hospedando nela de maneira intermitente havia quase dez anos. Nada do que se passava lá dentro conseguia escapar à sua grande experiência. Aquilo não fora nenhum problema. Nenhum problema mesmo.

Então, em tom discreto e pastoso, perguntou se eu havia registrado uma queixa formal em relação ao despenseiro.

Respondi que não – embora, de fato, não fosse por falta de oportunidade. O capitão Ellis havia perdido a cabeça de uma forma ridícula por eu não ter aparecido quando precisaram de mim.

“Um cavalheiro um tanto peculiar”, comentou Giles. “Mas o que você respondeu?”

“Eu disse apenas que me pus a caminho assim que tomei conhecimento da mensagem. Nada mais. Eu não queria prejudicar o despenseiro. Seria humilhante prejudicar alguém como ele. Não. Não registrei nenhuma queixa, mas ele parece achar que sim. Pois que ache. Ele levou um susto que vai demorar a passar, afinal o capitão Ellis poderia chutá-lo para o meio da Ásia se...”

“Só um instante”, disse o capitão Giles, abandonando-me de repente. Sentei-me acometido por um profundo cansaço, em boa parte mental. Antes que eu pudesse pensar em qualquer outra coisa

o capitão apareceu mais uma vez diante de mim, murmurando a desculpa de que precisara acalmar o sujeito.

Olhei para ele, surpreso. Mas na verdade eu me sentia indiferente. Ele explicou que havia encontrado o despenseiro deitado de bruços no sofá de crina. Mas naquele instante ele já estava bem.

“Ele não teria morrido com o susto”, disse eu, cheio de desdém.

“Não. Mas poderia ter tomado uma dose excessiva de um dos vidrinhos que guarda no quarto”, argumentou o capitão Giles em tom sério. “O idiota já tentou se envenenar uma vez – faz alguns anos.”

“Não diga”, respondi sem esboçar nenhuma emoção. “Igual ele não parece servir para muita coisa.”

“Quando a isso, pode-se dizer de muita gente.”

“Não exagere tanto!”, protestei com risadas nervosas. “O que seria deste lugar se não fosse pelo senhor, capitão Giles? Em uma única tarde o senhor providenciou um comando para mim e salvou a vida do despenseiro. Porém os motivos que o levariam a interessar-se por qualquer um de nós escapam à minha compreensão.”

O capitão Giles manteve-se calado por alguns instantes. Então, num tom grave:

“Ele não é um mau despenseiro. Sabe onde encontrar um bom cozinheiro, ao menos. E, além disso, sabe como mantê-lo quando o encontra. Ainda me lembro dos cozinheiros que tínhamos por aqui antes dele...!”

Devo ter feito algum gesto impaciente, pois o capitão interrompeu-se com um pedido de desculpas por manter-me ocupado enquanto sem dúvida eu precisava de todo o meu tempo para os preparativos da viagem.

O que eu precisava mesmo era ficar sozinho um pouco. Sem mais delongas, aproveitei a oportunidade. Meu quarto era um refúgio silencioso em uma ala aparentemente desabitada da construção. Sem ter coisa alguma para fazer (pois eu não havia desfeito a bagagem), sentei na cama e abandonei-me aos impulsos do momento. Aos impulsos inesperados...

Logo refleti sobre o meu estado de espírito. Por que eu não estava mais surpreso? Por quê? Lá estava eu, nomeado comandante

em um piscar de olhos, não segundo o curso natural dos assuntos humanos, mas antes como em um passe de mágica. Eu deveria estar surpreso. Mas não. Eu me sentia como as pessoas nos contos de fada. Nada jamais as surpreende. Quando uma carruagem de gala surge a partir de uma abóbora para levá-la ao baile, Cinderela não fala nada. Ela entra em silêncio e afasta-se rumo à felicidade.

O capitão Ellis (uma espécie de fada abrutalhada) havia tirado o comando de uma gaveta de maneira quase tão inesperada como nos contos de fada. Mas um comando é uma ideia abstrata, e assim pareceu um "milagre menor" até me ocorrer que envolvia a existência concreta de um navio.

Um navio! Meu navio! Ele era meu, mais absolutamente meu do que qualquer outra coisa no mundo em termos de posse e de cuidados; um objeto que inspirava responsabilidade e devoção. Estava lá à minha espera, enfeitado, incapaz de mover-se, de viver, de sair mundo afora (até a minha chegada), como uma princesa encantada. O chamado da princesa veio até mim como se descesse das nuvens. Eu jamais suspeitara de sua existência. Não sabia como ela era, mal ouvira seu nome, porém estávamos juntos de maneira indissolúvel por um certo período em nosso futuro, juntos para decidir nosso destino!

Um arroubo súbito de impaciência angustiosa correu em minhas veias, fez-me sentir a intensidade da vida tal como eu jamais a sentira ou tornaria a sentir desde então. Descubri o marinheiro que eu era, no meu coração, na minha mente e, por assim dizer, no meu físico – um homem devotado ao mar e aos navios; o mar, o único mundo que contava, e os navios, a prova de valentia, de caráter, de coragem e fidelidade – e de amor.

Tive um momento sublime. Foi também único. Pondo-me de pé, fiquei andando de um lado para o outro em meu quarto por um bom tempo. Mas quando desci as escadas consegui manter a compostura. Só não consegui comer nada no jantar.

Tendo declarado minha intenção de ir a pé até o cais, devo fazer justiça ao desalentado despenseiro por ter arranjado alguns cules para cuidar da minha bagagem. Eles partiram, carregando todas as minhas posses terrenas (à exceção de algum dinheiro que

eu levava no bolso) penduradas em um longo pau. O capitão Giles quis fazer-me companhia.

Seguimos pela alameda ensombrecida no meio da Esplanada. A temperatura estava amena sob a copa das árvores. O capitão Giles comentou, com uma risada súbita: "Sei de alguém que está muito grato por saber que nunca mais o verá".

Achei que ele se referia ao despenseiro. O sujeito havia se portado com um mau humor assustadigo na última vez em que nos vimos. Manifestei minha surpresa em relação a ele haver tentado prejudicar-me sem motivo algum.

"Você não vê que ele pretendia livrar-se de nosso amigo Hamilton fazendo com que ele se candidatasse ao comando antes de você? Isso teria dado cabo do sujeito para sempre. Entende?"

"Céus!", exclamei, sentindo uma ponta de humilhação. "Será possível? Mas que imbecil! A insolência daquele imprestável! Ora! Ele não conseguiria... E mesmo assim quase conseguiu, acho; pois a Capitania do Porto acabaria mandando alguém."

"Sim. Até um idiota como nosso despenseiro pode ser perigoso às vezes", declarou o capitão Giles de forma lapidar. "Só por ser um idiota", acrescentou, elucidando melhor o caso em notas graves que transbordavam satisfação. "Afinal", prosseguiu, completando o raciocínio, "nenhuma pessoa sensata arriscaria perder o único emprego que a separa da miséria só para se ver livre de um simples aborrecimento – de uma simples preocupação. Ou por acaso arriscaria?"

"Bem, não", respondi, contendo a vontade de rir da seriedade misteriosa com que o capitão expunha suas sábias conclusões como se fossem o produto de raciocínios proibidos. "Mas aquele sujeito dá a impressão de ser meio louco. Ele deve ser."

"Quanto a isto, acho que todos nós somos um pouco", anunciou ele a meia-voz.

"O senhor não abre nenhuma exceção?", perguntei, apenas para ouvir o que diria.

"Ora! Kent diz isso até de você."

"É mesmo?", retruquei, com um súbito rancor do meu antigo capitão. "Não há nenhuma menção a isso na carta de recomendação

que ele escreveu para mim. Ele deu algum exemplo da minha insanidade?”

O capitão Giles explicou, em tom conciliatório, que fora apenas um comentário bem-humorado em relação ao modo abrupto como deixei o navio sem nenhuma razão aparente.

Baluciei, contrariado: “Ah! O navio dele”, e apertei o passo. O capitão Giles seguiu a meu lado pela profunda escuridão da avenida como se fosse um dever moral acompanhar-me até que eu partisse da colônia na condição de pessoa indesejável. Ele estava um pouco ofegante, o que de certo modo era um tanto patético. Mas não me comovi. Pelo contrário. Aquele desconforto dava-me uma espécie de prazer maldoso.

Então cedi, diminuí a marcha e disse:

“O que eu queria mesmo era começar de novo. Achei que era hora. Será que é uma loucura assim tão grande?”

O capitão não respondeu. Estávamos saindo da avenida. Na ponte sobre o canal uma figura escura, irresoluta, parecia estar à espera de alguém ou de alguma coisa.

Era um policial malaio, descalço, de uniforme azul. A faixa prateada no pequeno chapéu redondo emitia um brilho tênue sob a iluminação pública. Ele lançou um olhar tímido em nossa direção.

Antes que pudéssemos alcançá-lo ele se virou e pôs-se a caminhar à nossa frente em direção ao molhe. A distância era cerca de cem metros; e então encontrei meus cules, agachados. Os homens mantinham o pau apoiado nos ombros, e todos os meus bens terrenos, que seguiam amarrados ao pau, repousavam no chão entre eles. Até onde a vista enxergava não havia mais nenhuma alma no cais exceto aquele policial, que então nos saudou.

Parece que ele havia detido os cules por considerá-los suspeitos e proibido-lhes o acesso ao molhe. Mas, a um gesto meu, suspendeu a interdição com entusiasmo. Os dois pacientes sujeitos, depois de erguerem-se ao mesmo tempo com um grunhido discreto, avançaram pelas tábuas, e eu preparei-me para dar adeus ao capitão Giles, que ficou lá parado com ares de que sua missão estava chegando ao fim. Não havia como negar que ele fora o

responsável por tudo. E enquanto eu hesitava em escolher a frase mais apropriada ele se fez ouvir:

“Acho que você terá as mãos cheias de negócios enredados.”

Perguntei-lhe por quê; e ele respondeu que essa era sua experiência com o mundo. Um navio afastado há tempo de seu porto de origem, proprietários inacessíveis via telegrama e o único homem que poderia explicar as coisas morto e enterrado.

“E você mesmo de certo modo é novo no ramo”, concluiu o capitão em um tom como que irretorquível.

“Não precisa repetir”, eu disse. “Sei muito bem. Só queria que o senhor compartilhasse comigo um pouco da sua experiência antes que eu parta. Como não é algo que se faça em dez minutos, é melhor eu não perguntar nada. Tem também a lancha do porto, que está à minha espera. Mas eu não vou ter paz enquanto não estiver com o meu navio no meio do oceano Índico.”

O capitão disse em tom casual que de Bangkok até o Oceano Índico era um belo pedaço. E esse murmúrio, como o brilho tênue de uma lanterna escura, mostrou-me por um instante o largo cinturão de ilhas e recifes entre aquele navio desconhecido, que era meu, e a liberdade das vastas águas do globo.

Mas não fiquei apreensivo. Eu já estava bastante familiarizado com o Arquipélago naquela altura. A paciência extrema e a atenção extrema haveriam de conduzir-me pela região de orlas recortadas, ventos fracos e calmas podres até que enfim eu sentisse meu comando virar na rebentação e dar a borda com o sopro dos ventos regulares, que lhe dariam a sensação de uma vida mais ampla, mais intensa. O caminho seria longo. Todos os caminhos que levam aos desejos do coração são longos. Porém, esse caminho eu conseguia visualizar mentalmente em um mapa, de maneira profissional, com todas as suas complicações e dificuldades, mas de certo modo ainda simples o bastante. Ninguém aprende a ser marujo. É algo que está no sangue. E eu tinha certeza de que estava no meu.

A única parte que eu desconhecia era o Golfo de Sião. Mencionei o fato ao capitão Giles. Não que eu estivesse muito preocupado. O Golfo pertencia à mesma região cuja natureza eu conhecia, cuja alma eu tinha a impressão de ter perscrutado nos

últimos meses daquela existência com a qual eu naquele instante rompia de repente, como quem dá adeus a uma companhia agradável.

“O Golfo... Ah! Uma porção d’água esquisita – o Golfo”, disse o capitão Giles.

Esquisito, nesse contexto, era uma palavra um tanto vaga. Tudo aquilo soava como a opinião de um homem prudente, atento a intrigas caluniosas.

Não indaguei a respeito da natureza dessa esquisitice. Na verdade, não havia tempo. Mas no último instante o capitão fez-me um alerta.

“Aconteça o que acontecer, mantenha-se próximo à margem leste. A margem oeste é perigosa nesta época do ano. Não deixe que nada o leve até lá. Você só terá problemas.”

Embora eu mal conseguisse imaginar o que poderia me levar a conduzir meu navio em meio às correntezas e aos recifes da orla malaia, agradei o conselho.

Recebi um aperto de mão caloroso e nosso contato chegou ao fim com as seguintes palavras: “Boa noite”.

Foi tudo o que ele disse: “Boa noite”. Nada mais. Não sei o que eu pretendia dizer, mas a surpresa me fez engolir, fosse o que fosse. Engasguei-me um pouco e então exclamei com uma certa pressa nervosa: “Ah! Boa noite, capitão Giles, boa noite”.

Os movimentos dele eram sempre premeditados, mas suas costas já haviam se afastado um pouco no cais deserto antes que eu recompusesse-me o suficiente para seguir seu exemplo e desse meia-volta em direção ao molhe.

Só que os meus movimentos não eram premeditados. Desci os degraus correndo e saltei para o interior da lancha. Antes que eu houvesse me acomodado no painel, a pequena embarcação disparou molhe afora com um giro súbito do hélice e a rápida descarga do vapor pela chaminé de latão que cintilava a meia-nau.

A comoção vaporosa à popa era o único som no mundo. A orla estava mergulhada no silêncio do sono mais profundo. Observei a cidade que ficava para trás na noite quente, até que a abrupta saudação “Ó de bordo!” fez-me olhar para diante. Estávamos

próximos a um fantasmagórico vapor branco. Luzes ardiam em seus conveses, em suas vigias. E a mesma voz gritou:

“É este o nosso passageiro?”

“Sou eu”, gritei.

A tripulação estava visivelmente alvoroçada. Eu podia ouvir os homens correndo de um lado para o outro. O apressado espírito moderno foi vocalizado nas ordens para “suspender o ferro”, para “baixar a escada de quebra-peito” e nos pedidos urgentes de “Vamos, senhor! Já nos atrasamos três horas por sua causa... Nosso horário é o das sete, sabe!”

Subi ao convés. Respondi “Não! Não sei.” O espírito da urgência moderna estava corporificado em um homem magro, de braços e pernas compridos com uma rente barba grisalha. Sua mão descarnada era quente e seca. Ele declarou, exaltado:

“Nem que me enforcassem eu teria esperado mais cinco minutos, com ou sem capitão do porto!”

“O problema é seu”, respondi. “Não pedi que me esperassem.”

“Espero que você não esteja contando com o jantar”, bradou ele. “Isso aqui não é uma pensão flutuante. Você é o primeiro passageiro que eu transporto em toda a minha vida e, por Deus, espero que seja o último.”

Não respondi nada a essa declaração tão hospitaleira; e, de fato, ele não esperou resposta alguma, apressando-se até o passadiço a fim de pôr o navio a caminho.

Durante os três dias em que me teve a bordo ele não abandonou essa atitude semi-hostil. Uma vez que seu navio havia sofrido um atraso de três horas por minha causa, era imperdoável que eu não fosse um homem mais distinto. Ele não falava muito a respeito, mas aquele sentimento de admiração irritada aparecia perpetuamente em nossas conversas.

Ele era absurdo.

Era também um homem de muita experiência, o que gostava de mencionar; mas não se poderia imaginar maior contraste em relação ao capitão Giles. Ele me teria divertido se eu quisesse diversão. Mas eu não queria diversão. Eu era como um amante à espera de um encontro. A hostilidade humana não significava nada

para mim. Eu pensava em meu navio desconhecido. Era diversão suficiente, tormento suficiente, ocupação suficiente.

Ele percebeu o meu estado, pois era astuto o bastante para tal, e troçou da minha preocupação com os modos cruéis e cínicos que os homens mais velhos demonstram em relação aos sonhos e ilusões da juventude. Eu, de minha parte, abstive-me de fazer-lhe perguntas sobre a aparência do meu navio, embora soubesse que, indo a Bangkok mais ou menos uma vez a cada duas semanas, ele devia conhecê-lo de vista. Eu não iria expor o navio, meu navio!, a comentários desdenhosos.

Aquele era o primeiro homem realmente antipático com quem eu tivera contato. Minha educação ainda estava longe do fim, embora eu não soubesse. Não! Eu não sabia.

Tudo o que eu sabia era que ele não gostava de mim e que tinha um certo desprezo pela minha pessoa. Por quê? Aparentemente porque o navio dele sofrera um atraso de três horas por minha causa. Quem era eu para merecer um tratamento desses? Ele jamais fora tratado assim. Era uma espécie de indignação ciumenta.

Minhas expectativas, misturadas ao medo, elevaram-se ao extremo. Como os dias passaram devagar, como acabaram depressa! Uma manhã, cedo, atravessamos a barra e, enquanto o sol erguia-se esplendoroso por sobre as planícies em terra, singramos curvas incontáveis, passamos à sombra do suntuoso pagode dourado e chegamos aos limites da cidade.

Lá estava ela, espalhada pelas duas margens, a capital do Oriente que até então não havia admitido nenhum conquistador branco; um avultamento de casas de bambu marrom, de tapeçarias, de folhas, de um estilo arquitetônico à base de vegetais, nascido do solo marrom à margem do rio lodacento. Era impressionante pensar que naqueles quilômetros de habitações humanas provavelmente não havia sequer três quilos de pregos. Algumas das casas de capim e gravetos, como os ninhos de alguma espécie aquática, agarravam-se às margens baixas. Outras pareciam crescer a partir da água; outras ainda flutuavam em longas fileiras ancoradas bem no meio da correnteza. Em um e em outro ponto distante, acima do amontoado

de cumeeiras baixas e marrons, sobranceavam enormes estruturas em cantaria, o Palácio Real, templos, suntuosos e dilapidados, desmoronando sob o sol no zênite, fulgurante, dominador, quase palpável, que parecia invadir-nos o peito a cada inspiração e embeber-se em nosso corpo através de cada poro.

A ridícula vítima do ciúme por algum motivo precisou parar os motores justo naquele instante. O vapor subiu aos poucos, junto com a maré. Alheio à nova paisagem que me cercava, caminhei pelo convés, perdido em abstrações angustiantes, embotadas, um misto de devaneio romântico e uma análise bastante prática das minhas qualificações. Pois aproximava-se o momento em que eu haveria de vislumbrar o meu comando e provar o meu valor no desafio supremo de minha profissão.

De repente ouvi aquele imbecil chamar-me. Ele gesticulava para que eu subisse ao passadiço.

Não lhe dei muita atenção, mas como parecesse que tinha algo importante a me dizer, subi a escada.

Ele pôs a mão em meu ombro e girou-me um pouco, ao mesmo tempo em que apontava com a outra mão.

“Lá! Aquele é o seu navio, capitão”, disse.

Senti um golpe no peito – apenas um, como se meu coração houvesse parado de bater. Havia dez ou mais navios amarrados ao longo da margem, e o que ele apontava estava parcialmente escondido pela embarcação vizinha. Ele disse: “Estaremos no través dele em alguns instantes”.

Que tom era aquele? Zombeteiro? Ameaçador? Ou apenas indiferente? Eu não saberia dizer. Desconfiei de alguma maldade nessa súbita manifestação de interesse.

O homem me deixou, e escorei-me na balaustrada do passadiço olhando para o lado. Não ousei erguer os olhos. Mas era preciso – e, de fato, eu não teria como evitar. Acho que eu tremia.

Mas assim que pus os olhos no navio todos os meus temores dispersaram-se. Sumiram depressa, como um sonho ruim. Só que os sonhos não deixam nenhuma vergonha, e eu senti uma vergonha passageira por conta de minhas suspeitas infundadas.

Sim, lá estava ele. O casco, o massame encheram meus olhos de satisfação. Aquele sentimento de vida vazia que me havia posto tão angustiado nos meses anteriores perdeu naquele instante seu amargo sentido, sua influência nefasta, ambos diluídos em um fluxo de jubilosa emoção.

À primeira vista percebi que era uma embarcação de alta classe, uma criatura harmoniosa nas linhas de seu corpo elegante, na guinda proporcional da mastreação. Qualquer que fosse sua idade e sua história, ela havia preservado a marca de sua origem. Era uma daquelas embarcações que, em virtude do desenho e do acabamento, jamais parecerão velhas. Em meio aos companheiros amarrados à margem, todos de estatura mais alta, ela parecia uma criatura nobre – um cavalo árabe em meio a uma fileira de matungos.

Uma voz atrás de mim disse em tom suspeito: “Espero que o senhor esteja satisfeito, capitão”. Sequer virei-lhe o rosto. Era o comandante do vapor, e independente do que pretendesse insinuar, independente do que pensasse a respeito da embarcação, eu sabia que, como algumas raras mulheres, ela era uma daquelas criaturas cuja mera existência é suficiente para despertar um gozo magnânimo. Sentimos que é bom estar no mundo em que ela existe.

A ilusão de vida e de personalidade que nos encanta em todas as grandes obras feitas pelo homem irradiava dela. Uma enorme viga de teca pairava sobre a escotilha; matéria inerte, que parecia maior e mais pesada do que qualquer outra coisa a bordo. Quando começaram a baixá-la, o movimento da talha fez a embarcação vibrar da linha-d’água às borlas graças aos finos nervos do massame, como se houvesse estremecido sob o peso. Parecia cruel carregá-la àquele ponto...

Meia hora mais tarde, ao pôr meus pés no convés pela primeira vez, fui tomado por um sentimento de profundo bem-estar físico. Nada se poderia comparar à perfeição daquele instante, à completude ideal da experiência emotiva que viera até mim sem a faina e os desencantos que precedem uma carreira obscura.

Lancei um olhar furtivo sobre ela, envolvi-a, apropriei-me das formas que concretizavam o sentimento abstrato de meu comando.

Muitos detalhes perceptíveis a um homem do mar deram na vista naquele instante. Quanto ao resto, eu a via livre das condições materiais de sua existência. Era como se a margem a que estava amarrada não existisse. O que significavam para mim todos os países do globo? Em todas as partes do mundo banhadas por águas navegáveis a relação entre nós dois permaneceria a mesma – e mais íntima do que as palavras são capazes de expressar. Afora isso, cada cena e cada episódio seria apenas um espetáculo passageiro. O próprio grupo de cules ocupados com a escotilha grande parecia menos real do que a matéria com que os sonhos são feitos. Pois quem iria sonhar com chineses...?

Fui a ré, subi ao tombadilho, onde, por baixo do toldo, reluziam os detalhes em latão, a superfície polida dos balaústres, o vidro dos albóis. A ré, dois marinheiros, ocupados com a limpeza do aparelho do leme, com as ondulações de luz refletida brincando em suas costas, seguiram trabalhando, alheios a mim e ao olhar quase afetuosos que lancei em direção a eles no caminho até a meia-laranja.

As portas estavam abertas de par em par, a escotilha vinha toda aberta. A curva da escada cortava a vista da antecâmara. Um leve zunido vinha lá de baixo, mas parou de repente com o som das minhas passadas.

III

A primeira coisa que vi lá embaixo foi a parte superior do corpo de um homem como que a projetar-se para trás de uma das portas ao pé da escada. Seus olhos voltaram-se em minha direção, esbugalhados e silenciosos. Em uma das mãos ele tinha um prato, na outra um pano.

“Sou o novo capitão”, disse eu a meia-voz.

No instante seguinte, em um piscar de olhos, ele havia se desfeito do prato e do pano e dado um salto para abrir a porta da câmara. Assim que entrei ele desapareceu, apenas para reaparecer no momento seguinte, abotoando um casaco que havia vestido com a rapidez de um mágico.

“Onde está o imediato?”, perguntei.

“Acho que no porão, senhor. Vi quando ele desceu a escotilha de ré dez minutos atrás.”

“Diga-lhe que estou a bordo.”

A mesa de mogno sob o albói brilhava ao crepúsculo como uma poça d’água escura. O aparador, encimado por um grande espelho com moldura de pechisbeque, tinha um tampo de mármore. Trazia um par de lamparinas banhadas em prata e algumas outras peças – sem dúvida para fazer boa figura no porto. A sala tinha lambris de dois tipos de madeira, no estilo simples mas elegante da época em que o navio fora construído.

Sentei-me na poltrona à cabeceira da mesa – a cadeira do capitão, com uma pequena bússola emblemática logo acima – um lembrete silencioso de vigilância constante.

Diversos homens já haviam sentado naquela cadeira. Tomei consciência desse pensamento de maneira súbita, vívida, como se cada um deles houvesse deixado um pouco de si entre as quatro paredes daquelas anteparas decoradas; como se uma espécie de

alma mista, a alma do comando, houvesse sussurrado à minha histórias de longos dias em alto-mar e momentos de angústia.

“Você também!”, a voz parecia dizer, “você também provará da paz e da inquietude em uma intimidade constante com o seu próprio ser – obscuro como nós fomos e soberano diante dos ventos e dos mares, em uma imensidão que não recebe impressões, não guarda memórias nem conta a vida dos homens.”

Em meio à baça moldura de pechisbeque, na meia-luz abafada que filtrava pelo toldo, vi meu próprio rosto apoiado entre minhas mãos. E encarei-me de volta com um distanciamento perfeito, tomado antes pela curiosidade do que por qualquer outro sentimento, exceto uma certa simpatia por aquele novo representante do que para todos os efeitos era uma dinastia, perpetuada não através do sangue, mas graças à experiência, ao treinamento, à noção do dever e também à simplicidade abençoada de suas perspectivas em relação à vida.

Ocorreu-me que aquele homem atento que eu observava, como se fosse eu mesmo e também outra pessoa, não era exatamente uma figura solitária. Ele ocupava seu lugar em uma linhagem de homens que jamais conhecera, com nomes que jamais ouvira; mas que se guiavam pelas mesmas influências, cujas almas, em relação à humilde obra de suas vidas, não lhe escondiam nenhum segredo.

De repente percebi que havia outro homem no recinto, parado a uma certa distância e com o olhar fixo em mim. O imediato. O bigode comprido, ruivo, determinava o caráter de sua fisionomia, que me pareceu ser (é estranho dizer) de uma aspereza mórbida.

Quanto tempo haveria passado me olhando, avaliando-me durante aquele devaneio indefeso? Eu teria ficado ainda mais desconcertado se, tendo o relógio no alto da moldura do espelho à minha frente, não houvesse notado que o ponteiro grande mal se havia movido.

Eu não poderia estar a mais de dois minutos na câmara. No máximo três... Assim, felizmente ele não poderia ter me observado por mais do que a simples fração de um minuto. De qualquer modo, lamentei o ocorrido.

Mas não demonstrei nada quando ergui-me muito à vontade (tinha de ser à vontade) e saudei-o com grande entusiasmo.

Havia algo relutante e ao mesmo tempo alerta em sua postura. O nome dele era Burns. Deixamos a câmara e saímos juntos ao convés. À luz do dia, o rosto dele parecia muito pálido, magro, até mesmo descarnado. Por algum motivo, tive a delicadeza de não o encarar com demasiada frequência; seus olhos, pelo contrário, mantiveram-se fixos em meu rosto. Eram esverdeados e pareciam estar à espera de alguma coisa.

Ele respondeu de pronto a todas as minhas perguntas, porém meus ouvidos pareciam captar uma nota de contrariedade. O segundo-oficial, com outros três ou quatro homens, estava atarefado a vante. O imediato mencionou o nome dele e acenei a cabeça ao passar. Ele era muito jovem. Pareceu-me um menino.

Quando descemos outra vez, sentei-me na ponta de um sofá fundo, semicircular, ou melhor, semioval, estofado em pelúcia vermelha. Estendia-se por todo o fundo da câmara. O sr. Burns fez menção de sentar, deixou-se cair em uma das cadeiras giratórias em volta da mesa e manteve os olhos fixos em mim, com um ar estranho, como se tudo aquilo não passasse de faz de conta e ele esperasse que eu fosse me levantar, começar a rir, dar-lhe um tapa nas costas e desaparecer da câmara.

Havia uma estranha tensão no ar que começava a me deixar ansioso. Tentei resistir a esse sentimento vago.

“É só a minha inexperiência”, pensei.

No rosto daquele homem, que eu julgava ser muitos anos mais velho do que eu, percebi o que eu havia deixado para trás – minha juventude. E de fato isso não era consolo suficiente. A juventude é uma coisa desejável, um poder enorme – desde que não pensemos a respeito dela. Eu começava a tomar consciência de mim mesmo. Quase contra a minha vontade, assumi uma gravidade lúgubre. Eu disse: “Vejo que manteve o navio em ótimas condições, sr. Burns”.

Assim que terminei de dizer essas palavras perguntei a mim mesmo por que raios eu havia dito aquilo. Em resposta, o sr. Burns apenas piscou os olhos. Que diabos ele pretendia com aquilo?

Voltei-me à pergunta que ocupava meus pensamentos havia um bom tempo – a pergunta mais natural nos lábios de qualquer marinheiro que embarca em um navio. Vocalizei-a (maldita hora) em um tom alegre e distante: “Quantos nós ele dá?”

Ora, uma pergunta como essa se deixa responder normalmente, seja com notas de pesar conciliatório ou com um orgulho reprimido, num tom de “não quero me gabar, mas o senhor verá”. Também existem marujos que não se teriam contido: “É um preguiçoso”, ou então encantados: “Ele voa”. Dois caminhos, quatro modos.

Mas o sr. Burns encontrou um outro caminho, um caminho só dele que, de qualquer modo, teve o mérito de economizar-lhe o fôlego.

Mais uma vez ele não disse nada. Apenas franziu a testa. E franziu-a com raiva. Eu esperei. Nada mais aconteceu.

“Qual é o problema...? O senhor não sabe responder, mesmo estando quase dois anos a bordo?”, perguntei-lhe sem rodeios.

Ele pareceu sobressaltado por um instante, como se apenas naquele momento houvesse notado minha presença. Mas o efeito passou quase de imediato. Ele adotou um ar de indiferença. Mas penso que achou melhor dizer alguma coisa. Disse que um navio, como um homem, precisava de uma chance para mostrar do que era capaz, e que aquele navio nunca havia tido essa chance enquanto ele estava a bordo. Não que lembrasse, ao menos. O último capitão... Ele deteve-se.

“Ele teve mesmo tanto azar?”, perguntei, incrédulo. O sr. Burns desviou o olhar. Não, o falecido capitão não dera tanto azar. Não se podia dizer nada do tipo. Mas tampouco parecia interessado em usar a sorte que tinha.

O sr. Burns – um homem de humor enigmático – fez essa observação com um semblante impassível enquanto fixava o olhar no caixão do leme. A declaração continha insinuações obscuras. Perguntei a meia-voz:

“Onde foi que ele morreu?”

“Aqui na câmara. Bem aí onde o senhor está sentado”, respondeu o sr. Burns.

Contive o impulso estúpido de dar um pulo; mas no geral senti-me aliviado de saber que o capitão não tinha morrido no beliche onde eu haveria de dormir. Esclareci ao imediato que o que eu queria mesmo saber era onde o capitão estava enterrado.

O sr. Burns disse que era na entrada do Golfo. Um túmulo espaçoso; uma resposta suficiente. Mas o imediato, sobrepujando algo dentro de si – algo como uma peculiar relutância em acreditar na minha chegada (como um fato irrevogável, ao menos), não parou por aí – embora, de fato, possa ter desejado fazê-lo.

Acredito que, em uma espécie de meio-termo com seus sentimentos, ele dirigiu-se ao caixão do leme, de modo que, a mim, dava a impressão de um homem que falava sozinho, ainda que de modo algo inconsciente.

A história dele foi que, às sete badaladas do quarto da manhã, juntou todos os homens na tolda e disse-lhes que fossem dar adeus ao capitão.

Essas palavras, como se atreladas a um personagem invasor, foram suficientes para que eu imaginasse a estranha cerimônia em seus mínimos detalhes: os marujos de pés descalços, com a cabeça a descoberto, amontoando-se constrangidos no interior da câmara, uma pequena multidão empurrada de encontro ao aparador, mais inquieta do que comovida, as camisas revelando peitos crestados pelo sol, os rostos maltratados pelas intempéries, e todos olhando para o homem moribundo com a mesma expressão grave e antecipatória.

“Ele estava consciente?”, perguntei.

“Ele não falou, mas olhou em direção aos homens”, respondeu o imediato.

Depois de esperar mais um instante, o sr. Burns fez um gesto para que a tripulação saísse da câmara, mas deteve os dois homens mais velhos para que fizessem companhia ao capitão enquanto ele subia ao convés com o sextante para “medir o sol”. Já era quase meio-dia e ele estava ansioso para conseguir uma boa medição da latitude. Quando tornou a descer para guardar o sextante, percebeu que os dois homens haviam se retirado para a antecâmara. Através da porta aberta ele viu o capitão descansando sobre as almofadas.

Ele havia falecido enquanto o sr. Burns fazia a medição. Quase meio-dia em ponto. O homem mal havia se mexido.

O sr. Burns suspirou, lançou-me um olhar inquisitivo como se perguntasse “O senhor não foi embora ainda?” e então voltou seus pensamentos do novo para o velho capitão, que, estando morto, não tinha autoridade, não era empecilho para ninguém e portanto era uma pessoa muito mais tratável.

O sr. Burns ocupou-se com o velho capitão por algum tempo. Ele era um homem singular – de uns 65 anos –, grisalho, com um semblante duro, obstinado e introspectivo. Costumava manter o navio à deriva no mar por razões insondáveis. Por vezes aparecia à noite no tombadilho, mandava recolher algumas velas, só Deus sabe por quê, então descia, trancava-se no camarote e tocava violino por horas a fio – talvez até o dia raiar. Na verdade, ele passava a maior parte do tempo, fosse dia ou noite, tocando o violino. Isso quando o surto acometia-o. E num volume altíssimo, como se não bastasse.

Chegou um ponto em que o sr. Burns reuniu coragem e fez reclamações sinceras ao capitão. Nem ele nem o segundo piloto conseguiam pregar os olhos durante a folga por causa do barulho... Como se poderia esperar que ficassem acordados durante o quarto?, argumentou. A resposta daquele homem rude foi que se ele e o segundo piloto não gostavam do barulho, podiam muito bem fazer as malas e desembarcar. Quando essa alternativa foi oferecida o navio estava a seiscentas milhas da costa mais próxima.

Nesse ponto o sr. Burns olhou-me com um ar curioso. Comecei a pensar que meu precursor havia sido um homem muito peculiar.

Mas eu ainda ouviria coisas mais estranhas. Logo ficou claro que aquele marujo rude, implacável, áspero, curtido pelo vento, salgado pelo mar e taciturno, de 65 anos, não era apenas um artista, mas também um apaixonado. Em Haiphong, quando lá chegaram depois de uma série de peregrinações das mais improfícuas (durante as quais o navio quase foi a pique duas vezes), o capitão, nas palavras do sr. Burns, “engraçou-se” com uma mulher. O sr. Burns não tinha nenhuma informação pessoal a respeito deste assunto, mas havia uma evidência concreta do envolvimento entre

os dois na forma de uma fotografia tirada em Haiphong. O sr. Burns encontrou-a em uma das gavetas no camarote do capitão.

No momento oportuno, eu também pude examinar esse admirável documento humano (inclusive joguei-o ao mar). Lá estava ele, com as mãos sobre os joelhos, calvo, atarracado, grisalho, hirsuto, de algum modo parecendo um javali selvagem; e a seu lado erguia-se uma terrível mulher madura, branca, com narinas ávidas e uma expressão aziaga barata nos enormes olhos. Ela estava vestida com algum traje semiorienta, vulgar, espalhafatoso. Parecia alguém de baixa classe ou uma daquelas mulheres que leem a sorte nas cartas por meia coroa. Mesmo assim, era notável. Uma feiticeira profissional dos casebres. Era incompreensível. Havia algo de terrível na ideia de que aquela mulher fosse o último reflexo do mundo da paixão para a alma poderosa do velho marujo, que parecia dirigir o olhar em seu rosto de selvageria sarcástica para o observador. Contudo, percebi que a mulher tinha algum instrumento musical – um violão ou um bandolim – na mão. Talvez fosse este o segredo de seu sortilégio.

Para o sr. Burns, a fotografia explicava por que, após a descarga, o navio ficara três semanas fundeado no calor pestilento de um porto sufocante. Os homens não faziam mais do que ofegar. O capitão, aparecendo de vez em quando para uma breve visita, balbuciava ao sr. Burns histórias duvidosas sobre certas cartas que estava esperando.

De repente, após um sumiço que durou uma semana, ele apareceu a bordo na calada da noite e zarpou com o raiar da aurora. A luz do dia revelou seu estado confuso e enfermiço. Apenas para fazer-se ao mar foram precisos dois dias, e de um jeito ou de outro eles abalroaram de leve um recife. O navio, porém, não abriu água, e o capitão, rosnando “pouco importa”, informou o sr. Burns de que decidira levar o navio a Hong Kong para uma docagem a seco.

Nesse ponto o sr. Burns desesperou-se. De fato, seguir até Hong Kong contra as fortes monções, com um navio sem o lastro adequado e com a aguada incompleta era um projeto insano.

Mas o capitão rosnou de forma peremptória “Ponha o navio a rumo”, e o sr. Burns, consternado e enraivecido, pôs o navio a rumo,

e manteve-o no rumo, rasgando velas, forçando a mastreação, exaurindo os tripulantes – quase enlouquecido pela convicção absoluta de que a empreitada era impossível e de que estaria fadada à catástrofe.

Enquanto isso o capitão, encerrado na câmara e acomodado em um canto do sofá a fim de proteger-se contra o jogo do navio, tocava violino – ou, ao menos, fazia ruídos constantes no instrumento.

Quando aparecia no tombadilho, não falava e nem sempre respondia quando dirigiam-lhe a palavra. Era óbvio que estava sofrendo de alguma moléstia misteriosa e começava a sucumbir.

À medida que os dias passavam os sons do violino tornavam-se cada vez menos audíveis, até que por fim apenas um leve arranhar chegava aos ouvidos do sr. Burns quando este se punha a escutar na câmara, do lado de fora do camarote do capitão.

Certa tarde, desesperado, o imediato invadiu o aposento e protagonizou uma cena tal, arrancando os cabelos e lançando terríveis imprecações, que logrou intimidar o espírito desdenhoso do velho enfermo. As provisões de água estavam no fim, eles não tinham avançado nem cinquenta milhas em duas semanas. O navio jamais chegaria a Hong Kong.

Era como lutar com todas as forças pela destruição do navio e dos homens. Isso era evidente sem nenhuma explicação. O sr. Burns, perdendo de vez a cabeça, pôs o rosto junto ao do capitão e praticamente berrou: “Capitão, o senhor está deixando o mundo para trás. Mas não posso esperar até que o senhor morra para arribar. O senhor mesmo precisa fazer isso. E agora!”

O homem no sofá respondeu com um rosnado. “Então eu estou deixando o mundo para trás – será?”

“Sim, capitão – não lhe restam muitos dias”, disse o sr. Burns já um pouco mais calmo. “Dá para ver no seu rosto.”

“Meu rosto, é...? Pois bem, arribe e vá para o inferno.”

Burns subiu correndo ao convés, deitou à popa arrasada e então desceu novamente, recomposto, mas ainda decidido.

“Mudei o rumo para Pulo Condor, senhor”, disse ele. “Quando chegarmos, se o senhor ainda estiver conosco, diga-me a que porto

deseja que eu conduza o navio.”

O velho lançou-lhe um olhar de profundo desdém e disse palavras atrozes, em tom vagaroso, fatídico:

“Se o meu desejo fosse atendido, nem você nem os outros homens jamais chegariam a porto algum. Espero que não consigam.”

O sr. Burns ficou profundamente chocado. Acredito que na hora ele tenha sentido medo. No entanto, parece que conseguiu dar uma risada tão eficaz que foi a vez de o velho ficar com medo. Ele encolheu-se e virou as costas ao imediato.

“E nesse ponto ele ainda não tinha perdido a cabeça”, assegurou-me empolgado o sr. Burns. “Era isso mesmo o que ele nos desejava.”

Estas foram praticamente as últimas palavras do capitão. Nenhuma frase coerente saiu de seus lábios depois disso. Naquela noite, juntou as forças que ainda tinha para atirar o violino ao mar. Ninguém presenciou a cena, mas depois de sua morte o sr. Burns não conseguiu encontrar o instrumento em lugar nenhum. O estojo vazio estava bem à vista, mas o violino claramente não se encontrava a bordo. Onde mais estaria, senão no mar?

“Atirou o violino ao mar!” , exclamei.

“Atirou, sim”, gritou o sr. Burns, tomado de entusiasmo. “E acho que ele teria tentado afundar o navio junto consigo se tivesse forças para tal. Ele nunca teve a intenção de voltar com ele para casa. Não escrevia para os proprietários, tampouco escrevia para a sua velha esposa – nada faria com que mudasse de ideia. Estava decidido a abandonar tudo. Era isso. Ele já não se importava com os negócios, com os fretes, com as passagens – com nada. Pretendia deixar o navio à deriva pelo mundo afora, até que o perdesse junto com toda a tripulação.”

O sr. Burns tinha o aspecto de um homem que havia escapado a grandes perigos. Mais um pouco e ele teria exclamado: “Se não fosse por mim!” E a inocência cristalina em seu olhar indignado era realçada pelos bigodes arrogantes que em seguida torceu e como que estendeu na horizontal.

Eu poderia ter sorrido se não estivesse ocupado com os meus próprios sentimentos, que não eram os mesmos do sr. Burns. Eu já estava no comando. Meus sentimentos não poderiam ser como os dos outros homens a bordo. Naquele meio eu estava, como um rei, em uma posição singular. Refiro-me a um rei hereditário, não a um simples chefe de estado eleito. Eu fora destinado a governar por uma providência tão distante do povo e tão inescrutável como a Graça Divina.

E, como o membro de uma dinastia, sentindo uma ligação quase mística com os mortos, fiquei profundamente chocado com o meu predecessor.

Aquele homem havia sido, em todos os quesitos, exceto a idade, um homem tal como eu. Porém o fim de sua vida foi um ato da mais completa traição, de infidelidade a uma tradição que a mim parecia tão inexorável quanto qualquer chamado na Terra pode ser. Pareceu-me que até mesmo no mar estávamos sujeitos ao assédio de espíritos malignos. Senti no rosto o sopro dos poderes misteriosos que moldam nossos destinos.

No intuito de evitar um silêncio muito prolongado, perguntei ao sr. Burns se ele havia escrito à esposa do capitão. Ele balançou a cabeça. Não havia escrito a ninguém.

Logo ele tomou-se de pesar. Nunca lhe ocorrera escrever. Precisou de todo esse tempo para observar sem interrupções o matreiro estivador chinês que carregava o navio. Com isso o sr. Burns deu-me o primeiro vislumbre da verdadeira alma do imediato que habitava, irrequieta, o seu corpo.

Ficou pensativo, então continuou com um vigor sombrio.

“Sim! O capitão morreu quase meio-dia em ponto. Mexi nos papéis dele à tarde. Fiz as exéquias ao pôr do sol e então aproei o navio ao norte e trouxe-o até aqui. Eu – o – trouxe – até – aqui.”

Ele deu um murro na mesa.

“Difícilmente o navio teria vindo por conta própria”, comentei. “Mas por que o senhor não foi para Cingapura?”

O olhar dele hesitou. “O porto mais próximo”, balbuciou, desgostoso.

Eu havia feito a pergunta na mais completa inocência, mas a resposta (a diferença na distância era insignificante) e os modos dele ofereceram-me uma pista da simples verdade. O sr. Burns havia levado o navio a um porto onde esperava ser aceito no comando temporário devido à falta de outro comandante qualificado. Enquanto o porto de Cingapura, continuou resignado, estaria cheio de homens qualificados. Mas esse raciocínio ingênuo esquecia de levar em conta o cabo do telégrafo que descansava no fundo do próprio Golfo por onde ele havia conduzido o navio que imaginava ter salvado da destruição. Daí o travo amargo de nossa conversa. O sabor tornava-se-me cada vez mais pronunciado – e cada vez menos ao meu gosto.

“Escute aqui, sr. Burns”, comecei em tom firme. “O senhor sabe que eu não vim atrás deste comando. Empurraram-mo. Eu apenas aceitei. Estou aqui em primeiro lugar para levar o navio de volta para casa, e o senhor pode ter certeza de que farei com que todos os homens a bordo trabalhem para me auxiliar neste objetivo. É tudo o que tenho a dizer – por enquanto.”

A essa altura ele já estava de pé mas, em vez de afastar-se, permaneceu a meu lado com os lábios frementes, indignado, e olhando-me como se, depois disso, não me restasse mais nada decente a fazer que não sumir de sua vista ultrajada. Como todos os estados emocionais simples, aquilo era comovente. Senti pena – fiz-me quase solidário, até que (ao ver que eu não desapareceria) ele falou em um tom contido à força.

“Se eu não tivesse uma família a sustentar, senhor, eu teria pedido dispensa no mesmo instante que o senhor veio a bordo.”

Respondi com tranquilidade, como se estivéssemos a tratar de uma terceira pessoa distante.

“Mas eu, sr. Burns, não lhe teria concedido a dispensa. O senhor assinou a matrícula como imediato, e enquanto não chegarmos ao porto de destino final eu espero que o senhor cumpra com seus deveres e conceda-me o benefício de sua experiência tanto quanto puder.”

Uma incredulidade como que de pedra demorou-se em seu olhar: mas logo estilhaçou-se diante da minha postura amistosa.

Com um leve erguer de braços (eu ainda viria a conhecer muito bem aquele gesto) ele deixou a câmara às pressas.

Poderíamos ter evitado essa pequena desavença inofensiva. Antes que muitos dias se passassem, era o sr. Burns quem implorava para que eu não o deixasse para trás; enquanto eu não fazia mais do que oferecer-lhe respostas dúbias. A questão toda tinha um aspecto algo trágico.

E esse horrível problema era apenas um episódio secundário, uma simples complicação do problema genérico que consistia em levar o navio – que me pertencia com todos os aprestos e homens, com o corpo e o espírito que então dormitavam naquele rio pestilento – em levar o navio até o mar.

O sr. Burns, enquanto no comando, apressara-se em assinar uma carta de fretamento que, em um mundo ideal, sem malícia, teria sido um excelente documento. Contudo, assim que lhe pus os olhos imaginei problemas à frente, a menos que os contratantes fossem pessoas excepcionalmente justas e abertas à discussão.

O sr. Burns, a quem confiei meus temores, decidiu enraivecercer-se sobremaneira. Encarou-me com o olhar incrédulo de sempre e disse, cheio de amargura:

“Se bem entendo, o senhor está insinuando que agi como um tolo?”

Respondi-lhe, com a gentileza sistemática que sempre parecia aumentar sua surpresa, que eu não estava insinuando coisa alguma. Eu deixaria isso a cargo do futuro.

E, como não podia deixar de ser, o futuro trouxe muitos problemas. Em certos dias eu lembrava do capitão Giles com nada menos do que asco. Eu só estava naquela situação por conta de sua astúcia; e, como a profecia segundo a qual eu “teria as mãos cheias” se realizou, tive a impressão de que o capitão a fizera no intuito único de pregar uma peça de mau gosto na minha inocência juvenil.

Sim. Eu estava com as mãos cheias de complicações valiosíssimas como “experiência”. As pessoas têm as vantagens da experiência em alta conta. Mas em relação a isso, experiência sempre quer dizer alguma coisa desagradável que se opõe ao encanto e à inocência de nossas ilusões.

Admito que as minhas evaporavam depressa. Mas no tocante a essas instrutivas complicações eu não devo me estender, salvo para dizer que todas elas podiam ser resumidas em uma única palavra: Atraso.

A humanidade que inventou o provérbio “tempo é dinheiro” há de compreender minha irritação. A palavra “Atraso” invadia a câmara secreta de meu cérebro, ressoava lá dentro como o repicar de um sino que me enlouquecia os ouvidos, perturbava-me todos os sentidos, assumia uma coloração negra, um gosto amargo, um significado fatal.

“Lamento ver que o senhor está tão preocupado. De fato, eu...”

Eis as únicas palavras de consolo que então ouvi. E vieram de um médico, o que foi muito condizente.

Os médicos são solidários por definição. Mas aquele homem era solidário de verdade. O discurso dele não era profissional. Eu não estava doente. Mas outras pessoas estavam, e esse era o motivo de sua visita ao navio.

Ele era o médico de nossa Legação e, claro, também do Consulado. Ele cuidava da saúde do navio, que em geral estava péssima e frágil como que a ponto de espedaçar-se. Sim. Os homens estavam doentes. E assim o tempo não era apenas dinheiro, mas também vida.

Eu nunca vira uma tripulação tão comportada. Conforme o médico disse: “O senhor parece ter aqui uma tripulação muito respeitável”. Os homens não apenas passavam o tempo inteiro sóbrios, mas tampouco queriam ir a terra. Precauções foram tomadas para expô-los o menos possível ao sol. Os homens faziam trabalhos leves sob os toldos. E o médico solidário elogiou-me.

“Parece que o senhor tomou providências muito sensatas, capitão.”

É difícil expressar o alívio que senti ao ouvir esse comentário. O semblante rechonchudo e cheio do médico, emoldurado por umas suíças de cor clara, era a perfeição de um contentamento solene. Ele era o único ser humano em todo o mundo que parecia ter algum interesse por mim. Em geral, ficava na câmara por cerca de meia hora a cada visita.

Um dia eu lhe perguntei:

“Então agora a única coisa a fazer é cuidar dos homens como o senhor vem fazendo enquanto não chego ao mar?”

Ele inclinou a cabeça, fechando os olhos por sob os grandes óculos, e murmurou:

“O mar... sem dúvida.”

O primeiro membro da tripulação a passar mal foi o despenseiro – o primeiro homem com quem eu tinha falado a bordo. Ele foi levado a terra (com sintomas de cólera) e lá morreu ao cabo de uma semana. Então, enquanto eu ainda estava sob a espantosa influência desse primeiro golpe do clima, o sr. Burns não resistiu e caiu de cama ardendo em febre sem dizer uma palavra a quem quer que fosse.

Creio que a causa dessa moléstia foi em parte seu ressentimento; o clima encarregou-se do resto com a rapidez de um monstro invisível à espreita no ar, na água, no lodo junto à margem. O sr. Burns era uma vítima predestinada.

Descobri-o deitado de costas, com o olhar vidrado e irradiando calor como uma pequena fornalha. Ele mal conseguia responder às minhas perguntas, limitando-se a gemer.

Será que um membro da tripulação com fortes dores de cabeça não poderia, uma vez na vida, ser dispensado do serviço à tarde?

Naquela noite, quando fiquei sentado na câmara depois do jantar, ouvi-o murmurando no camarote. Ransome, que estava tirando a mesa, disse-me:

“Senhor, acho que vou estar ocupado demais para dar ao imediato toda a atenção que ele necessita. Preciso ficar a vante na cozinha a maior parte do tempo.”

Ransome era o cozinheiro. O imediato tinha-mo apontado no primeiro dia, de pé no convés, com os braços cruzados sobre o peito robusto, olhando para o rio.

Mesmo de longe aquela figura bem-proporcionada, com uma altivez definitivamente marinheira, fazia-o digno de nota. Mais de perto, os olhos sagazes, silenciosos, o rosto cortês e a independência disciplinada de seu caráter compunham uma personalidade das mais interessantes. Quando, além do mais, o sr.

Burns informou-me de que ele era o melhor marinheiro a bordo, expressei surpresa ao saber que, na flor da idade e com uma aparência daquelas, estivesse matriculado como cozinheiro do navio.

“É o coração”, respondeu o sr. Burns. “Ele tem um problema no coração. Não pode fazer muito esforço sob pena de cair morto de repente.”

Ele foi o único que permaneceu incólume ao clima – talvez porque, trazendo um inimigo mortal dentro do peito, houvesse aprendido a manter um controle sistemático de suas emoções e movimentos. Para quem sabia, o segredo era visível em seus modos. Depois que o pobre despenseiro morreu, e como não houvesse um homem branco para substituí-lo no porto oriental, Ransome ofereceu-se para fazer o trabalho dobrado.

“Posso fazer tudo sem problema algum, senhor, desde que eu vá com calma”, afiançou-me.

Mas não havia como esperar que o homem também se responsabilizasse pelos doentes. Ademais, o médico havia dado ordens explícitas para que o sr. Burns fosse a terra.

Com um marinheiro de cada lado a segurá-lo por debaixo dos braços, o imediato atravessou o portaló mais contrariado do que nunca. Acomodamo-lo com travesseiros na charrete, e ele esforçou-se em dizer, com a voz quebrantada:

“Agora – o senhor conseguiu – o que queria – tirar-me – do navio.”

“O senhor nunca esteve mais errado em toda a sua vida, sr. Burns”, respondi em voz baixa e sorrindo-lhe como convinha; e a charrete partiu em direção a uma espécie de sanatório, um pavilhão de tijolos que o doutor mantinha no pátio de sua residência.

Eu fazia visitas regulares ao sr. Burns. Depois de alguns dias, quando ele já não reconhecia mais ninguém, recebia-me como se eu tivesse ido presenciar a derrota de um inimigo ou então reconciliar-me com alguém profundamente injustiçado. Era sempre uma coisa ou a outra, conforme o humor extravagante que o acometesse na doença. Fosse como fosse, ele lograva impingir-mo mesmo durante o período em que parecia fraco demais até para falar. Eu o tratava com a minha gentileza habitual.

Até que um dia, de repente, um surto de pânico absoluto irrompeu em meio àquela loucura.

Se eu o deixasse para trás naquele lugar fatal ele morreria. Ele sentia, tinha certeza. Mas eu não teria coragem de deixá-lo em terra. O sr. Burns tinha família em Sydney.

Ele tirou os braços emaciados de sob o lençol que lhe cobria o corpo e juntou as mãos descarnadas. Ele iria morrer! Iria morrer naquele lugar...

O homem conseguiu endireitar as costas, mas apenas por um breve momento, e quando se prostrou mais uma vez eu realmente achei que ele morreria lá mesmo, naquele instante. Chamei o enfermeiro bengali e afastei-me às pressas do quarto.

No dia seguinte ele voltou a aborrecer-me profundamente com aquelas súplicas. Dei uma resposta evasiva e deixei-o, o retrato de um sinistro desespero. No outro dia visitei-o a contragosto, e ele atacou-me assim que cheguei em um tom de voz muito mais incisivo e com uma profusão de argumentos bastante espantosa. Explicou-me a situação com um furor insano e, no fim, perguntou-me como eu me sentiria com a morte de um homem a pesar em minha consciência. Queria uma promessa de que eu não zarparia sem ele.

Eu disse que antes seria preciso consultar o médico. O homem respondeu aos gritos. O médico! Nunca! Seria uma sentença de morte.

O esforço exaurira suas forças. Fechou os olhos, mas seguiu resmungando em voz baixa. Eu o havia odiado desde o primeiro instante. O antigo capitão também o havia odiado. Havia desejado que morresse. Havia desejado que toda a tripulação morresse...

"O que o senhor pretende juntando-se àquele cadáver perverso, capitão? Ele também há de pegá-lo", concluiu, piscando os olhos vidrados no nada.

"Sr. Burns", gritei, perdendo a compostura, "de que diabos o senhor está falando?"

Ele pareceu voltar a si, embora estivesse muito debilitado para assustar-se.

"Não sei", disse ele, prostrado. "Mas não meta o doutor nisso, senhor. Eu e o senhor somos marinheiros. Não o meta nisso, senhor.

Um dia talvez o senhor também venha a ter a sua família.”

E mais uma vez pediu que eu promettesse não o deixar para trás. Tive a firmeza de não prometer. Mais tarde este rigor pareceu-me criminoso; pois eu já me havia decidido. Aquele homem indefeso, quase sem forças para respirar e dilacerado por arroubos de temor era irresistível. E, além do mais, por sorte ele escolhera as palavras certas. Nós dois éramos marinheiros. Era um argumento e tanto, pois eu não tinha outra família. Quanto ao argumento da família (um dia), não tinha a menor força. Apenas soava bizarro.

Eu não conseguia imaginar nenhum argumento mais forte e mais contundente do que aquele navio, do que aqueles homens presos no rio por força de complicações comerciais estúpidas, como que em uma armadilha venenosa.

Contudo, eu já estava a ponto de encontrar uma saída. Para o mar. O mar – puro, seguro e amigo. Mais três dias.

Esse pensamento deu-me forças e conduziu-me de volta ao navio. Fui recebido na câmara pela voz do médico, e sua forma rotunda sucedeu a voz, avultando do camarote a estibordo onde a caixa de medicamentos do navio estava presa ao beliche.

Ao ver que eu não estava a bordo ele fora até lá, disse, para inspecionar o estoque de medicamentos, bandagens e assim por diante. Tudo estava na mais perfeita ordem.

Agradei-lhe; eu vinha pensando em pedir que fizesse justamente aquilo, uma vez que, passados alguns dias, como ele bem sabia, far-nos-íamos ao mar, onde todos os nossos problemas enfim desapareceriam.

Ele escutou com uma expressão grave e não respondeu. Mas quando falei a respeito do sr. Burns ele sentou-se a meu lado e, pondo a mão amigavelmente em meu joelho, rogou para que eu pensasse bem ao que eu estaria me expondo.

O homem só tinha forças para fazer a viagem e nada mais. Não resistiria a um retorno da febre. Eu tinha pela frente uma travessia de talvez sessenta dias, que começaria com navegação complexa e provavelmente acabaria com intempéries. Será que eu poderia correr o risco de encarar tudo sozinho, sem primeiro-oficial e com um segundo que não passava de um garoto...?

Ele também poderia ter acrescentado que aquele era o meu primeiro comando. Provavelmente foi o que pensou, pois precisou deter-se. Era um fato muito presente para mim.

Aconselhou-me a mandar um telegrama para Cingapura pedindo um imediato, mesmo que precisasse atrasar a partida em mais uma semana.

“Nunca”, respondi. A simples ideia dava-me calafrios. Os homens pareciam estar em boa forma, todos eles, e já era hora de tirá-los de lá. Uma vez no mar, eu não teria medo de nada. O mar era o único remédio para todos os meus males.

Os óculos do médico viraram-se na minha direção como duas lâmpadas a examinar a legitimidade de minha resolução. Ele entreabriu os lábios com se fosse argumentar mais um pouco, porém voltou a fechá-los sem dizer coisa alguma. Tive uma visão do pobre Burns exausto, indefeso e angustiado, uma visão tão nítida que me comoveu mais do que a realidade da qual eu me afastara apenas uma hora atrás. A imagem redimia as falhas de sua personalidade, e não pude resistir.

“Doutor, escute”, disse eu. “A não ser que o senhor diga-me em caráter oficial que aquele homem não pode ser transportado eu tomarei as providências necessárias para trazê-lo a bordo amanhã, e levarei o navio para fora do rio pela manhã seguinte, mesmo que eu tenha de passar uns dias ancorado fora da barra para preparar a viagem.”

“Ah! Eu mesmo tomarei as providências”, respondeu de pronto o médico. “Falei apenas como amigo – como alguém que deseja o seu bem, esse tipo de coisa.”

Levantou-se com uma simplicidade digna e deu-me um caloroso aperto de mão, de forma um tanto solene, pensei. Mas o doutor cumpriu a promessa. Quando o sr. Burns surgiu no portaló carregado em uma padiola, ninguém menos que o doutor andava a seu lado. Os preparativos haviam sido alterados a tal ponto que o transporte dele ficara para a última hora, na manhã mesma em que havíamos de partir.

O sol tinha nascido havia pouco mais de uma hora. Da margem o médico acenou-me com seu enorme braço e logo voltou para a

sua charrete, que o seguira vazia até a beira do rio. O sr. Burns, enquanto o carregavam pela tolda, tinha um aspecto de todo inanimado. Ransome desceu para acomodá-lo no camarote. Precisei ficar no tombadilho para tomar conta do navio, pois o rebocador já havia pegado nossa toa.

O chapinhar de nossas espias ao caírem na água produziu uma grande mudança em meus sentimentos. Era como o alívio imperfeito que sentimos ao acordar de um pesadelo. Mas quando a proa do navio guinou rio abaixo e afastou-se da cidade, oriental e sórdida, senti falta do júbilo que eu esperava sentir naquele momento tão aguardado. O que houve, sem dúvida, foi um relaxamento de tensão que se traduziu em uma sensação de cansaço após um combate inglório.

Por volta do meio-dia fundeamos a uma milha da barra. A tarde foi de muito trabalho para toda a tripulação. Observando a faina a partir do tombadilho, onde permaneci o tempo inteiro, detectei nela algo do langor daquelas seis semanas passadas no calor sufocante do rio. A primeira brisa haveria de dissipá-lo. A calmaria era total. Julguei que o segundo-oficial – um jovem inexperiente com um semblante nada promissor – não era feito, para dizer o mínimo, da matéria inestimável que constitui o braço direito de um capitão. Mas fiquei contente ao flagrar, no convés, alguns sorrisos nos rostos da marinhagem, os quais eu mal tivera tempo de examinar como convém. Após deixar para trás as preocupações relativas a assuntos terrenos, senti-me familiarizado com os homens, mas também um pouco estranho, como um andarilho há muito perdido que retorna aos seus.

Ransome corria o tempo inteiro de um lado para o outro entre a cozinha e a câmara. Dava gosto observá-lo. O homem tinha graça. De toda a tripulação, fora o único a não adoecer um dia sequer no porto. Mas, conhecendo o segredo do coração atormentado em seu peito, percebi os limites que impunha à natural agilidade marinheira de seus movimentos. Era como se precisasse carregar algo muito frágil ou altamente explosivo junto de si e estivesse o tempo inteiro consciente dessa circunstância.

Tive a chance de dirigir-lhe a palavra uma ou duas vezes. Respondeu-me com sua voz agradável e baixa, e com um discreto sorriso marcado de leve pela tristeza. O sr. Burns aparentemente estava descansando. Parecia estar bem-acomodado.

Depois do pôr do sol subi mais uma vez ao convés e deparei-me apenas com um vazio silencioso. O contorno diáfano e indistinto da costa perdia-se na distância. A escuridão avultara em torno do navio como uma emanção misteriosa das águas mudas e solitárias. Escorei-me de encontro à amurada e tentei escutar as sombras noturnas. Nem um som. Meu navio era como um planeta avançando vertiginosamente ao longo da órbita em um universo de absoluto silêncio. Agarrei-me à amurada como se meu senso de equilíbrio estivesse a abandonar-me. Que absurdo. Meus nervos derrotavam-me.

“Ó do convés!”

A resposta imediata, “Às ordens, capitão”, quebrou o encanto. O vigia da amarra subiu depressa pela escada do tombadilho. Dei ordens para que me comunicasse imediatamente qualquer sinal de uma brisa.

Ao descer, dei uma olhada no sr. Burns. Na verdade, não tive como evitar vê-lo, pois a porta estava aberta. O homem estava tão definhado que, no camarote branco, sob um lençol branco e com a diminuta cabeça afundada no travesseiro branco, seu bigode ruivo capturava o olhar como algo artificial – um par de bigodes em uma loja, exibido sob a luz implacável da lamparina sem quebra-luz da antepara.

Enquanto eu o observava com um certo assombro, fez-se notar abrindo os olhos e até mesmo movendo-os em minha direção. Um movimento discreto.

“Calma podre, sr. Burns”, disse eu, resignado.

Com uma voz clara, bastante inesperada, o sr. Burns começou um discurso interminável. O tom era muito estranho, como que imune à doença, como que de outra natureza. Soava sobrenatural. Quanto ao assunto, tive a impressão de entender que era culpa do “velho” – o antigo capitão – à espreita nas profundezas do mar com algum estratagema maligno. Era uma história estranha.

Escutei-a até o fim; então, adentrando o camarote, pus a mão na testa do imediato. Estava fria. Ele estava zozzo apenas por conta da fraqueza extrema. De repente pareceu tomar consciência da minha presença e, com sua própria voz – muito débil, é claro – perguntou arrependido:

“Não há mesmo como fazer de vela, senhor?”

“De que adiantaria desunhar só para ficar à deriva, sr. Burns?”, respondi.

Ele soluçou e eu o deixei entregue à imobilidade. O fio que o prendia à vida era tão frágil quanto aquele que o prendia à sanidade. Eu sentia-me oprimido pela responsabilidade solitária. Fui para o meu camarote buscar repouso em algumas horas de sono, mas antes que eu fechasse os olhos o homem no convés desceu com notícias de uma leve brisa. Suficiente para fazer de vela, acrescentou.

E não era nada além de suficiente. Mandei suspender o ferro, largar pano e caçar as velas de gávea. Mas quando enfim o navio começou a fazer cabeça eu mal sentia o vento soprar. Não obstante, ordenei que mareassem as velas com todo o pano largo. Eu não desistiria antes de tentar.

IV

Com a âncora suspensa e envolto em pano até as borlas, meu comando parecia tão imóvel quanto um barco em miniatura sobre o claro-escuro do mármore polido. Era impossível distinguir entre a terra e o mar na tranquilidade enigmática das enormes forças do mundo. Uma impaciência súbita apossou-se de mim.

"Não está dando pelo leme?", perguntei irritado ao homem cujas fortes mãos bronzeadas, agarrando as malaguetas do timão, reluziam em meio às trevas; como um símbolo da humanidade que afirma reger o próprio destino.

Ele respondeu.

"Sim, senhor. Está orçando aos poucos."

"Leve a proa ao sul."

"Sim, senhor."

Andei pelo tombadilho. Não se ouviu nenhum som além dos meus passos, até que o homem falou novamente.

"Está aproado a sul, senhor."

Senti um leve enrijecer no peito antes de dar o primeiro rumo do meu comando naquela noite silenciosa, repleta de orvalho e salpicada de estrelas. O ato encerrava um propósito que me consignava à vigilância incessante do meu dever solitário.

"Assim", disse eu logo a seguir. "O rumo é sul."

"Sul, senhor", repetiu o homem.

Rendi o segundo piloto e os demais homens e permaneci de quarto, palmilhando o convés durante as horas gélidas e sonolentas que precedem a alvorada.

Breves sopros iam e vinham e, quando eram fortes o suficiente para acordar as águas escuras, o murmúrio no costado atravessava-me o coração em um suave crescendo de enlevo e a seguir morria. Eu sentia um cansaço amargo. As próprias estrelas pareciam

exaustas de tanto esperar o dia. Enfim ele veio, com um lustre de madrepérola no zênite, tal como eu jamais vira nos trópicos, baço, quase cinzento, que me fez pensar em altitudes elevadas.

A voz do vigia fez-se ouvir a vante:

“Terra pela amura de bombordo, senhor!”

“Muito bem.”

Escorado de encontro à amurada, sequer ergui o olhar.

O avanço do navio era imperceptível. Ransome trouxe-me a xícara de café matinal. Depois de bebê-la olhei para diante e, no rasgo cintilante de luz alaranjada, vi a costa delinear-se como que recortada em papel escuro, parecendo flutuar sobre a água com a leveza da cortiça. Mas o sol nascente transformava o cenário em um mero vapor negro, uma sombra dúbia, imensa, que tremulava sob o fulgor escaldante.

Os homens de quarto terminavam a baldeação. Desci e parei junto à porta do sr. Burns (ele não suportava que a fechassem), mas hesitei em falar antes que movimentasse os olhos. Então lhe dei as últimas notícias.

“Avistamos Cabo Liant ao raiar do dia. A umas quinze milhas.”

Ele mexeu os lábios, mas não escutei nenhum som até que baixei a cabeça e ouvi um comentário irritado: “Estamos nos arrastando... Que azar”.

“Seja como for, é melhor do que ficar parado”, comentei resignado, e abandonei-o a quaisquer pensamentos ou devaneios que lhe assombrassem naquela imobilidade.

Mais tarde naquela manhã, após ser rendido pelo segundo-oficial, atirei-me no sofá e por cerca de três horas pude esquecer de tudo. O esquecimento foi tão perfeito que, ao acordar, perguntei-me onde eu estava. Mas logo veio o profundo alívio do pensamento: a bordo do meu navio! No mar! No mar!

Através das vigias contemplei um horizonte imóvel, abrasado pelo sol. O horizonte de um dia sem vento. Mas só aquela infinitude bastava para dar-me a sensação de uma fuga bem-aventurada, de uma exultação momentânea da liberdade.

Saí à câmara com o coração mais leve do que havia estado em muitos dias. Ransome estava junto do aparador, preparando-se para

pôr a mesa do primeiro jantar durante a travessia. Ele virou o rosto para mim, e algo em seu olhar pôs em xeque minha modesta satisfação.

Instintivamente perguntei: "O que houve agora?", sem jamais imaginar a resposta que obtive. Esta foi dada com aquela serenidade contida que caracterizava o homem.

"Acho que não deixamos toda a doença para trás, senhor."

"Não diga! O que aconteceu?"

Ransome explicou-me que dois de nossos homens haviam sucumbido à febre durante a noite. Um deles ardia em calor e o outro tremia de frio, mas ele imaginava que a moléstia fosse a mesma. Eu também. Fiquei chocado com a notícia. "Um ardendo em calor e o outro tremendo de frio, hein? Não. Não deixamos a doença para trás. Eles parecem muito doentes?"

"Mais ou menos, senhor." Os olhos de Ransome estavam fixos nos meus. Trocamos sorrisos. O de Ransome foi um pouco triste, como de costume, e o meu sem dúvida sinistro o bastante para ajustar-se à minha irritação secreta.

Perguntei:

"Ventou esta manhã?"

"Não exatamente, senhor. Mas avançamos aos poucos. Parece que estamos um pouco mais perto da terra."

Isso era tudo. Um pouco mais perto. Ao passo que, se tivéssemos um pouco mais de vento, só um pouco mais, poderíamos, deveríamos estar no través de Liant naquele instante, deixando a orla infecta para trás. E não era só a distância. Eu tinha a impressão de que uma brisa mais forte teria levado consigo a pestilência que pairava sobre o navio. Era óbvio que pairava sobre o navio. Dois homens. Um ardendo em calor, o outro tremendo de frio. Eu relutava em ir vê-los. De que adiantaria? Veneno é veneno. Febre tropical é febre tropical. Mas que ela nos tivesse em suas garras em pleno mar parecia-me uma liberdade extraordinária e injusta. Eu quase não podia acreditar que fosse algo ainda pior do que o último golpe desesperado do mal de que estávamos escapando em direção ao revigorante sopro do mar. Se ao menos o sopro tivesse sido um pouco mais vigoroso. No entanto, contra a febre havia o quinino. Fui

até o camarote vago onde a caixa de medicamentos ficava guardada a fim de preparar duas doses. Abri-o cheio de fé, como quem abre um templo milagroso. A parte superior era ocupada por uma miscelânea de vidros, todos quadrados e idênticos entre si como duas gotas d'água. Sob aquela disposição ordenada havia duas gavetas, tão cheias de coisas quanto se pode imaginar – embalagens de papel, bandagens, caixas de papelão com etiquetas oficiais. A mais baixa, em um de seus compartimentos, guardava nossa provisão de quinino.

Havia cinco vidros, todos redondos e do mesmo tamanho. Um deles estava um terço cheio. Os outros quatro permaneciam enrolados em papel e lacrados. Porém, eu não esperava encontrar um envelope em cima deles. Um envelope quadrado que, de fato, pertencia aos papéis do navio.

Do modo como estava disposto eu vi que não estava selado e, ao pegá-lo e manuseá-lo, percebi que estava endereçado a mim. Continha meia folha de papel, a qual desdobrei com a estranha sensação de estar na presença do sobrenatural, mas sem nenhuma surpresa, tal como as pessoas veem e fazem coisas extraordinárias nos sonhos.

“Caro capitão”, começava, mas corri os olhos para a assinatura. Era um bilhete do doutor. Fora escrita no dia em que, ao retornar de minha visita ao sr. Burns no hospital, encontrei o excelente doutor à minha espera na câmara; quando então me disse que havia passado o tempo a inspecionar a caixa de medicamentos para mim. Que estranho! Enquanto aguardava minha chegada a qualquer instante o homem entreteve-se escrevendo uma carta e, quando cheguei, apressou-se em metê-la em uma gaveta na caixa de medicamentos. Uma conduta notável. Voltei-me admirado ao texto.

Em uma caligrafia grande e apressada, mas perfeitamente legível, o bom homem, por algum motivo, fosse bondade ou antes um impulso irresistível de expressar sua opinião, com a qual não quisera abalar minhas esperanças, alertava-me sobre o perigo de confiar nos efeitos benéficos de uma mudança da terra para o mar. “Não quis trazer mais problemas enfraquecendo-lhe as esperanças”, escreveu. “Porém temo que, em termos médicos, seus problemas

ainda não tenham chegado ao fim.” Em suma, ele imaginava que eu teria de enfrentar o provável retorno da moléstia tropical. Por sorte eu tinha uma farta provisão de quinino. Restava-me confiar no remédio e administrá-lo regularmente, pois assim a saúde da tripulação sem dúvida melhoraria.

Amassei a carta e enfiei-a no bolso. Ransome levou duas doses generosas para os homens à proa. Quanto a mim, não retornei de pronto ao tombadilho. Em vez disso dirigi-me à porta do camarote do sr. Burns, a quem relatei o ocorrido.

Seria impossível descrever o efeito que a notícia teve sobre o homem. A princípio imaginei que ele estivesse mudo. Sua cabeça estava afundada no travesseiro. Contudo, moveu os lábios para assegurar-me de que se sentia muito melhor; uma afirmação chocante, dada sua falsidade manifesta.

Naquela tarde entrei de quarto como de costume. Um forte mormaço envolvia o navio e parecia mantê-lo imóvel em um cenário flamejante pintado em dois tons de azul. Baforadas débeis e quentes desprendiam-se nervosas dos panos. E no entanto o navio avançava. Deve ter avançado. Pois, quando o sol se punha, havíamos passado pelo través do Cabo Liant e tínhamo-lo à popa: uma sombra nefasta a desaparecer nas últimas luzes do crepúsculo.

À noite, sob a luminosidade crua do lampião, o sr. Burns parecia estar mais próximo à superfície do leito. Era como se uma mão impiedosa fora tirada de cima dele. Respondeu às minhas poucas palavras com um discurso relativamente longo e coeso. Mostrou-se cheio de brio. Disse que, se resistisse ao calor estagnante, em poucos dias estaria de volta ao tombadilho para ajudar-me.

Enquanto escutava-o eu tremia com medo de que esse esforço acabasse por matá-lo diante dos meus olhos. Mas não posso negar que houvesse algo reconfortante naquela força de vontade. Dei-lhe uma resposta à altura, mas enfatizei que a única ajuda de fato viria na forma de vento – de um vento à feição.

Impaciente, o sr. Burns rolou a cabeça sobre o travesseiro. E não era nada agradável escutar seus balbucios desconexos a

respeito do antigo capitão, aquele homem enterrado na latitude 8°20', bem no nosso caminho – à espreita na entrada do Golfo.

“Ainda está pensando no finado capitão, sr. Burns?”, perguntei. “Imagino que os mortos não guardem nenhum rancor dos vivos. Eles não se importam conosco.”

“O senhor não conheceu o antigo capitão”, suspirou ele.

“Não. Eu não o conheci e ele não me conheceu. Então ele não pode ter nada contra mim, afinal.”

“Certo. Mas ainda tem todo o resto da tripulação a bordo”, insistiu.

Percebi que a força inexpugnável do senso comum sofria ameaças insidiosas desse delírio terrível, insano. E disse:

“O senhor não deve falar tanto. Acabará exausto”.

“E tem também o navio”, continuou em um suspiro.

“Ora, já basta!”, disse eu, entrando e pondo a mão em sua testa fria. Assim me foi demonstrado que aquele absurdo atroz originava-se no homem e não na doença, que aparentava tê-lo privado de todas as forças físicas e mentais, exceto por aquela ideia fixa.

Furtei-me a entabular qualquer conversa com o sr. Burns pelos dias a seguir. Eu costumava apenas dirigir-lhe uma palavra apressada e alegre ao passar diante de sua porta. Acho que, se tivesse forças, ele me teria chamado mais de uma vez. Mas ele não tinha mais forças. Ransome, no entanto, disse-me uma certa tarde que o imediato “parecia estar se recuperando muito bem”.

“Ele por acaso falou-lhe algum absurdo ultimamente?”, perguntei em tom casual.

“Não, senhor.” Ransome ficou sobressaltado com a pergunta direta; mas, após um breve silêncio durante o qual se recompôs, acrescentou: “Hoje pela manhã ele me disse que lamentava ter enterrado o nosso antigo capitão na rota do navio, bem na saída do Golfo”.

“Isso não lhe parece absurdo o suficiente?”, perguntei, dirigindo um olhar confiante àquele rosto quieto, inteligente, sobre o qual a perturbação oculta no peito do homem havia estendido o véu diáfano da prudência.

Ransome não soube o que responder. Não havia pensado no assunto. Assim, dando um sorriso discreto, afastou-se de mim para voltar a seus eternos afazeres com a cautela habitual.

Mais dois dias se passaram. Tomamos seguimento – um mínimo de seguimento – rumo ao espaço mais amplo do Golfo de Sião. Atendo-me com todas as forças ao júbilo do primeiro comando que por acaso tocara a mim, graças à intervenção do capitão Giles, eu ainda tinha o pressentimento de que uma sorte dessas talvez fosse recompensada de alguma forma. Procedi a uma análise profissional de minhas chances. Eu era competente o bastante para tal. Ao menos era o que eu pensava. Eu tinha aquela noção geral do meu preparo que só os homens que seguem sua vocação conhecem. A mim esse sentimento parecia a coisa mais natural do mundo. Tão natural como respirar. Eu imaginava-me incapaz de viver sem ele.

Não sabia o que esperar. Talvez nada além daquela particular intensidade da existência que é a essência das aspirações juvenis. Embora sem saber o que esperar, eu não esperava enfrentar furacões. Não. No Golfo de Sião não há furacões. Mas eu tampouco esperava ver-me de mãos atadas por todo o desalentador período que me foi revelado com o passar dos dias.

Não que o feitiço mantivesse-nos o tempo inteiro parados. Correntes misteriosas carregavam-nos de um lado para o outro com um poder insidioso, que se manifestava apenas nas sucessivas visões de ilhas na margem leste do Golfo. Também havia os ventos, intermitentes e inconstantes. Enchiam-nos de esperança para então atirá-las na mais amarga decepção, promessas de avanço resultando em caminho perdido, dando os últimos suspiros, morrendo na calmaria muda em que as correntes faziam tudo a seu modo – a seu modo hostil.

A ilha de Koh-Ring, uma cordilheira vasta, negra, erguendo-se em meio a uma porção de ilhotas, repousando sobre o mar vítreo como um tritão em meio aos peixes, parecia ser o centro do círculo fatal. Parecia impossível sair de lá. Dia após dia a ilha permanecia no horizonte. Mais de uma vez, com uma brisa favorável, eu media as coordenadas no crepúsculo vazante, imaginando que seria a última vez. Vã esperança! Uma noite de aragens inconstantes punha a

perder o avanço dos ventos benfazejos, e o sol nascente revelava os contornos negros de Koh-Ring, mais devastada, inóspita e sinistra do que nunca.

“Juro, é como estar enfeitiçado”, disse eu certo dia ao sr. Burns, do meu posto habitual no vão da porta.

Ele estava sentado no beliche. Aos poucos, voltava ao mundo dos vivos; isto é, se não fosse cedo demais para afirmar que estivesse mais uma vez entre nós. O homem acenou a cabeça frágil e ossuda em um misterioso sinal de concordância.

“Ah, sim, eu sei muito bem o que o senhor quer dizer”, disse ele.

“Mas o senhor não pode esperar que eu dê crédito à história de um homem morto que tem o poder de interferir na meteorologia desta parte do mundo. Embora de fato tudo em relação ao clima tenha dado errado. As brisas da terra e do mar estão reduzidas a fragmentos. Não podemos navegar com elas por mais de cinco minutos.”

“Falta pouco para eu voltar ao tombadilho”, murmurou o sr. Burns. “Então veremos.”

Não ficou claro se isso era uma promessa de combater forças sobrenaturais. De qualquer modo, não era o tipo de ajuda que eu buscava. Por outro lado, eu passava praticamente dia e noite no tombadilho para aproveitar todas as chances de aproar meu navio um pouco mais a sul. O imediato, eu bem via, ainda estava muito debilitado e sujeito a delírios, que para mim nada mais eram do que um sintoma do mal que o afligia. De qualquer maneira, eu não poderia desencorajar a esperança de um inválido. Falei:

“Não tenho dúvidas de que será muito bem recebido, sr. Burns. Se continuar melhorando neste ritmo, em breve o senhor será um dos homens mais sadios a bordo.”

O comentário agradou-o, mas a magreza extrema transformou seu sorriso satisfeito em uma exibição sinistra de dentes afilados sob o bigode rubro.

“A marinagem não está melhorando, capitão?”, perguntou-me em tom sóbrio, com uma visível expressão de ansiedade no semblante.

Respondi com um gesto vago e afastei-me da porta. O fato era que a doença tinha-nos sujeitos a seus caprichos, bem como os ventos. Ela passava de um homem ao outro com toques mais leves ou mais pesados, que sempre deixavam uma marca atrás de si, debilitando alguns, deixando outros de cama por um tempo, abandonando este, voltando para aquele, de modo que nesse ponto todos tinham um aspecto enfermigo e uma expressão acuada, apreensiva no olhar; enquanto eu e Ransome, os únicos completamente incólumes, andávamos com frequência entre eles distribuindo quinino. Era um combate em duas frentes. O tempo adverso impedia nosso avanço e a doença atacava-nos pela retaguarda. Devo dizer que mesmo nessas condições os homens provaram seu valor. A faina constante de marear as velas era executada de bom grado. Mas toda a fibra havia lhes abandonado os músculos e, enquanto eu os observava do tombadilho, não consegui afastar a pavorosa impressão de que se moviam em uma atmosfera envenenada.

Lá embaixo, no camarote, o sr. Burns havia melhorado não só a ponto de conseguir sentar no beliche, mas também de encolher as pernas. Abraçando-as com os braços ossudos, como um esqueleto animado, soltava suspiros profundos, impacientes.

"A grande coisa a fazer", dizia-me sempre que eu lhe dava a chance, "a grande coisa a fazer é levar o navio para além dos 8°20' de latitude. Depois disso estaremos a salvo."

A princípio eu apenas sorria, embora, Deus sabe, não me restasse muita coragem para sorrir. Mas no fim perdi a paciência.

"Ah, sim. A latitude 8°20'. Foi lá que o senhor enterrou o antigo capitão, não é mesmo?" Então, em tom severo: "O senhor já não acha que está na hora de parar com essas besteiras?"

Ele virou-me os olhos fundos em uma mostra de invencível obstinação. De resto, limitou-se a murmurar, em uma altura apenas suficiente para que eu escutasse, alguma coisa como "Nenhuma surpresa... encontrar... algum truque sujo ainda...".

Cenas como essa eram pouco benéficas à firmeza de meu propósito. Eu começava a sentir o peso da adversidade. Ao mesmo tempo, sentia desprezo pela fraqueza obscura em minh'alma. Disse a

mim mesmo, cheio de desdém, que seria preciso muito mais do que aquilo para abalar a minha fortitude.

Eu não sabia, então, quando nem de que lado viria o ataque.

Veio no dia seguinte. O sol havia surgido acima da elevação sul de Koh-Ring, que ainda pairava em nossa alheta de bombordo como uma presença maligna. A ilha era uma visão odiosa a meus olhos. Durante a noite havíamos seguido por todos os rumos da agulha, mareando as velas repetidas vezes ao sabor do que eu temo haverem sido, em boa parte, aragens imaginárias. Então, ao nascer do sol, por uma hora tivemos uma brisa inexplicável, constante, que soprava de proa. Aquilo não fazia sentido. Não se ajustava à estação do ano nem à experiência secular dos marinheiros conforme o registro dos livros, nem ao aspecto do céu. Só a maldade intencional poderia explicar. O vento afastou-nos de nosso rumo a grande velocidade; e se estivéssemos navegando a passeio teria sido uma brisa deliciosa, com o despertar cristalino do mar, a sensação de movimento e uma impressão de extraordinário frescor. Então, de repente, como que decidido a interromper aquela zombaria lamentável, o vento amainou e morreu completamente em menos de cinco minutos. O navio guinou para o bordo em que estava adernado; o mar, calmo, brilhou como uma chapa de aço na calmaria.

Desci, não porque quisesse descansar, mas simplesmente porque eu não aguentava mais ver aquilo. Ransome, incansável, estava atarefado na câmara. Ele havia se habituado a dar-me um relatório sobre a saúde da tripulação pela manhã. Afastou-se do aparador com o olhar agradável e quieto de sempre. Nenhuma sombra pairava sobre sua frente arguta.

“Hoje vários homens acordaram mal, senhor”, disse ele em voz baixa.

“Como assim? Estão todos de cama?”

“Na verdade só dois estão nos beliches, senhor, mas —”

“Foi a noite passada. Tivemos de alar e içar o tempo inteiro.”

“Fiquei sabendo, senhor. Eu gostaria de ter ajudado, mas...”

“Nem pensar. Você não pode... Os homens também têm passado as noites nos conveses. Não faz bem para eles.”

Ransome concordou. Mas não se podia cuidar dos homens como se fossem crianças. Além do mais, não havia como censurá-los por querer aproveitar o frescor e as brisas do convés. Ransome, é claro, compreendia melhor a situação.

Era um homem deveras razoável. Contudo, seria difícil negar o mesmo elogio aos outros. Nossos últimos dias haviam sido como a prova da fornalha ardente. Eu não podia criticar aquela humanidade simples e despreocupada que aproveitava os momentos de alívio, quando a noite trazia a ilusão de frescor e as estrelas brilhavam na atmosfera pesada, carregada de orvalho. Além do mais, a maioria deles estava tão enfraquecida que não podíamos fazer quase nada sem que todos os que se aguentavam de pé trabalhassem nos braços das vergas. Não, seria inútil fazer-lhes qualquer censura. Mas eu estava convencido de que o quinino seria extremamente útil.

Eu acreditava nele. Depositei minha fé nele. O quinino salvaria os homens, o barco, quebraria o feitiço com suas propriedades medicinais, daria conta do tempo, faria do clima um problema apenas passageiro e, como um pó mágico agindo contra males misteriosos, protegeria a primeira viagem de meu primeiro comando contra os poderes maléficos das calmarias e da pestilência. Eu o via como algo mais precioso do que o ouro mas, à diferença do ouro, que falta em quase toda a parte, o navio tinha uma provisão suficiente dele. Fui buscá-lo no camarote vago a fim de pesar algumas doses. Estendi a mão como um homem prestes a tocar em uma panaceia infalível, peguei um vidro ainda fechado e abri a embalagem, notando ao mesmo tempo que não estava selada nem em cima nem embaixo...

Mas de que adianta registrar os passos lépidos de minha terrível descoberta? Todos já imaginam o resultado. Havia a embalagem, o vidro e um pó branco dentro, alguma espécie de pó branco! Mas não era quinino. Um único olhar bastou. Recordo que no instante de levantar o vidro, antes mesmo de abrir a embalagem, o peso do objeto que eu tinha em mãos deu-me um pressentimento instantâneo. O quinino é leve como as plumas; e meus nervos deveriam estar sujeitos a uma sensibilidade extraordinária. Deixei que o vidro se espatifasse no chão. Qualquer que fosse o conteúdo,

senti-lhe os grãos nas solas dos meus sapatos. Peguei um segundo e então um terceiro vidro. Bastou o peso para que eu compreendesse. Um atrás do outro eles caíram, quebrando-se aos meus pés, não porque eu os atirasse em minha desolação, mas escorregando por entre meus dedos como se aquela revelação fosse demais para mim.

Não há como negar que a intensidade de um choque mental ajuda-nos a enfrentá-lo ao produzir uma espécie de insensibilidade temporária. Saí do camarote zozzo, como se algum peso houvesse caído em minha cabeça. Do outro lado da câmara, próximo à mesa, Ransome, com um espanador na mão, observava-me boquiaberto. Não acho que eu tenha parecido um louco. É bem possível que eu parecesse estar com pressa porque o instinto impelia-me ao convés. Eis um exemplo de treino tornado instinto. As dificuldades, os perigos, os problemas de um navio são enfrentados no convés.

A esse fato, como que natural, respondi com o instinto; o que pode ser visto como prova de que por alguns instantes devo ter perdido a razão.

Sem dúvida eu estava desequilibrado, à mercê de impulsos, pois no pé da escada virei-me e atirei-me à entrada do camarote do sr. Burns. A descompostura de seu aspecto conteve minha desordem mental. Estava sentado no beliche, o corpo parecendo infinitamente longo, a cabeça caída um pouco de lado, com uma satisfação fingida. Brandiu, na mão trêmula em que acabava o antebraço fino como uma bengala, um par de tesouras brilhantes que, diante de meus olhos, tentou embeber na garganta.

Fiquei de certo modo horrorizado; mas este foi um efeito apenas secundário, que não teria força suficiente para fazer-me gritar algo como: "Pare...!" "Céus...!" "O que o senhor está fazendo?"

Na verdade o sr. Burns estava apenas desperdiçando as forças recuperadas durante a convalescença no esforço trêmulo de aparar sua barba ruiva. Havia uma enorme toalha estendida em seu colo, e tufos de pelos, duros como sobras de fio de cobre, choviam sobre ela a cada golpe da tesoura.

Ele voltou-me o rosto, grotesco para além dos sonhos mais loucos, uma bochecha hirsuta como que tomada por uma labareda,

a outra desnuda e vazia, com o longo bigode intocado naquele lado impondo-se, solitário e ameaçador. E enquanto ele me olhava atônito, com a tesoura aberta na mão, gritei minha descoberta com uma crueldade infernal, em seis palavras, sem nenhum comentário.

V

Escutei o barulho da tesoura escapando de sua mão, notei o perigoso movimento de toda a sua pessoa sobre a borda do beliche a fim de recuperá-la e então, retomando meu primeiro intento, fui ter ao tombadilho. Os reflexos do mar encheram-me os olhos. Parecia belo e estéril, monótono e desesperançoso sob a arcada vazia do céu. As velas pendiam frouxas e imóveis, as próprias dobras de suas superfícies abauladas não se moviam mais do que granito esculpido. O ímpeto de minha chegada fez com que o homem do leme desse um ligeiro sobressalto. Um moitão logo acima rangia de forma incompreensível, pois que diabo o teria movimentado? Era um assobio como o dos pássaros. Por um longo, longo tempo contemplei um mundo vazio, mergulhado em um silêncio infinito, onde os raios de sol penetravam e corriam por força de um desígnio insondável. Então escutei a voz de Ransome junto ao meu cotovelo.

“Pus o sr. Burns de volta no beliche, senhor.”

“Não diga.”

“Bem, senhor, ele se levantou de repente, mas caiu quando soltou a beira da cama. Mas não está mal, ao menos não me parece.”

“Não”, retruquei desanimado, sem olhar para Ransome. Ele aguardou um instante e então, com muita cautela, como se não quisesse me ofender: “Acho que não precisamos pôr fora aquele pó, senhor”, disse. “Eu posso varrer tudo, ou quase, e então poderíamos peneirar o vidro. Começarei agora mesmo. Não atrasará o desjejum nem dez minutos.”

“Ah, sim”, respondi cheio de amargor. “O desjejum que espere, varra cada grão e depois jogue tudo aquilo ao mar!”

O profundo silêncio retornou e, quando olhei por cima do ombro, Ransome – o sagaz e sereno Ransome – havia desaparecido.

A intensa solidão do mar agia como um veneno sobre o meu cérebro. Quando voltei os olhos ao navio, tive uma visão mórbida dele como um féretro à deriva. Quem nunca ouviu falar de navios encontrados à deriva com toda a tripulação morta? Olhei para o homem do leme, senti um impulso de dirigir-lhe a palavra e, de fato, seu rosto assumiu uma expressão disposta, como se me adivinhasse os pensamentos. Mas no fim desci, pensando em ficar um pouco a sós com a magnitude do meu problema. Porém, através de sua porta aberta, o sr. Burns viu-me descer e resmungou: “Então, senhor?”

Entrei. “Não está nada bem”, disse eu.

O sr. Burns, restabelecido no beliche, ocultava a bochecha hirsuta na palma da mão.

“Aquele desgraçado levou minha tesoura”, foram as palavras que disse a seguir.

A tensão que me afligia era tão aguda que talvez a reclamação do sr. Burns tivesse vindo bem a calhar. Ele parecia muito incomodado e perguntou entre dentes, “Por acaso ele pensa que estou louco ou algo assim?”

“Acho que não, sr. Burns”, respondi. Vi-o naquele instante como um modelo de temperança. Por conta disso, cheguei até a sentir uma certa admiração por aquele homem, que (apesar da intensa materialidade de sua barba remanescente) chegara tão perto de se tornar um espírito descarnado quanto é possível aos que seguem vivos. Percebi a magreza sobrenatural de seu nariz, as profundas depressões em suas têmporas, e invejei-o. Ele estava tão definhado que provavelmente morreria logo em seguida. Homem invejável! Tão perto do fim – enquanto eu tinha de trazer no âmago o tumulto da vitalidade sofrida, a dúvida, a confusão, a autocrítica e uma relutância infinita em aceitar a terrível lógica da situação. Não pude conter-me: “Sinto como se eu estivesse enlouquecendo”.

O sr. Burns lançou-me um olhar espectral, mas de resto permaneceu absolutamente composto.

“Eu sempre achei que ele nos pregaria uma peça fatal”, disse, com uma ênfase especial em *e/e*.

O comentário causou-me um choque mental, mas não tive disposição nem coragem de discutir. A minha doença era a indiferença. A paralisia progressiva de um futuro sem esperança. Então eu apenas o encarei. O sr. Burns continuou a falar.

“Ah! O que é? Não! O senhor não acredita? Bem, então como é que se explica uma coisa dessas? Como o senhor acha que pode ter acontecido?”

“Acontecido?”, repeti desanimado. “Ora, sim! Como, em nome de todos os diabos, isso foi acontecer?”

De fato, ao refletir sobre o assunto, parecia inconcebível que fosse daquela forma: os vidros esvaziados, reenchidos, reembalados e recolocados no lugar. Uma espécie de complô, uma tentativa sinistra de ludibriar, algo semelhante a uma vingança astuta, mas uma vingança de quê? Ou então uma zombaria demoníaca. Mas o sr. Burns tinha uma teoria. Era simples, e ele apresentou-a em tom solene, com uma voz oca.

“Acho que em Haiphong pagaram umas quinze libras a ele por aquela pequena provisão.”

“Sr. Burns!”, exclamei.

Ele acenou com a cabeça de modo grotesco por sobre as pernas erguidas, como dois cabos de vassoura enfiados no pijama com enormes pés descalços na ponta.

“Por que não? O quinino é muito valorizado por essas bandas, e eles estavam quase sem em Tonkin. Para ele não seria nada. O senhor não o conheceu. Eu o conheci e desafiei-o. Ele não temia a Deus, nem ao diabo, nem ao homem, nem ao vento, nem ao mar, nem à sua própria consciência. E creio que ele odiava a tudo e a todos. Mas acho que ele tinha medo de morrer. Acho que sou o único homem que alguma vez se opôs a ele. Confrontei-o no camarote que o senhor agora habita quando ele adoeceu, e fiz com que estremecesse. Ele achou que eu lhe quebraria o pescoço. Se ele tivesse feito como queria, ficaríamos bordejando contra a monção do nordeste enquanto vivesse, e depois também, por muito, muito tempo. Bancar o holandês voador nos Mares da China! Ha! Ha!”

“Mas por que substituir os vidros desse jeito...?”, comecei.

“Por que não? Por que jogar os vidros fora? Eles cabem na gaveta. Pertencem à caixa de medicamentos.”

“Mas eles estavam embalados”, gritei.

“Bem, as embalagens estavam por perto. Fez por hábito, imagino, e quanto a encher os vidros outra vez, sempre tem um monte de coisas que vêm em pacotes de papel que rasgam depois de um tempo. Mas afinal, quem é que sabe? Imagino que o senhor não tenha provado, capitão? Mas, claro, o senhor sabe...”

“Não”, disse eu. “Não provei. A essas alturas tudo aquilo está no mar.”

Atrás de mim, uma voz contida, refinada, disse: “Eu provei. Era uma mistura de tudo, doce, salgado, um horror”.

Ransome, após sair da despensa, ficara nos escutando por algum tempo, o que nele era facilmente perdoável.

“Um truque sujo”, disse o sr. Burns. “Eu avisei.”

A magnitude de minha indignação não conhecia limites. E o gentil, o simpático doutor também. O único homem simpático que eu jamais conhecera... em vez de escrever aquela carta de aviso, verdadeiro primor da simpatia, por que não fez uma inspeção decente? Mas na verdade não seria justo culpá-lo. Os aprestos estavam em ordem e a caixa de medicamentos é assunto oficial. Não havia nada que pudesse despertar a menor suspeita. A pessoa que eu jamais perdoaria era eu mesmo. Não se pode confiar no destino. A semente do remorso eterno estava plantada em meu peito.

“Sinto que é tudo minha culpa”, disse eu, “minha e de mais ninguém. É assim que me sinto. Nunca me perdoarei.”

“Não seja tolo, senhor”, retrucou o sr. Burns em tom de ameaça.

E, depois do esforço, caiu exausto no beliche. Fechou os olhos, arfou; aquele assunto, aquela surpresa abominável também o havia abalado. Ao virar-me percebi que Ransome me fitava com um olhar vazio. Ele compreendia o que se passava, mas conseguiu abrir um sorriso agradável, pesaroso. Então voltou à despensa, e eu mais uma vez subi apressado ao tombadilho para ver se havia algum vento, algum sopro na vastidão do céu, alguma comoção no ar, algum sinal de esperança. Mais uma vez fui recebido pela calma

podre. Nada havia mudado, exceto o homem ao timão. Ele parecia doente. Toda a sua figura inclinava-se para a frente, e ele parecia antes agarrar-se às malaguetas do que segurá-las com pulso firme. Eu disse-lhe:

“Você não está em condições de ficar aqui.”

“Eu dou um jeito, senhor”, foi sua débil resposta.

De fato, não havia nada a fazer. O navio não dava pelo leme. Estava aproado a oeste, a perene Koh-Ring visível à popa, com algumas ilhotas, pontos negros em meio ao brilho fulgurante, nadando ante meus olhos perturbados. E afora aqueles pedacinhos de terra não havia nenhum ponto no céu, nenhum ponto no mar, nenhuma formação de vapor, nenhuma coluna de fumaça, nenhuma vela, nenhum navio, nenhuma comoção humana, nenhum sinal de vida, nada!

A primeira questão era: o que fazer? O que eu podia fazer? A primeira coisa, sem dúvida, era contar aos homens. Foi o que fiz naquele mesmo dia. Eu não deixaria que a notícia simplesmente corresse. Eu havia de falar-lhes cara a cara. A tripulação foi reunida na tolda para este fim. Pouco antes de sair e falar aos homens descobri que a vida podia encerrar momentos terríveis. Jamais um criminoso confesso sentira-se tão oprimido pela culpa. Talvez por isso meu semblante estivesse impávido e minha voz soasse categórica e insensível quando declarei que não poderia fazer mais nada pelos doentes em termos de medicação. Quanto aos cuidados de que dispúnhamos, estes nunca haviam faltado.

Eu lhes daria toda a razão se me houvessem esquartejado. O silêncio que sucedeu minhas palavras foi quase mais difícil de aguentar do que o clamor da revolta. Fui esmagado pelo peso infinito daquela censura. Mas na verdade eu estava enganado. Com uma voz que me custava manter firme, prossegui: “Creio que vocês tenham entendido o que eu disse e que saibam o que isso significa”.

Uma ou duas vozes fizeram-se ouvir: “Sim, senhor... Nós entendemos”.

Os homens haviam calado apenas por acharem que não deveriam dizer coisa alguma; e quando eu lhes falei que pretendia demandar Cingapura e que a sorte do navio e da tripulação

dependia dos esforços de todos nós, doentes e sadios, recebi o apoio de um murmúrio grave de anuência e de uma voz mais alta que exclamou: “Tem que haver um jeito de sair desse maldito buraco!”

Eis aqui um excerto das anotações que fiz na época.

“Enfim deixamos Koh-Ring para trás. Acho que não passei sequer duas horas na cobertura durante os últimos dias. Fico dia e noite no tombadilho, é claro, e as noites e os dias passam por nós em sucessão; se são longos ou curtos, quem saberá dizer? A percepção do tempo perde-se na monotonia da expectativa, da esperança e do desejo – que se resume a uma única coisa: Levar o navio ao sul! Levar o navio ao sul! O efeito tem um curioso aspecto mecânico; o sol nasce e se põe, a noite passa-nos por sobre a cabeça como se alguém abaixo do horizonte estivesse girando uma manivela. É o mais belo, o mais inútil...! E durante todo o lamentável espetáculo eu permaneço lá, de um lado para o outro no tombadilho. Quantas milhas devo ter caminhado no tombadilho! Uma peregrinação obstinada de pura inquietude, interrompida apenas por breves incursões à cobertura para ver o estado do sr. Burns. Não sei se é impressão, mas ele parece tornar-se mais tangível a cada dia que passa. Não fala muito, pois, de fato, a situação não se presta a comentários frívolos. Percebo o mesmo nos homens quando os vejo trabalhando ou então sentados pelo convés. Eles não falam uns com os outros. Imagino que, se existe um ouvido invisível que capta os sussurros da Terra, descobrirá neste navio seu ponto mais silencioso...

“Não, o sr. Burns não tem muito a me dizer. Fica sentado no beliche, com a barba feita, os bigodes chamejando e um ar de determinação silenciosa em sua fisionomia pálida. Ransome contou-

me que ele raspa os pratos de comida, mas ao que tudo indica dorme muito pouco. Mesmo à noite, quando desço para encher o cachimbo, percebo que, embora cochile de barriga para cima, ele ainda parece muito determinado. A dizer pelo olhar de soslaio que me lança quando desperto, o sr. Burns parece irritado, como alguém interrompido no decorrer de alguma complexa operação mental; e quando volto ao convés o arranjo ordenado das estrelas vem de encontro a meus olhos, límpido, carregado de um tédio infinito. Lá estão as estrelas, o sol, o mar, a luz, a escuridão, o espaço, a imensa extensão das águas; o formidável Trabalho dos Sete Dias, para onde a humanidade havia rumado sem que a convidassem. Ou por ter caído em alguma armadilha. Foi assim que acabei neste horrível comando à sombra da morte...”

O único foco de luz no navio eram as luzes da bitácula, iluminando o rosto dos timoneiros que se revezavam; de resto, estávamos todos perdidos nas trevas, eu a caminhar pelo tombadilho e os homens atirados pelos conveses. Todos estavam tão debilitados pela doença que já não podiam fazer quartos. Os que ainda conseguiam andar ficavam de quarto 24 horas, jogados nas sombras do convés, até que minha voz, erguendo-se em uma ordem, pusesse-os de pé a algum custo, um pequeno grupo cambaleante a mover-se pacientemente pelo navio sem um murmúrio, um sussurro. E cada vez que eu tinha de erguer a voz era com uma aguilhoada de remorso e compaixão.

Então, perto das quatro horas da manhã, um lume acendia-se a vante na cozinha. O infalível Ransome de coração atormentado, incólume, sereno e ativo, preparava o café da manhã para os homens. Logo me trazia uma xícara no tombadilho, e era só então que eu me permitia sentar na cadeira de convés e dormir de

verdade por algumas horas. Sem dúvida eu tirava breves cochilos quando escorava-me exausto na amurada; mas, com toda a honestidade, eu sequer os percebia, senão como sobressaltos dolorosos que pareciam acometer-me até enquanto eu caminhava. Contudo, das cinco até as sete, mais ou menos, eu dormia à vista de todos sob as estrelas evanescentes.

Dizia então ao homem do leme: "Acorde-me se for preciso", e deixava-me cair sobre a cadeira e fechava os olhos, sentindo que meu quinhão de sono sobre a Terra acabara. Logo eu não percebia mais nada até que, em algum horário entre as sete e as oito, sentia um cutucão no ombro e via o rosto de Ransome, com seu sorriso discreto, triste, e seus amistosos olhos cinzentos, como que tomado por uma terna satisfação ao ver-me adormecido. Às vezes o segundo piloto aparecia e rendia-me à hora do café. Mas isso não mudava muito a situação. Quase sempre era uma calma podre, ou então aragens tão inconstantes e breves que a bem dizer não valia a pena bracear para aproveitá-las. Se o vento chegasse a soprar, o homem do leme fatalmente gritava o aviso: "Todo o pano sobre, senhor!", que, como um toque de trombeta, fazia-me dar um pulo no tombadilho. Essas eram palavras que, segundo me parecia, teriam me acordado até do sono eterno. Mas não eram frequentes. Desde então, nunca vi alvoradas de tamanha calma. E se o segundo piloto estivesse por perto (em geral ele passava doente dois dias em cada três) eu o encontrava sentado no albói como que desacordado, com o olhar fixo em algum objeto próximo – um cabo, um cunho, uma malagueta, um arganém.

Aquele garoto era um tanto problemático. Manteve-se imaturo no sofrimento. Parecia ter virado um idiota completo; e quando o retorno da febre levava-o até o camarote, logo descobríamos que não estava mais lá. A primeira vez em que isso aconteceu eu e Ransome ficamos muito alarmados. Empreendemos uma discreta busca e por fim Ransome descobriu-o encolhido no paiol do pano, que ficava separado da antecâmara por uma porta de correr. Diante das censuras que lhe foram feitas ele sussurrou contrariado, "Aqui é mais fresco". Não era verdade. Lá só era escuro.

Os defeitos naturais de seu rosto não melhoraram com o tom lívido da pele. A doença revelava seu caráter vil de maneira surpreendente. Com muitos dos homens não era esse o caso. O definhamento causado pela doença parecia idealizar o caráter geral das feições, fazendo aflorar a nobreza insuspeitada de alguns, a força de outros e, em um caso, revelando um aspecto essencialmente cômico. Ele era um homem ruivo, baixo, com o nariz e o queixo iguais aos de Mr. Punch, e a quem a marinagem chamava de "França". Não sei por quê. Ele até poderia ser francês, mas eu nunca o ouvi dizer uma única palavra nesse idioma.

Era tranquilizador vê-lo caminhado a ré para assumir o timão. As calças de brim azul com as barras viradas até a panturrilha, uma perna um pouco mais alta do que a outra, a camisa xadrez impecável e o chapéu de lona branca, obviamente feito por ele próprio, formavam um conjunto de elegância peculiar, e a graça permanente ao andar, até mesmo quando, coitado, mal se aguentava de pé, denunciavam um espírito invencível. Também havia um homem chamado Gambril. Era a única pessoa grisalha a bordo. Seu rosto tinha uma expressão austera. Mas ainda que eu lembre de todos aqueles rostos trágicos definhando à minha frente, a maioria dos nomes escapa-me à lembrança.

As palavras que trocávamos eram raras e pueris em vista da situação. Eu tinha de forçar-me a olhar os homens na cara. Esperava encontrar censura em seus olhos. Mas não havia nenhuma. A bem dizer, já era duro o suficiente aguentar a expressão de sofrimento em seus olhos. Mas era inevitável. Quanto ao resto, eu me perguntava se era a têmpera d'alma ou a simpatia da imaginação que os fazia tão admiráveis, tão dignos de meu imorredouro respeito.

Quanto a mim, nem minh'alma era temperada, nem minha imaginação estava sob o devido controle. Em certos momentos eu sentia não apenas que estava a enlouquecer, mas que de fato já enlouquecera; de modo que não ousava abrir a boca por medo de trair-me com um grito insano. Por sorte tudo o que eu tinha a fazer era dar ordens, e as ordens têm um efeito estabilizador sobre quem as dá. Ademais, o marujo, o oficial de quarto em mim era

equilibrado o suficiente. Eu era como um carpinteiro louco a fazer uma caixa. Ainda que acreditasse ser o Rei de Jerusalém, a caixa resultante seria uma caixa equilibrada. Eu temia mesmo era que uma nota estridente escapasse contra a minha vontade e perturbasse-me o equilíbrio. Mais uma vez, por sorte, não havia necessidade de erguer a voz. O soturno silêncio do mundo parecia sensível ao som mais suave, como uma galeria acústica. O tom de uma conversa normal quase levava as palavras de um extremo ao outro do navio. O mais terrível era que a única voz a allear-se era sempre a minha. À noite, em especial, ela reverberava solitária entre os planos das velas imóveis.

O sr. Burns, ainda de cama, mas com aquele ar de determinação secreta, punha-se a resmungar sobre uma porção de coisas. Nossas palestras duravam cinco minutos, mas eram um tanto frequentes. Eu descia o tempo inteiro para buscar fósforos, embora não consumisse muito tabaco à época. Meu cachimbo vivia apagando, pois na verdade meus pensamentos não estavam ordenados o bastante para que eu pudesse fumar decentemente. Da mesma forma, em boa parte das 24 horas do dia eu poderia acender fósforos no tombadilho e segurá-los acima da cabeça até queimar os dedos. Mas eu sempre corria para a coberta. Era uma mudança. Era o único momento em que eu escapava àquele desgaste inclemente; e, claro, pela porta aberta o sr. Burns via-me cada vez que eu entrava e saía.

Com os joelhos acomodados sob o queixo e olhando-me com os olhos esverdeados por cima deles, o sr. Burns parecia uma figura estranha e, em virtude do meu conhecimento sobre as ideias loucas em sua cabeça, pouco atrativa. Mesmo assim, eu tinha de falar-lhe de vez em quando, e um dia ele reclamou que o navio estava silencioso demais. Por horas e horas, disse-me, ficou lá deitado, sem ouvir um som, até não saber mais o que fazer da vida.

“Quando Ransome está a vante na cozinha tudo fica tão quieto que todos a bordo parecem estar mortos”, murmurou. “A única voz que às vezes ouço é a sua, senhor, mas isso não basta para me

animar. O que têm os homens? Não há ninguém que possa salomear?"

"Não, sr. Burns", respondi. "Não podemos desperdiçar o pouco fôlego que temos no navio com salomas. O senhor está ciente de que às vezes eu não consigo reunir mais do que três homens para executar uma faina?"

Ele perguntou depressa, temeroso:

"Ninguém morreu por enquanto, senhor?"

"Não."

"Isso não pode acontecer", declarou o sr. Burns com marcada ênfase. "Não podemos permitir. Se ele pegar um, acabará pegando todos."

Protestei enfurecido. Creio que cheguei a praguejar sob o efeito perturbador dessas palavras. Elas eram um ataque a toda a temperança que me restava. Em minha vigília permanente ao inimigo eu fora assombrado por imagens de horror suficientes. Tive visões de um navio à deriva na calmaria, galeando ao sabor de aragens fracas, com toda a tripulação morrendo aos poucos pelos conveses. Essas coisas acontecem.

O sr. Burns respondeu ao meu ímpeto com um silêncio misterioso.

"Escute", disse eu. "Nem o senhor acredita no que está dizendo. Não há como. É impossível. Não é o tipo de coisa que eu espero do senhor. Minha situação já é ruim o bastante sem que eu tenha de me preocupar com essas ideias delirantes."

Ele permaneceu imóvel. Devido ao modo como a luz projetava-se sobre a cabeça dele eu não pude ter certeza de que houvesse aberto um leve sorriso. Mudei de tom.

"Escute", disse. "A situação está ficando tão desesperadora que, como não conseguimos avançar para o sul, cheguei a pensar se não seria melhor aproar a oeste e tentar fazer a rota do pacote. Ao menos conseguiríamos um pouco de quinino. O que o senhor acha?"

Ele bradou: "Não, não, não. Não faça isso, senhor. O senhor não pode fraquejar diante daquele patife. Assim só temos a perder".

Deixei-o. Ele estava impossível. Era como um caso de possessão demoníaca. Seu protesto, no entanto, fazia sentido. De fato, minha ideia de aproar a oeste na esperança de avistar um improvável navio a vapor não resistiria a um exame atento. No lado em que estávamos tínhamos vento suficiente, ao menos de tempos em tempos, para seguir avançando rumo ao sul. Suficiente, ao menos, para manter viva a esperança. Mas imagine que eu tivesse usado aquelas rajadas caprichosas para navegar a oeste, até alguma região onde se passam dias e mais dias sem uma lufada de ar, e então? Talvez a estarrecedora visão de um navio à deriva com toda a tripulação morta pudesse tornar-se realidade semanas depois, graças à descoberta de marinheiros horrorizados.

Naquela tarde Ransome levou-me uma xícara de chá e, enquanto esperava de bandeja na mão, disse no tom exato de simpatia:

“O senhor está aguentando bem, capitão.”

“Sim”, respondi. “Eu e você fomos esquecidos.”

“Esquecidos, senhor?”

“Sim, pelo demônio da febre a bordo desse navio”, respondi.

Ransome lançou-me um de seus olhares atraentes, sagazes e ligeiros e afastou-se com a bandeja. Ocorreu-me que eu havia falado um pouco à maneira do sr. Burns. Essa constatação me aborreceu. No entanto, em momentos mais sombrios eu adotava, quanto aos nossos problemas, uma atitude que seria mais apropriada ao confronto com um inimigo de carne e osso.

Sim. O demônio da febre ainda não havia posto a mão em Ransome nem em mim. Mas poderia atacar-nos a qualquer momento. Era um daqueles pensamentos que precisam ser combatidos, afastados a qualquer custo. Era insuportável contemplar a possibilidade de que Ransome, o faz-tudo do navio, também adoecesse. E o que aconteceria ao meu comando se eu caísse de cama, com o sr. Burns fraco demais para ficar de pé sem agarrar-se ao beliche e o segundo piloto reduzido a um estado de imbecilidade permanente? Era impossível imaginar, ou melhor, era fácil demais imaginar.

Eu estava sozinho no tombadilho. Como o navio não desse pelo leme, dispensei o timoneiro para que fosse sentar-se ou deitar-se em algum lugar à sombra. As forças dos homens estavam tão reduzidas que todos os esforços desnecessários tinham de ser evitados. Era o austero Gambril, com sua barba grisalha. De pronto ele afastou-se, mas também estava tão debilitado pelos repetidos acessos de febre, coitado, que para descer a escada do tombadilho precisou virar de lado e agarrar-se com as duas mãos ao corrimão de cobre. A cena era simplesmente de partir o coração. Contudo ele não estava nem muito melhor nem muito pior do que a meia dúzia de vítimas miseráveis que consegui reunir no convés.

A tarde tinha o terrível aspecto da morte. Por muitos dias nuvens baixas surgiram à distância, massas brancas com convoluções escuras repousando sobre a água, imóveis, quase sólidas, porém o tempo inteiro a sofrer mudanças sutis em seu aspecto. Com a aproximação da noite em geral sumiam. Mas naquele dia esperaram o sol poente, que fulgurou e abrasou de mau humor entre elas antes de baixar. As estrelas, pontuais e exaustas, reapareceram acima dos topes, mas a atmosfera continuou estagnante e opressiva.

O infalível Ransome acendeu as luzes da bitácula e deslizou até mim como uma sombra.

“Não quer descer e comer alguma coisa, senhor?”, sugeriu.

O tom baixo de sua voz fez-me dar um sobressalto. Eu estivera olhando por sobre a amurada, sem dizer nada, sem sentir nada, nem ao menos o cansaço de meu corpo, subjugado pelo feitiço maligno.

“Ransome”, perguntei de repente, “há quanto tempo estou aqui no tombadilho? Estou perdendo a noção do tempo.”

“Doze dias, senhor”, disse ele, “e faz exatamente duas semanas que saímos do ancoradouro”.

Naquela voz contida havia uma nota plangente. Ransome esperou um pouco e logo acrescentou: “Pela primeira vez parece que teremos chuva!”

Então percebi uma sombra larga no horizonte, que obscurecia por completo as estrelas mais baixas, enquanto aquelas sobre

nossas cabeças, quando olhei para cima, pareciam cintilar através de um véu de fumaça.

Como havia ido parar lá, como havia subido tão alto eu não sabia. Aquilo tinha um aspecto funesto. O ar não se movia. Quando Ransome insistiu no convite eu descii à câmara para – nas palavras dele – “tentar comer alguma coisa”. Não sei dizer se a tentativa foi muito bem-sucedida. Creio que naquele período eu subsistia à base de comida, da maneira habitual; mas agora a lembrança é de que naqueles dias a vida nutria-se de uma angústia invencível, como uma espécie de estímulo infernal que me incitava e consumia-me a um só tempo.

Foi o único período da minha vida em que tentei manter um diário. Não, único não. Anos mais tarde, em condições de isolamento moral, registrei no papel os pensamentos e os acontecimentos de vários dias em sequência. Mas aquela foi a primeira vez. Não me lembro de como começou nem de como o caderno e o lápis foram parar em minhas mãos. Não posso conceber que eu os tenha buscado de propósito. Imagino que me tenham salvo do expediente insano de falar comigo mesmo.

É curioso que em ambos os casos eu tenha recorrido a esse tipo de coisa em circunstâncias nas quais eu não esperava, como se diz em vernáculo, “dar a volta por cima”. Nem poderia esperar que o registro sobrevivesse. Isso mostra que se tratava de uma necessidade estritamente pessoal de alívio íntimo e não de egotismo.

Devo aqui oferecer mais uma amostra das anotações, umas poucas linhas, que hoje me parecem um tanto sombrias, escritas por ocasião daquela noite:

“Algo paira no céu como uma decomposição; como uma corrupção do ar, que permanece tão imóvel como dantes. Enfim, meras nuvens, que podem ou não trazer vento ou chuva. Estranho que me perturbe tanto. Sinto como se todos os meus pecados houvessem retornado. Mas o problema, imagino, é que o navio permanece imóvel, não sob meu comando; e que não tenho como impedir meus pensamentos de entregarem-se às imagens desastrosas do pior que pode se abater sobre nós. O que acontecerá? Provavelmente nada. Ou qualquer coisa. Pode ser a aproximação de uma borrasca em toda a sua fúria. E no convés restam cinco homens com a vitalidade e a força de uns dois. Podemos acabar com todas as velas arrancadas. Todo o pano vinha largo desde que arrancamos o ferro na foz do Mei-Nam, quinze dias atrás... ou quinze séculos. Parece que toda a minha vida anterior àquele dia glorioso é infinitamente distante, uma recordação evanescente da juventude despreocupada, algo no outro lado de uma sombra. Sim, as velas podem muito bem ser arrancadas. Isso seria como uma sentença de morte para os homens. Não temos forças a bordo para envergar mais uma andaina; parece inacreditável, mas é verdade. Podemos desarvorar. Outros navios já desarvoraram em borrascas simplesmente porque não foram manobrados com a rapidez necessária, e não temos forças suficientes para bracear as vergas. É como ter os pés e as mãos amarrados antes de nos cortarem a garganta. E o que mais me apavora é que tenho medo de subir ao convés para enfrentar a situação. É meu dever para com o navio, é meu dever para com os homens no convés – alguns deles dispostos a exaurir o último resquício de suas forças a uma ordem minha. Mas eu tenho medo. Por causa de uma simples visão. Meu primeiro comando. Agora entendo aquela estranha sensação de insegurança em meu passado. Sempre imaginei que eu pudesse ser um fracassado. Eis aqui a prova cabal. Estou com medo. Sou um fracassado.”

Naquele momento ou, talvez, no momento seguinte, percebi que Ransome estava na câmara. Algo em sua expressão fez-me dar um sobressalto. Eu não conseguia decifrá-la. Exclamei: "Alguém morreu!"

Então foi a vez de ele sobressaltar-se.

"Alguém morreu? Não que eu saiba, senhor. Estive no castelo de proa há apenas dez minutos e não tinha ninguém morto por lá."

"Você me deu um susto", disse eu.

A voz de Ransome era muito agradável. Ele me explicou que havia descido para fechar a vigia no camarote do sr. Burns, caso chovesse. "Ele não percebeu que eu estava no camarote", acrescentou.

"Como está lá fora?", perguntei.

"Muito, muito escuro, senhor. Alguma coisa há de ser."

"Em que bordo?"

"Em toda a parte, senhor."

Repeti, sem dar por mim: "Em toda a parte. Claro", com os cotovelos sobre a mesa.

Ransome demorou-se na câmara como se tivesse algo a fazer lá dentro, mas hesitasse. Eu disse de repente:

"Você acha que eu deveria subir ao tombadilho?"

Ele respondeu de pronto, mas sem nenhuma ênfase ou articulação marcada: "Acho, senhor."

No instante seguinte eu estava de pé, e Ransome deu-me passagem. Ao atravessar a antecâmara escutei a voz do sr. Burns:

"Dispenseiro, feche a porta do meu camarote, sim?" E a de Ransome, surpreso: "Sem dúvida, senhor."

Pensei que todos os meus sentimentos estivessem embotados, sujeitos à mais completa indiferença. Mas no tombadilho enfrentei as mesmas dificuldades de sempre. A escuridão impenetrável fazia um cerco tão fechado ao navio que, ao pôr a mão além da balaustrada, tinha-se a impressão de tocar em matéria sobrenatural. Havia

naquilo um efeito de terror inconcebível e de mistérios inefáveis. As poucas estrelas acima de nós lançavam um brilho tênue apenas sobre o navio, sem um reflexo sobre a água, em raios isolados que penetravam uma atmosfera transformada em fuligem. Era algo que eu jamais havia visto, sem nenhum indício sobre o lado de onde poderia vir qualquer mudança, a aproximação de uma ameaça que nos cercava por todos os lados.

Ainda não havia ninguém ao leme. A imobilidade das coisas era perfeita. Se o ar havia enegrecido, o mar, até onde eu sabia, poderia muito bem se solidificar. De nada servia olhar para os lados, buscar sinais, especular sobre a iminência do momento. Quando a hora chegasse a escuridão haveria de avançar em silêncio sobre a parca luz das estrelas que banhava o navio, e o fim de todas as coisas viria sem nenhum suspiro, nenhum movimento, nenhum murmúrio, e nossos corações parariam de bater como relógios sem corda.

Era impossível afastar a sensação do fim. A quietude que se apoderou de mim era como um antegosto da aniquilação. Aquilo me consolava um pouco, como se minh'alma de repente houvesse se reconciliado a uma eternidade de estagnação cega.

Apenas os instintos marinheiros permaneceram intactos durante minha dissolução moral. Desci a escada que dava para a tolda. A luz das estrelas parecia morrer antes de chegar àquele ponto, mas quando perguntei a meia-voz: "Homens, vocês estão aí?", meus olhos distinguiram uma comoção de silhuetas obscuras ao meu redor, muito, muito indistintas; e uma voz respondeu: "Todos aqui, senhor". Outra fez uma correção angustiada:

"Todos os que prestam para alguma coisa, senhor."

Ambas as vozes eram muito baixas e discretas – não davam nenhum sinal de prontidão ou de esmorecimento. Vozes muito prosaicas.

"Precisamos carregar a vela grande", eu disse.

As sombras afastaram-se de mim sem uma palavra. Aqueles homens eram fantasmas de si mesmos, e seu peso sobre os cabos não poderia ser maior do que o peso de um bando de fantasmas. De fato, se alguma vez já se carregou uma vela apenas por meio da força espiritual, deve ter sido aquela; a bem dizer, não havia

músculos suficientes para a tarefa no navio inteiro, quanto menos na tripulação miserável do convés. Claro, eu assumi a liderança. Os homens seguiam-me, fracos, de cabo a cabo, trôpegos e arquejantes. Trabalhavam como Titãs. Levamos no mínimo uma hora, e o tempo todo a escuridão à nossa volta não fez um som. Quando a última apaga foi amarrada, meus olhos, acostumados à escuridão, distinguiram as figuras dos homens exaustos caídos pela amurada, prostrados nas escotilhas. Um deles estava escorado no cabrestante de popa, recuperando o fôlego; e eu me erguia entre eles como uma torre de força, imune à doença e sentindo apenas a enfermidade da minha alma. Esperei algum tempo, lutando contra o peso dos meus pecados, contra o sentimento de que eu não era digno, e então disse:

“Agora, homens, vamos à popa cruzar a verga grande. É tudo o que podemos fazer pelo navio; depois, cabe a ele aproveitar a chance.”

VI

Enquanto todos subíamos ocorreu-me que deveria haver alguém ao leme. Ergui minha voz à altura de um sussurro, e, sem fazer nenhum ruído, um espírito resignado em um corpo devastado pela febre apareceu na luz a ré, com a cabeça de olhos vazios iluminada contra a negrura que havia engolido nosso mundo – e todo o universo. O antebraço nu estendido sobre as malaguetas parecia cintilar com um brilho próprio.

Murmurei àquela aparição luminosa:

“Aguenta o leme a meio.”

A resposta veio em um tom de paciente sofrimento:

“Leme a meio, senhor”.

Então desci à tolda. Era impossível saber de que lado viria o golpe. Olhar ao redor do navio era olhar em um abismo negro, sem fundo. O olhar perdia-se em profundezas insondáveis.

Eu queria assegurar-me de que os cabos haviam sido recolhidos do convés. A única maneira de fazê-lo era tateando com os pés. Enquanto progredia com cautela, esbarrei num homem que reconheci como sendo Ransome. Sua robusteza física inabalável fez-se notar ao contato. Ele estava escorado no cabrestante de popa e mantinha-se em silêncio. Foi como uma revelação. Era ele a figura arquejante que eu havia percebido antes que subíssemos ao tombadilho.

“Você estava ajudando na vela grande!”, exclamei em um tom contido.

“Sim, senhor”, afirmou em voz baixa.

“Homem! Onde estava a sua cabeça? Você não pode com essas coisas!”

Após um curto intervalo ele consentiu: “Acho que não posso mesmo”. E após outro breve silêncio acrescentou: “Mas já estou

bem”, depressa, entre dois arquejos.

Eu não via nem ouvia mais ninguém; mas quando ergui a voz, murmúrios tristes encheram a tolda, e sombras pareciam deslizar aqui e acolá. Ordenei que pusessem todas as adriças no convés, safas para a manobra.

“Cuidarei disso, senhor”, disse Ransome em seu tom de voz natural, agradável, que inspirava conforto e, por algum motivo, também compaixão.

Aquele homem deveria estar na cama, repousando, e meu dever, sem dúvida, era mandar que assim fizesse. Mas talvez ele não me tivesse obedecido; não tive a presença de espírito de tentar. Só o que eu disse foi:

“Vá com calma, Ransome.”

Quando retornei ao tombadilho aproximei-me de Gambril. Na luz, seu rosto sulcado por sombras profundas tinha um aspecto terrível, de um silêncio final. Perguntei como se sentia, mas na verdade eu mal esperava uma resposta. Assim, tomei-me de espanto com sua relativa loquacidade.

“Os tremores me deixam fraco como um gatinho, senhor”, disse ele, preservando à perfeição os ares de alheamento em relação a tudo, exceto o dever, que um timoneiro jamais deve perder. “E antes que eu me recupere bate aquele calorão e caio outra vez de cama.”

Ele suspirou. Não havia nenhuma censura em sua voz, mas as meras palavras bastavam para fazer-me sentir o terrível agulhão do remorso. Permaneci calado por um tempo. Quando a sensação excruciante passou, perguntei-lhe:

“Você se sente forte o bastante para aguentar o leme se o navio cair a ré? Não podemos sofrer avarias no aparelho do leme justo agora. Já temos problemas o suficiente do jeito como as coisas estão.”

Gambril respondeu com uma leve sombra de cansaço que estava forte o suficiente para aguentar. Prometeu-me que não deixaria o leme desgovernar-se. Mais não poderia dizer.

Naquele instante Ransome apareceu bem próximo a mim, deixando as trevas rumo à visibilidade em um repente, como que a

materializar-se do nada com seu semblante composto e sua voz agradável.

Afiçou-me que todos os cabos no convés estavam safos, ou pelo menos era o que parecia ao tato. Era impossível enxergar qualquer coisa. O França já havia se postado à proa. Disse que ainda tinha uma sobra de energia.

Nesse ponto um discreto sorriso alterou por um breve instante as linhas claras e firmes dos lábios de Ransome. Com aqueles olhos claros, acinzentados, o temperamento sereno – ele era um homem de todo inestimável. Tinha a alma firme como os músculos de seu corpo.

Ele era o único homem a bordo (além de mim, mas eu tinha de preservar minha liberdade de movimento) que ainda tinha reservas confiáveis de força muscular. Por um momento cogitei pedir que assumisse o leme. Mas o terrível conhecimento do inimigo que trazia consigo fez-me hesitar. Minha ignorância de fisiologia levou-me a imaginar que ele pudesse cair morto de repente, por conta da emoção, em algum momento crítico.

Enquanto esse medo execrando detinha as palavras na ponta da minha língua, Ransome deu dois passos para trás e desapareceu.

De pronto fui tomado pela inquietude, como se me houvessem retirado algum apoio. Também eu movi-me à frente, para além do círculo de luz, rumo às trevas que se erguiam diante de mim como uma muralha. Em um passo adentrei a escuridão. Aquelas trevas deveriam ser como as que precederam a criação do mundo. Fecharam-se às minhas costas. Eu sabia estar invisível ao homem do leme. Tampouco enxergava coisa alguma. Ele estava sozinho, eu estava sozinho, todos os homens estavam sozinhos no lugar que ocupavam. E as formas também haviam todas desaparecido, mastros, panos, aparelhos, balaústres; tudo se havia apagado na terrível perfeição daquela noite absoluta.

Um relâmpago teria sido um alívio – um alívio físico. Eu teria rezado por um relâmpago se não fosse meu temor ao trovão. Na tensão do silêncio que me afligia eu tinha a impressão de que o primeiro estrondo reduzir-me-ia a pó.

E o trovão seria, provavelmente, o que viria a seguir. Com o corpo enrijecido e a respiração difícil, entreguei-me a uma expectativa excruciante. Nada aconteceu. Era de enlouquecer, mas uma dor indefinida, cada vez maior na parte inferior de meu rosto fez-me perceber que eu vinha rangendo os dentes como um louco, só Deus sabia por quanto tempo.

É extraordinário que eu não me tenha escutado ao rangê-los; mas não escutei. Com um esforço que concentrou todas as minhas faculdades, consegui manter o maxilar parado. Foi necessária muita atenção, e enquanto assim me ocupava fui perturbado pelos sons curiosos, irregulares de leves batidas no convés. Eu as ouvia a sós, aos pares, em grupos. Enquanto admirava-me da misteriosa diabrura, recebi um leve golpe sob o olho esquerdo e senti uma enorme lágrima rolar-me pela face. Gotas de chuva. Enormes. Precursoras de alguma coisa. Tap. Tap. Tap...

Virei-me e dei a Gambрил uma ordem enérgica de “aguenta o leme”. Mas eu mal podia falar de tanta emoção. Havia chegado o momento fatal. Prendi a respiração. O gotejar havia parado de maneira tão repentina como começara, quando então sobreveio mais um momento de suspense insuportável; algo como mais uma volta no parafuso da tortura. Não creio que eu teria gritado, mas lembro de estar convencido de que não havia nada mais a fazer senão gritar.

E de repente – como expressar em palavras? Bem, de repente a escuridão transmutou-se em água. É a única maneira de dizer. Um aguaceiro, uma procela fazem barulho ao chegar. Você os ouve aproximando-se no mar, e creio que no ar também. Mas aquilo foi diferente. Sem nenhum sussurro ou ruído, sem nenhum chapinhar e sem ao menos o fantasma de um impacto, fiquei encharcado até os ossos. Não que precisasse muito para tal, uma vez que eu trajava apenas um pijama. Meu cabelo encheu-se d’água num instante, água escorria de minha pele, enchia-me o nariz, as orelhas, os olhos. Em uma fração de segundo traguei uns quantos goles.

Quanto a Gambрил, engasgava-se. Tossia que dava pena, o tossido alquebrado dos enfermos; e contemplei-o como quem vê um peixe em um aquário à luz de uma lâmpada elétrica, uma criatura

efêmera, fosforescente. Só que ele não se afastou. Mas outra coisa aconteceu. As duas luzes da bitácula apagaram-se. Creio que a água deve tê-las invadido, embora eu não achasse possível, pois ajustavam-se com perfeição à capa da agulha.

Os últimos raios de luz no universo haviam se apagado, seguidos por uma exclamação de desalento de Gambril. Estendi a mão e agarrei-o pelo braço. Seu definhamento impressionava.

“Esqueça”, disse eu. “Você não precisa de luz. Tudo o que precisa fazer, quando o vento soprar, é mantê-lo atrás da cabeça. Entende?”

“Sim, sim, senhor... Mas eu gostaria de ter uma luz”, acrescentou, nervoso.

Todo esse tempo o navio estava imóvel como uma rocha. O barulho da água escorrendo das velas e da mastreação, escorrendo pelo tombadilho, havia cessado. Os embornais do tombadilho gorgolejaram e soluçaram por mais algum tempo, e então o silêncio total, somado à imobilidade perfeita, reafirmou o feitiço de nossa ruína, equilibrado na borda de algum assunto violento, à espreita nas trevas.

Fui correndo à proa. Eu não precisava de luz alguma para andar pelo tombadilho de meu malfadado primeiro comando com total confiança. Cada metro quadrado do convés estava gravado de forma indelével em minha memória, até as fibras e os nós das tábuas. De repente, no entanto, tropecei em alguma coisa e caí de corpo estendido, recebendo o impacto nas mãos e no rosto.

Era algo grande e vivo. Não era um cão – antes, parecia um carneiro. Mas não havia animais a bordo. Como é que um animal... Era mais um horror fantástico ao qual não pude resistir. Meus cabelos eriçaram-se enquanto eu punha-me de pé, com um medo terrível; não com o medo que um homem sente enquanto o juízo, a razão ainda resistem, mas com um medo absoluto, ilimitado e por assim dizer inocente – como uma criança.

Eu vi – a Coisa! A escuridão, cuja maior parte havia se convertido em água, diminuía um pouco. Lá estava Ela! Mas a ideia de que o sr. Burns estivesse engatinhando para fora da escotilha só

me ocorreu quando tentou pôr-se de pé, e mesmo então a primeira ideia que me ocorreu foi a de um urso.

Ele rugiu como um urso quando o agarrei pela cintura. Havia se abotoado em um enorme sobretudo de inverno feito de material lanoso, cujo peso era demasiado para sua precária condição. Eu mal podia sentir o contorno incrivelmente magro de seu corpo, perdido em meio ao grosso tecido, mas o rugido tinha profundidade e substância: Maldito navio imprestável com um bando de covardes melindrosos! Por que não batiam os pés e iam se ocupar dos braços? Será que não havia um mísero desgraçado naquela corja que ainda conseguisse gritar agarrado a um cabo?

“Não adianta nada se esquivar, capitão”, disse ele em um ataque direto contra mim. “Não dá para passar às escondidas por aquele canalha assassino. Não é por aí. O senhor precisa enfrentá-lo com coragem – como eu fiz. É de coragem que o senhor precisa. Mostre que o senhor pouco se importa com os malditos truques dele. Compre essa briga com um sorriso no rosto!”

“Meu Deus, sr. Burns!”, disse eu, irritado. “O que o senhor está aprontando? O que pretende subindo ao tombadilho nesse estado?”

“Ora, justamente isso! Demonstrar coragem. É o único jeito de assustar aquele velho patife metido a valentão.”

Enquanto ele ainda berrava, empurrei-o de encontro à amurada. “Controle-se”, disse eu em tom ríspido. Eu não sabia o que fazer com ele. Abandonei-o às pressas para ir ter com Gambрил, que anunciou com uma voz débil que um vento começava a soprar. De fato, minhas orelhas haviam captado o rumor discreto do pano molhado, lá no alto, o tilintar de uma escota de corrente...

Eram sons misteriosos, perturbadores e alarmantes na atmosfera estagnada ao meu redor. Lembrei-me de todas as histórias que ouvi sobre navios que tiveram os mastaréis arrancados enquanto no convés o vento não era suficiente sequer para apagar um fósforo.

“Não estou vendo as gáveas, senhor”, declarou Gambрил, tremendo.

“Aguenta o leme. Vai dar tudo certo”, disse eu, confiante.

Os nervos do coitado estavam em frangalhos. Os meus não estavam em condições muito melhores. Era o momento de máxima tensão, aliviado pela sensação abrupta de que o navio avançava como que por conta própria sob os meus pés. Escutei o gemido do vento lá no alto, o ranger grave dos mastaréis ao receber o impulso, muito antes de sentir o menor sopro em meu rosto voltado a ré, tenso e desorientado como o rosto de um cego.

De repente uma nota mais alta encheu nossos ouvidos, a escuridão pôs-se a correr em direção a nossos corpos, enregelando-nos. Nós dois, eu e Gambрил, sofriamos com tremores violentos em nossas pesadas, encharcadas vestes de algodão fino. Eu lhe disse:

“Está tudo bem, homem. Só o que você precisa fazer é manter o vento atrás da cabeça. Sem dúvida você consegue. Até uma criança poderia governar esse navio em águas calmas.”

Ele balbuciou: “Sim! Uma criança saudável”. Senti vergonha por ter escapado à febre que vinha minando as forças de todos os homens, exceto a minha, para que assim o meu remorso fosse ainda mais amargo, o sentimento de desvalor mais profundo e o fardo da responsabilidade mais pesado.

Em pouco tempo o navio tinha tomado grande seguimento no mar calmo. Eu sentia-o a deslizar na água sem nenhum barulho, exceto por um misterioso chapinhar no costado. No mais, o navio não fazia movimento algum, não arfava nem jogava. Era uma constância desanimadora que já durava dezoito dias; pois nesse tempo nunca, nunca tivéramos vento o suficiente para ver o mar encapelar-se. A brisa voltou a soprar de repente. Achei que era hora de tirar o sr. Burns do tombadilho. Ele me preocupava. Olhei-o como a um lunático que poderia muito bem começar uma perambulação pelo navio, quebrar uma perna ou cair ao mar.

Fiquei muito satisfeito ao ver que ele ainda estava onde eu o havia deixado, o que era bastante prudente. Contudo, ele murmurava presságios sinistros para si mesmo.

Era desalentador. Falei em um tom de indiferença:

“Não temos um vento assim desde que saímos do ancoradouro.”

“É um vento piedoso, também”, rosnou ele. Era o comentário de um marinheiro em seu perfeito juízo. Mas logo acrescentou: “Já era hora de eu subir ao tombadilho. Eu estava guardando as minhas forças para isso – só para isso. O senhor compreende?”

Respondi que sim e continuei a insinuar que seria melhor se ele descesse e descansasse um pouco.

A resposta dele foi um indignado “Descer! Eu sei o que estou fazendo, senhor”.

Quanta animação! O homem era um aborrecimento terrível. E de imediato começou uma discussão. No escuro, eu sentia sua agitação ensandecida.

“O senhor não sabe lidar com a situação, senhor. Como poderia? Cochichos e evasões não servem para nada. O senhor não vai passar às escondidas por um bruto astuto, desperto e vil como ele. O senhor nunca o ouviu falar. Era o quanto bastava para pôr seus cabelos em pé. Não! Não! Ele não era louco. Não mais louco do que eu. Ele era simplesmente mau. Mau o bastante para assustar a maioria das pessoas. Direi ao senhor o que ele era. No fundo, nada menos do que um ladrão e um assassino. O senhor acha que faz alguma diferença ele estar morto? Não mesmo! A carcaça está a cem braças de profundidade, mas ele continua o mesmo... na latitude 8°20' norte.”

O sr. Burns fungou com um ar de desafio. Percebi resignado que a brisa havia amainado enquanto ele vociferava. Em seguida ele recomeçou.

“Eu deveria ter atirado aquele desgraçado ao mar, como um cão. Foi só por causa dos homens... Imagine só, celebrar as exéquias para um bruto daqueles...! ‘Nosso falecido irmão’... Eu tinha vontade de rir. Era isso o que o tirava do sério. Acho que fui o único homem que alguma vez riu dele. Quando ele adoeceu, o riso costumava assustar nosso... irmão... Irmão... Falecido... Eu chamaria antes um tubarão de irmão.”

O vento amainou tão de repente que o seguimento do navio fez com que os panos molhados batessem forte contra o mastro. O feitiço da calma podre mais uma vez pairava sobre nós. Parecia não haver escapatória.

“Olhe só!”, exclamou o sr. Burns com uma voz de surpresa.
“Outra calmaria!”

Dirigi-lhe a palavra como se ele estivesse em pleno domínio de suas faculdades.

“É o que temos enfrentado há dezessete dias, sr. Burns”, disse eu, com profundo ressentimento. “Uma aragem, depois uma calmaria e, o senhor verá, logo o navio estará desviando do rumo e avançando para onde o diabo o carregue.”

Ele aproveitou a palavra. “Aquele diabo fujão!”, berrou a plenos pulmões e então irrompeu em uma gargalhada como eu nunca ouvira dantes. Era uma gargalhada provocante, zombeteira, com uma nota estridente de desafio que me pôs os cabelos em pé. Dei um passo para trás, absolutamente desorientado.

No mesmo instante houve uma comoção na tolda; murmúrios de esmorecimento. Uma voz desalentada gritou na escuridão lá embaixo: “Quem foi que enlouqueceu agora?”

Talvez achassem que era o capitão. Pressa não é uma palavra que se possa aplicar à máxima presteza de que a tripulação era capaz; mas em um intervalo deveras curto todos os homens a bordo que ainda conseguiam manter-se em pé haviam se dirigido ao tombadilho.

Gritei a eles: “É o imediato. Agarrem-no, alguns de vocês...”

Eu esperava que aquilo fosse acabar em um terrível embate. Mas o sr. Burns interrompeu a gargalhada estridente e, tomado de ímpeto, virou-se aos homens, bradando:

“Aha! Aí estão vocês. Então encontraram a língua – é mesmo? Achei que vocês fossem mudos. Muito bem, então – riam! Riam – vamos. Agora – todos juntos. Um, dois, três – riam!”

Sobreveio um instante de silêncio, um silêncio tão profundo que se poderia ouvir a queda de um alfinete no convés. Então a voz imperturbável de Ransome pronunciou, em seu tom agradável:

“Acho que ele desmaiou, senhor.” O pequeno grupo imóvel agitou-se, com discretos murmúrios de alívio. “Eu estou segurando os braços. Alguém pegue as pernas.”

Sim. Era um alívio. Ele ficou em silêncio por um tempo – por um tempo. Eu não teria resistido a mais um acesso daquele berreiro

insano. Eu tinha certeza; e então Gambril, o austero Gambril, brindou-nos com mais uma proeza vocal. Começou a cantar para aliviar-nos. A voz dele ululava na escuridão: "Alguém venha a ré! Não estou aguentando. O navio está quase a perder o rumo e eu não consigo..."

Eu mesmo saí correndo a ré, encontrando no caminho a rajada cuja aproximação Gambril pressentira à distância e que enfunou as velas do grande em uma série de rumores abafados que se misturava aos graves gemidos da mastreação. Cheguei bem a tempo de agarrar o timão enquanto o França, que vinha em meu encalço, segurou Gambril. Ele tirou-o do caminho, aconselhou-o a ficar deitado onde estava e então veio render-me, perguntando calmamente:

"Como devo governar, senhor?"

"Com o vento à popa, por enquanto. Já lhe trago uma luz."

Mas enquanto dirigia-me a vante encontrei Ransome, que trazia a luz da bitácula sobressalente. Aquele homem percebia tudo, cuidava de tudo, espalhava tranquilidade ao redor de si ao caminhar. Quando passou por mim ele disse, em um tom reconfortante, que as estrelas estavam aparecendo. E estavam mesmo. O vento limpava o céu fuliginoso enquanto varava o silêncio indolente do mar.

A barreira da terrível calma que nos envolvera por tantos dias, como se estivéssemos amaldiçoados, fora transposta. Eu sentia. Deixei-me cair sentado no banco do albói. Uma leve crista de espuma, fina, muito fina, quebrou junto ao costado. A primeira em muito, muito tempo. Eu teria comemorado se não fosse pela sensação de culpa que em segredo acossava todos os meus pensamentos. Ransome estava diante de mim.

"Como está o imediato?", perguntei ansioso. "Ainda inconsciente?"

"Bem, senhor – é estranho", disse Ransome, visivelmente intrigado. "Ele não disse uma palavra, e seus olhos estão fechados. Mas a mim parece mais que ele esteja dormindo um sono muito profundo."

Aceitei essa opinião como a menos problemática ou, de qualquer modo, a menos perturbadora. Desmaiado ou adormecido, o

sr. Burns precisava ficar entregue a si mesmo naquele momento. Ransome disse de repente:

“Acho que o senhor precisa de um casaco, senhor.”

“Eu também acho”, respondi em um suspiro.

Mas não me mexi. Eu sentia como se quisesse pernas e braços novos. Meus músculos pareciam estar inutilizados pela fadiga. Sequer doíam. Mesmo assim levantei-me para vestir o casaco quando Ransome trouxe-o. E quando sugeriu que devíamos “levar Gambril a vante”, respondi:

“Muito bem. Vou ajudar você a descê-lo até o convés.”

Notei que eu também estava em condições de ajudar. Erguemos Gambril entre nós. Ele tentou manter-se em pé como um homem, mas o tempo todo repetia com um jeito de dar dó:

“Não vão me largar quando chegarmos à escada! Não vão me largar quando chegarmos à escada!”

O vento seguiu soprando cada vez mais forte, sempre a nosso favor. À luz do dia, graças a uma minuciosa operação do leme, conseguimos que as vergas do traquete braceassem sozinhas pelo redondo (as águas seguiam tranquilas) e então nos pusemos a rondar os cabos. Dos quatro homens que estavam comigo à noite, naquele instante eu só via dois. Não perguntei pelos outros. Eles haviam sucumbido. Mas eu esperava que apenas por um tempo.

Nossas várias tarefas a vante ocuparam-nos por horas, os dois homens comigo moviam-se muito devagar e amiúde precisavam descansar. Um deles comentou que “cada maldita coisa a bordo dava a impressão de pesar umas cem vezes mais do que devia”. Foi a única reclamação que ouvi. Não sei o que seria de nós se não fosse por Ransome. Ele também trabalhou conosco, em silêncio, com um discreto sorriso nos lábios. De vez em quando eu lhe sussurrava: “Devagar” – “Vá com calma, Ransome” – e recebia um olhar furtivo como resposta.

Quando terminamos tudo o que podíamos fazer para deixar as coisas em ordem, ele desapareceu na cozinha. Passado algum tempo, quando me dirigi a vante a fim de averiguar, vi-o de relance pela porta aberta. Estava sentado no armário defronte ao fogão, com a cabeça para trás, apoiada na antepara. Seus olhos estavam

cerrados; as mãos poderosas mantinham aberta a fina camisa de algodão e desnudavam de maneira trágica o peito robusto, que se avolumava em arquejos dolorosos e sofridos. Ele não me escutou.

Retirei-me em silêncio e fui direto ao tombadilho render o França, que começava a dar sinais de estar muito doente. Ele me deu o rumo com muita formalidade e tentou sair com elegância, mas cambaleou duas vezes antes de sumir da minha vista.

Então fiquei sozinho a ré, governando meu navio, que corria à popa arrasada e de vez em quando arfava, chegando até a jogar um pouco. Neste instante Ransome apareceu à minha frente com uma bandeja na mão. Bastou ver a comida para que eu ficasse faminto. Ele assumiu o leme enquanto eu sentei-me no xadrez de ré para tomar o desjejum.

“A brisa parece ter acabado com a tripulação”, murmurou ele. “Estão de cama – todos os homens.”

“Eu sei”, respondi. “Acho que eu e você somos os únicos homens são a bordo.”

“O França disse que ainda tem uma sobra de energia. Não sei. Não pode ser muita coisa”, prosseguiu Ransome com um sorriso contristado. “Ele é um bom homem. Mas, senhor, imagine que esse vento ronde quando estivermos perto da terra – o que vamos fazer?”

“Se o vento der um salto quando estivermos perto da terra, ou vamos dar à costa ou desarvorar ou então as duas coisas. Não temos o que fazer com o navio. Estamos à mercê dele. Só o que podemos fazer é governar o leme. É um navio sem tripulação.”

“Sem dúvida. Todos estão de cama”, repetiu Ransome em voz baixa. “Eu dou uma olhada neles de vez em quando, mas não tenho muito o que fazer para ajudar.”

“Eu, o navio e todos os homens a bordo estamos muito agradecidos a você, Ransome”, disse eu, em tom afável.

Ele fez como se não me houvesse escutado e governou em silêncio até que eu estivesse pronto para rendê-lo. Entregou-me o timão, pegou a bandeja e, à guisa de despedida, informou-me que o sr. Burns estava acordado e decidido a subir ao tombadilho.

“Não sei mais o que fazer para impedi-lo, senhor. Não posso ficar o tempo todo lá embaixo.”

Estava claro que não. E sem demora o sr. Burns subiu ao tombadilho, arrastando-se com dificuldade para a ré em seu enorme sobretudo. Contemplei-o com um pavor natural. Tê-lo próximo a mim denunciando aos brados os truques sujos de um morto enquanto eu governava um navio veloz cheio de homens moribundos era um prospecto bastante temerário.

Mas seus primeiros comentários foram um tanto sensatos no conteúdo e no tom. Aparentemente ele não se recordava do episódio noturno. E, caso se recordasse, não se traiu uma vez sequer. Tampouco falou muito. A princípio, sentou-se no albóí aparentando estar à beira da morte, mas o vento forte, ante o qual os últimos tripulantes haviam se prostrado, parecia insuflar uma nova dose de vigor em seu corpo a cada lufada. O processo era quase visível.

Para testar-lhe a sanidade, fiz um comentário a respeito do antigo capitão. Fiquei muito satisfeito ao perceber que o sr. Burns não demonstrou nenhum interesse anormal pelo assunto. Ele relembrou a história das iniquidades do velho patife com um certo prazer vingativo e então concluiu de repente:

“Senhor, acredito que ele já estivesse louco um ano ou mais antes de morrer.”

Uma recuperação incrível. Mal pude dedicar-lhe a admiração que merecia, pois tinha de concentrar toda a minha atenção no leme.

Em comparação com o marasmo desesperançoso dos dias anteriores, navegávamos a uma velocidade impressionante. Duas cristas de espuma corriam junto às amuras; o vento entoava uma nota vigorosa que, em outras circunstâncias, teria expressado toda a alegria de viver. Quando a vela grande, carregada, fazia menção de grivar e bater até se rasgar toda no aparelho, o sr. Burns olhava-me apreensivo.

“O que o senhor quer que eu faça, sr. Burns? Não podemos ferrar nem caçar. Eu só queria que essa velharia se estropiasse de uma vez e acabasse logo com isso. Esse barulho infernal dá-me nos nervos.”

O sr. Burns torceu as mãos e gritou de repente:

“Como o senhor pretende entrar no porto, senhor, sem uma tripulação para manobrar o navio?”

Eu não soube o que responder.

Mas, bem – isso foi feito umas 48 horas depois. Graças ao poder exorcístico da terrível risada do sr. Burns, o espectro foi esconjurado, o feitiço quebrado, a maldição removida. Logo estávamos na mão de uma providência gentil e enérgica. Ela nos impelia adiante...

Jamais esquecerei a última noite, escura, ventosa e estrelada. Eu governava o leme. O sr. Burns, após obter de mim uma promessa solene de que eu o chamaria se qualquer coisa acontecesse, entregou-se de vez ao sono junto à bitácula. Os convalescentes precisam dormir. Ransome, com as costas apoiadas no mastro da mezena e um cobertor por cima das pernas, mantinha uma imobilidade perfeita, mas não acho que ele tenha pregado os olhos por um instante sequer. Aquela verdadeira personificação da elegância, o França, ainda sob a falsa impressão de que tinha alguma “sobra de energia”, insistiu em juntar-se a nós; mas, atento à disciplina, deitou-se o mais à frente do tombadilho que pôde, junto à chaleira dos baldes.

E eu governava, cansado demais para angustiar-me, cansado demais para pensar direito. Eu tinha momentos de exultação extrema, mas logo meu coração afundava ao recordar o castelo de proa no outro extremo do escuro convés, cheio de homens a arder em febre – alguns deles morrendo. Por minha culpa. Mas não me importei. O remorso que esperasse. Eu tinha de governar.

De madrugada o vento amainou, e então cessou de todo. Perto das cinco voltou, bonançoso, e assim rumamos ao ancoradouro. O raiar do dia encontrou o sr. Burns sentado, espremido em meio aos pandeiros em cima do xadrez, governando o navio das profundezas de seu sobretudo com dedos brancos muito descarnados; enquanto eu e Ransome corríamos pelo convés largando por mão todas as escotas e adriças. A seguir corremos para o castelo de proa. A transpiração da labuta e do puro nervosismo simplesmente escorria de nossas cabeças enquanto mourejávamos para deixar os ferros à

roça. Eu não me atrevia a olhar para Ransome enquanto trabalhávamos lado a lado. Trocávamos palavras breves; eu escutava-o arquejar próximo a mim e evitava voltar os olhos em sua direção por medo de vê-lo desabar e expirar em pleno uso de sua força – e para quê? De fato, por um ideal bem definido.

O espírito marinheiro despertou dentro dele. O homem não precisava receber ordens. Ele sabia o que fazer. Cada esforço, cada movimento era um ato do mais puro heroísmo. Não me era dado olhar para um homem com tamanha vocação.

Por fim tudo estava pronto e ouvi-o dizer:

“Não é melhor eu descer e abrir os mordedouros, senhor?”

“Sim. Abra-os”, respondi.

E nem então eu olhei para ele. Depois de um tempo sua voz subiu do convés.

“Quando o senhor quiser, senhor. O bolinete está safo.”

Fiz um sinal para que o sr. Burns metesse o leme de ló e larguei os dois ferros, deixando o navio deitar tanta amarra quanto quisesse. Boa parte das amarras foi usada até que o navio parasse. Quando aproamos ao vento, as velas soltas pararam com o barulho enlouquecedor acima de minha cabeça. Um silêncio total reinava no navio. E enquanto eu estava a vante, sentindo-me um pouco desnorteado naquela paz repentina, percebi um ou dois gemidos débeis e os murmúrios incompreensíveis dos enfermos no castelo.

Como trazíamos uma bandeira pedindo assistência médica içada no mastro da mezena, antes que o navio pudesse parar três lanchas a vapor de várias belonaves abordaram-nos; e pelo menos cinco cirurgiões navais haviam subido a bordo. Mantinham-se em um grupo compacto, olhando de um lado para o outro do convés, e então voltaram os olhos para cima – onde tampouco se via homem algum.

Fui em direção a eles – uma figura solitária, trajando um pijama listrado azul e cinza e um chapéu de cortiça. A repulsa deles foi extrema. Esperavam casos cirúrgicos. Todos tinham consigo bisturis. Mas logo se recuperaram da decepção. Em menos de cinco minutos uma das lanchas avançava em direção à margem para chamar um barco grande e funcionários do hospital para fazer a

remoção dos homens. A grande pinaça a vapor foi até seu navio buscar marinheiros que ferrassem-me as velas.

Um dos cirurgiões permaneceu a bordo. Saiu do castelo de proa com uma expressão indecifrável, e percebeu meu olhar inquiridor.

“Não tem ninguém morto lá dentro, se é isso o que o senhor quer saber”, disse. Então acrescentou, em tom de admiração: “Toda a tripulação!”

“Estão muito mal?”

“Estão muito mal”, repetiu. Os olhos dele percorriam todo o navio. “Céus! O que é aquilo?”

“Aquilo”, respondi, olhando para a ré, “é o sr. Burns, meu imediato.”

O sr. Burns, com a cabeça moribunda assentindo sobre o fino caule de seu magro pescoço, era uma visão que inspirava perplexidade. O cirurgião perguntou:

“Ele também vai para o hospital?”

“Ah, não”, respondi em tom jocoso. “O sr. Burns só pode ir a terra depois que o mastro grande for. Estou muito orgulhoso dele. É meu único convalescente.”

“O senhor parece –” começou o médico, olhando para mim. Mas eu o interrompi, irritado:

“Eu não estou doente.”

“Não... O senhor está estranho.”

“Bem, eu passei dezessete dias no tombadilho.”

“Dezessete...! Mas o senhor deve ter dormido.”

“Acho que sim. Não sei. Mas é certo que não dormi nas últimas quarenta horas.”

“Pfui...! O senhor está indo a terra agora?”

“Assim que eu puder. Tenho mil negócios à minha espera.”

O médico soltou a minha mão, que havia segurado na sua enquanto conversávamos, puxou uma agenda, fez alguma anotação rápida, arrancou a página e ofereceu-a a mim.

“Sugiro que o senhor mande aviar esta receita assim que puder. A não ser que eu muito me engane, o senhor precisará dela hoje à

noite.”

“O que é?”, perguntei desconfiado.

“Um narcótico”, respondeu-me, lacônico; e, movendo-se com ares de interessado em direção ao sr. Burns, logo entabulou com ele uma conversa.

Quando desci para me vestir antes de ir a terra, Ransome seguiu-me. Implorou que eu o perdoasse; também desejava ir a terra e receber sua soldada.

Olhei-o surpreso. Ele aguardava minha resposta com um ar de angústia.

“Você não pretende deixar o navio!”, gritei.

“Pretendo, senhor. Quero ir e ficar quieto em algum lugar. Qualquer lugar. Até o hospital serve.”

“Mas, Ransome!”, disse eu. “Não me agrada nada separar-me de você.”

“Eu preciso ir”, disse ele, interrompendo-me. “Tenho o direito...!” Ele arquejou e um olhar de determinação quase selvagem passou por seu semblante. Por um instante ele foi um outro ser. E vi, sob o valor e a beleza do homem, a humilde realidade das coisas. A vida era-lhe uma bênção – aquela vida dura, precária, e ele sentia-se alarmado com a própria situação.

“Claro que autorizo o seu desembarque se é isso o que você quer”, apressei-me em dizer. “Só peço que você permaneça a bordo até hoje de tarde. Não posso deixar o sr. Burns sozinho por muito tempo no navio.”

Naquele instante ele amoleceu e com um sorriso garantiu-me, em sua voz naturalmente agradável, que entendia muito bem.

Quando voltei ao convés tudo estava pronto para a remoção dos homens. Era o último suplício daquele episódio que viera amadurecendo e temperando meu caráter – embora eu não soubesse.

Era terrível. Eles passavam sob o meu olhar um após o outro – cada homem personificava uma censura das mais severas, até que senti uma espécie de revolta despertar em mim. O pobre França desfaleceu de repente. Ele foi carregado inconsciente, com o rosto

cômico esbraseado e como que inchado, em meio a estertores. Parecia mais do que nunca com Mr. Punch; um Mr. Punch terrivelmente bêbado.

O austero Gambрил, por outro lado, havia melhorado um pouco. Ele insistiu em caminhar até a amurada – claro, com um homem em cada lado a segurá-lo. Porém, cedeu a uma súbita crise de pânico no momento em que o passariam por cima da amurada e começou a choramingar:

“Não deixe que me derrubem, senhor. Não deixe que me derrubem, senhor!” Enquanto eu continuava a gritar-lhe em notas de consolo: “Está tudo bem, Gambрил. Ninguém há de derrubá-lo! Ninguém!”

Sem dúvida era tudo muito ridículo. Os marinheiros da Marinha de Guerra em nosso convés riam em silêncio, e até mesmo Ransome (muito solícito também nesta hora) precisou alargar o sorriso triste por um instante fugaz.

Parti em direção à costa na pinaça a vapor e, ao olhar para trás, vi o sr. Burns de pé junto à grinalda, ainda em seu enorme sobretudo de lã. Os luminosos raios do sol realçavam sua estranheza de modo extraordinário. Ele parecia um terrível espantalho posto no tombadilho de um navio moribundo a fim de manter as aves marinhas longe dos cadáveres.

Nossa história já circulava pela cidade e todos em terra foram muito amáveis. A Capitania do Porto isentou-me das taxas portuárias e, como a tripulação de um naufrágio estivesse hospedada na Casa, não tive dificuldade alguma para encontrar tantos homens quanto eu precisasse. Mas quando perguntei se eu poderia ver o capitão Ellis disseram-me, com certa compaixão na voz devida à minha ignorância, que nosso Netuno interino havia se reformado e ido para casa umas três semanas após a minha partida. Creio que, afora as atividades de rotina, minha nomeação tenha sido seu último ato oficial.

É estranho que, ao chegar a terra, tenham me chamado a atenção os passos confiantes, o olhar vivaz, a vitalidade poderosa de todos os que eu encontrava. Fiquei muito impressionado. E entre aqueles que encontrei estava o capitão Giles, como não poderia

deixar de ser. Teria sido muito estranho caso não nos encontrássemos. Um passeio demorado pelo distrito financeiro da cidade era a ocupação habitual de todas as manhãs que ele passava em terra.

Flagrei de longe o brilho da corrente de ouro do relógio cruzada sobre seu peito. Ele irradiava bondade.

“Que história é essa?”, perguntou-me com um sorriso de “tio bonzinho” depois de apertarmos as mãos. “Vinte e um dias de Bangkok?”

“Foi isso o que lhe disseram?”, perguntei. “Venha almoçar comigo. Quero que o senhor conheça exatamente a situação em que me meteu.”

Ele hesitou por quase um minuto.

“Bem – eu aceito”, disse por fim em um tom condescendente.

Dobramos em direção ao hotel. Para minha surpresa, descobri que eu estava com muita fome. Então, sobre a toalha de mesa limpa, contei ao capitão Giles a história daqueles vinte dias em todos os detalhes profissionais e emotivos, enquanto ele fumava pacientemente o grande charuto com que eu lhe presenteara.

Então ele disse, com ares de sábio:

“Você deve estar um tanto cansado a essa altura.”

“Não”, disse eu. “Não cansado. Mas eu lhe direi como me sinto, capitão Giles. Eu me sinto velho. E devo mesmo estar. Todos os senhores aqui na terra parecem-me um bando de jovens ariscos que nunca tiveram nenhuma preocupação no mundo.”

Ele não sorriu. Assumiu um ar insuportável de modelo a ser seguido. Então declarou:

“Isso logo passa. Mas você parece mais velho – não há como negar.”

“Aha!”, disse eu.

“Não! Não! A verdade é que não devemos levar muito a sério nada do que acontece na vida, seja bom ou ruim.”

“Viver à meia-marcha”, murmurei obstinado. “Nem todo mundo consegue.”

“Você será feliz o suficiente se conseguir”, retrucou ele com ares de virtude consciente. “E tem mais: um homem deve encarar sua má sorte, seus erros, sua consciência e todas essas coisas. Ora – contra o que mais você haveria de lutar?”

Mantive-me em silêncio. Não sei o que ele viu em meu rosto, mas de repente perguntou:

“Não – não me diga que você tem medo?”

“Só Deus sabe, capitão Giles”, foi minha resposta sincera.

“Tudo bem”, comentou ele em tom calmo. “Logo você aprende a não ter medo. Um homem precisa aprender de tudo – e é isso o que tantos jovens jamais entendem.”

“Bem, eu já não sou mais jovem.”

“Não”, concordou o capitão. “Você parte em breve?”

“Estou indo a bordo agora mesmo”, respondi. “Pretendo suspender um ferro e colher metade da amarra do outro assim que a nova tripulação embarcar para fazer-me a vela ao raiar do dia amanhã!”

“Sim”, resmungou o capitão, “é assim que se faz. É assim que se faz.”

“O que o senhor achava? Que eu ficaria uma semana em terra para descansar?”, disse eu, irritado pelo tom de sua voz. “Para mim só haverá descanso quando o navio estiver no oceano Índico, e mesmo assim será pouco.”

Ele pitou de mau humor o charuto, como que transformado.

“Sim. Tudo se resume a isso”, disse, pensativo. Foi como se uma pesada cortina houvesse subido para revelar um capitão Giles bastante inesperado. Mas apenas por um instante, apenas o suficiente para que pudesse acrescentar, “Temos pouco descanso na vida. É melhor nem pensar nisso.”

Levantamo-nos, saímos do hotel e despedimo-nos na rua com um caloroso aperto de mão, justo quando, pela primeira vez, ele começava a despertar meu interesse na conversa.

A primeira coisa que vi quando voltei ao navio foi Ransome na tolda, sentado em seu saco cuidadosamente amarrado.

Fiz um gesto para que me seguisse até a câmara, onde me sentei para escrever-lhe uma carta de recomendação para um homem que eu conhecia em terra.

Quando terminei, empurrei-a até o outro lado da mesa. "Pode ser útil quando você deixar o hospital."

Ele a pegou e guardou-a no bolso. Seus olhos evitavam-me – olhavam para o vazio. Seu rosto mantinha-se impassível.

"Como você está se sentindo?", perguntei.

"Não me sinto mal, senhor", respondeu, circunspecto. "Mas tenho medo de piorar..." O sorriso triste voltou por um instante a seus lábios. "Eu – eu estou apavorado com o meu coração, senhor."

Aproximei-me dele com a mão estendida. Seus olhos, que não olhavam para mim, tinham uma expressão tensa. Ele parecia um homem à espera de um alarme.

"Não vai apertar minha mão, Ransome?", perguntei com bondade.

Ele exclamou alguma coisa, enrubesceu como uma brasa, deu-me um forte aperto de mão – e no momento seguinte, sozinho na câmara, escutei-o subir a escada da meia-laranja, um degrau de cada vez, com o receio mortal de despertar a fúria repentina de nosso inimigo comum, cujo fardo ele tinha por sina carregar em seu peito fiel.

GLOSSÁRIO

À FEIÇÃO – Diz-se de qualquer vento favorável.

A MEIA-NAU – No meio do navio, seja no sentido do comprimento ou da largura.

À POPA – Com o vento soprando favoravelmente por trás.

À POPA ARRASADA – Com o vento soprando totalmente de trás, exatamente no sentido do comprimento do navio.

À ROÇA – Condição da âncora pronta para ser lançada ao fundo.

ADERNAR – Inclinar-se o navio para qualquer lado, por ação do vento ou da má distribuição da carga; dar a borda.

ADRIÇA – Cabo usado para içar as velas.

AGUADA – Provisão de água potável no navio.

AGUENTAR O LEME – Mantê-lo na mesma posição em que se encontra.

ALBÓI – Estrutura envidraçada que protege a abertura de uma escotilha ao mesmo tempo em que permite a entrada de luminosidade para o pavimento inferior.

ALHETA – Parte traseira do navio, no ângulo em que a lateral do casco se encontra com o painel de popa.

AMARRA – Corrente que sustenta a âncora.

AMARRAR – Prender o navio ao fundo com duas âncoras.

AMURA – Parte curva à frente do navio, desde onde o casco começa a estreitar-se até o ponto onde as tábuas que compõem seus dois lados se encontram.

AMURADA – Parte interior do costado do navio.

ANDAINA – Conjunto de velas do navio.

ANTECÂMARA – Pequeno aposento que precede a câmara do comandante do navio.

ANTEPARA – Cada uma das divisões que separam os compartimentos internos do navio, feitas com tábuas.

APAGA – Cabo que ajuda a recolher uma vela, puxando-a por suas laterais.

APROAR – Apontar a proa do navio a um determinado rumo.

ARAGEM – Vento fraco e inconstante.

ARFAR – Movimento descrito pelo navio quando balança de proa a popa.

ARGANÉU – Argola por onde passam diversos tipos de cabo.

ARMADOR – Pessoa ou empresa que explora comercialmente um navio.

ARRIBAR – Orientar o navio de modo que avance mais a favor do vento.

BALAUSTRADA – Conjunto de hastes e correntes nas bordas do navio, que servem para proteger a tripulação.

BARRA – Local à entrada de um porto.

BITÁCULA – Espécie de caixa que aloja a bússola do navio.

BOLINETE – Espécie de cilindro que, em posição horizontal, gira sobre o próprio eixo a fim de recolher cabos e amarras, como p. ex. o da âncora.

BOMBORDO – Lado esquerdo do navio.

BORDEJAR – Navegar em zigue-zague para chegar a um ponto situado na direção contrária à do vento, uma vez que é impossível navegar em linha reta nessas condições.

BORDO – Cada um dos lados do navio.

BORLA – Peça chata de formato circular que fica no alto de um mastro e por onde passam cabos.

BRACEAR – Orientar uma verga de modo que a vela nela envergada receba o vento de maneira favorável.

BRACEAR PELO REDONDO – Orientar uma verga de modo que faça um ângulo reto com o plano longitudinal do navio.

BRAÇO – Cabo que se liga aos dois extremos de uma verga a fim de orientar sua posição no plano horizontal.

CABO – Qualquer uma das grossas cordas usadas para diversas funções no navio.

CABRESTANTE – Espécie de cilindro que, em posição vertical, gira sobre o próprio eixo a fim de recolher cabos e amarras, como p. ex. a da âncora.

CAÇAR – Puxar os cabos de uma vela a fim de deixá-la bem estendida, para assim oferecer maior resistência ao vento e imprimir maior velocidade ao navio.

CAIR A RÉ – Andar para trás.

CAIXÃO DO LEME – Espécie de tubo que atravessa o casco do navio e por onde passa o eixo do leme, que vai desde a parte submersa, a ré da embarcação, até o convés.

CALMA PODRE – Calmaria absoluta.

CAMAROTE – Recinto do navio que abriga um ou mais beliches.

CARREGAR – Recolher uma vela.

CASTELO DE PROA – Convés situado à proa do navio.

CHALEIRA – Espécie de estante onde se guardam equipamentos.

COBERTA – Pavimento do navio situado abaixo do convés principal.

CONVÉS – Qualquer um dos pavimentos do navio, mas em especial os pavimentos a descoberto.

COSTADO – Parte exterior do casco do navio que permanece fora d'água.

CUNHO – Barra de metal ou madeira onde se amarram cabos.

DAR A BORDA – Inclinar-se o navio para qualquer lado, por ação do vento ou da má distribuição da carga; adernar.

DAR À COSTA – Encalhar, ser jogado em terra.

DAR PELO LEME – Responder aos comandos do leme.

DESARVORAR – Perder mastros ou mastaréus devido ao mau tempo.

DESUNHAR – Levantar âncora.

DOCA SECA – Doca de onde a água é retirada para se fazerem reparos no casco do navio.

EMBORNAL – Abertura no casco do navio que possibilita o escoamento das águas da chuva, da limpeza e do mar.

ENVERGAR – Prender uma vela à sua respectiva verga.

ESCOTA – Cabo usado para caçar as velas.

ESPIA – Grosso cabo usado para amarrar o navio a terra, a outra embarcação etc.

ESTIBORDO – Lado direito do navio.

FAZER CABEÇA – Ao levantar âncora, orientar o navio para este ou aquele bordo.

FAZER DE VELA – Começar a navegar quando o navio está parado.

FAZER-SE AO LARGO – Afastar-se do litoral.

FERRAR – Prender uma vela carregada firmemente à verga de onde pende.

FERRO – Âncora.

FUNDEAR – Ancorar.

GALEAR – Movimentar-se de maneira suave, conforme as oscilações naturais do mar.

GÁVEA – Qualquer uma das velas que ficam em segundo lugar nos mastros, a contar de baixo para cima.

GRINALDA – Amurada de proteção junto à popa do navio.

GUINDA – Altura de um mastro ou mastaréu.

IMEDIATO – Oficial imediatamente subordinado ao comandante. Tem como principais atribuições cuidar do embarque e desembarque da carga e assumir o comando do navio sempre que o capitão não se encontrar a bordo.

JOGAR – Movimento descrito pelo navio quando balança de um lado ao outro.

LARGAR PANO – Desfraldar as velas.

LARGAR POR MÃO – Soltar um cabo e deixá-lo correr livremente.

LASTRO – Qualquer peso levado a bordo do navio quando este não se encontra carregado, de modo a compensar o peso da carga ausente e assegurar uma navegação adequada.

LINHA-D'ÁGUA – Linha horizontal onde a água bate no casco do navio.

MALAGUETA – Nome dado às pegas do timão, bem como a certos pinos de madeira ou ferro onde se amarram os cabos usados para manobrar o navio.

MASSAME – Conjunto de cabos do navio.

MASTARÉU – Pau que prolonga qualquer um dos mastros para cima.

MASTRO DA MEZENA – Mastro traseiro de um navio de três mastros.

MASTRO GRANDE – Mastro central de um navio de três mastros.

MEIA-LARANJA – Escotilha guarnecida de parapeito, a ré do navio, que conduz à antecâmara.

METER O LEME DE ENCONTRO – Orientar o leme de modo que o navio arribe.

METER O LEME DE LÓ – Orientar o leme de modo que o navio orce.

MOITÃO – Instrumento geralmente conhecido como roldana ou polia, usado para içar pesos e manobrar as velas.

MORDEDOURO – Equipamento que serve para prender a amarra da âncora quando é necessário que esta pare de correr.

ORÇAR – Orientar o navio de modo a avançar mais contra o vento.

PAIOL DO PANO – Local onde se guardam as velas que não estão envergadas nos mastros.

PANEIRO – Parte onde os passageiros sentam em pequenas embarcações.

PANO LARGO – Diz-se das velas, quando estão desfraldadas.

PANO SOBRE – Diz-se das velas quando, estando o navio totalmente contra o vento, começam a tremular.

PAQUETE – Navio que faz o transporte do correio.

PASSADIÇO – Convés elevado de onde se comanda a manobra.

PATRÃO – Chefe de uma pequena embarcação.

PINAÇA – Pequena embarcação usada no transporte de passageiros entre a terra e um navio maior.

POPA – Extremo traseiro do navio.

PÔR O NAVIO A CAMINHO – Ver *fazer de vela*.

PORTALÓ – Abertura no casco do navio por onde se entra e sai dele.

PRIMEIRO-OFICIAL – Ver *imediate*.

PROA – Extremo dianteiro do navio.

QUARTO – Cada um dos diferentes turnos em que a tripulação do navio trabalha.

RÉ – Metade traseira do navio.

RONDAR – Puxar um cabo a fim de deixá-lo mais teso. Diz-se também do vento, quando muda de direção.

RUMO – Direção da bússola pela qual o navio avança.

SAFO – Pronto para a manobra.

SALOMA – Cantiga ou gritaria feita pelos marinheiros a fim de dar ritmo à faina que executam.

SALOMEAR – Entoar salomas.

SEGUIMENTO – Movimento do navio.

SEGUNDO-OFICIAL – Subordinado ao imediato, é o terceiro em comando no navio. Tem como principais atribuições dar ordens à tripulação e executar certos trabalhos físicos nas velas e cabos do navio.

SUSPENDER O FERRO – Levantar âncora.

TALHA – Combinação de dois ou mais moitões que reduz o esforço necessário para erguer um peso qualquer.

TOA – Cabo usado para rebocar um navio.

TOLDA – Convés a ré, erguido sobre o convés principal do navio.

TOMBADILHO – Convés mais alto situado no extremo de ré, de onde em geral pilota-se o navio.

TOPE – Extremo superior de mastro ou mastaréu.

TRAQUETE – Mastro dianteiro de um navio de três mastros.

VANTE – Metade dianteira do navio.

VELA GRANDE – Primeira vela, a contar de baixo para cima, no mastro central de um navio de três mastros.

VERGA – Pau horizontal que se prende aos mastros e de onde as velas pendem.

VIGIA – Abertura circular que, nos aposentos de um navio, faz as vezes de janela.

VIGIA DA AMARRA – Marujo encarregado de monitorar a situação da âncora do navio.

XADREZ – Treliças de madeira com que se cobrem escotilhas, a fim de promover a circulação do ar e a iluminação no pavimento inferior.

JOSEPH CONRAD

(1857-1924)

JOSEPH CONRAD nasceu Józef Teodor Konrad Nalecz Korzeniowski, filho de pais poloneses, na cidade de Berdichev, na Ucrânia dominada pela Rússia czarista. Seus pais eram nacionalistas poloneses e, por causa de suas atividades políticas anti-russos, foram exilados para a remota província de Vologda, situada ao norte. Joseph, então com quatro anos, os acompanhou. Aos onze anos de idade, ficou órfão de pai e mãe. Seu tio materno Thadeusz Bobrowski tomou conta do sobrinho e foi seu mentor e responsável durante os 25 anos seguintes. Thadeusz queria que Joseph seguisse a carreira universitária, mas em 1874, quando o rapaz tinha dezesseis anos, finalmente cedeu e concordou em deixá-lo seguir seu antigo desejo de viver no mar. Joseph viajou a Marselha, onde trabalhou em navios da marinha mercante francesa até juntar-se, em 1878, a um navio britânico, como aprendiz.

Ficaria na marinha por quase vinte anos, visitando os mais variados lugares da Ásia, da África, da América e da Europa – experiência essa que seria definidora da literatura do autor, além de fornecer vasto material para suas histórias. Em 1886, obteve a cidadania britânica. Oito anos depois, em 1894, ele abandonou o mar e uma carreira bem-sucedida (chegara à posição de capitão-de-longo-curso) para se dedicar à literatura. Seu primeiro livro, *Almayer's Folly* (*A loucura de Almayer*), cuja redação fora iniciada em 1889, foi publicado em 1895, quando o autor contava já 38 anos (também dessa época data o casamento de Joseph com Jessie George). O livro foi recebido com entusiasmo pela crítica e friamente pelo

público. Levaria cerca de quinze anos para que a carreira literária de Conrad decolasse.

Ele escreveu, ao todo, dezessete romances, sendo os principais *Lord Jim*, de 1900, *Nostramo*, de 1904, *The Secret Agent (O agente secreto)*, de 1907, e *Under Western Eyes (Sob os olhos do Ocidente)*, de 1911; sete novelas, entre as quais se destaca *Heart of Darkness (O coração das trevas)*, de 1902, adaptada para o cinema por Francis Ford Coppola, em *Apocalypse Now*, no ano de 1979. Conrad publicou ainda livros de ensaios (*The Mirror of the Sea* ou *O espelho do mar*, de 1906), de memórias (*Some Reminiscences* ou *Algumas reminiscências* e *A Personal Record* ou *Um registro pessoal*, ambos de 1912) e textos sobre a própria obra (*Notes on My Books* ou *Notas sobre meus livros*, de 1921). Muitas dessas peças ficcionais foram primeiramente publicadas em formato de folhetim em periódicos como *Blackwood's Edinburgh Magazine*, seguindo uma prática comum na época.

Conrad é hoje considerado um dos grandes autores da língua inglesa – que ele aprendeu depois de adulto, apesar de ter com ela tido os primeiros contatos ainda quando criança, ao ver seu pai traduzir Shakespeare, entre outros autores.

Seus textos ficcionais têm em comum o tema do conflito do homem com o próprio homem, dos limites da natureza humana e do confronto do homem com a natureza selvagem. Seus romances, contos e novelas são povoados por personagens em situações extremas, isolados da sociedade, muitas vezes em crise com a própria identidade e com a condição humana. A maioria de suas peças ficcionais assemelha-se, na aparência, a histórias de aventuras, embora proponham uma profunda reflexão sobre a natureza humana e a civilização. Conrad morreu em 1924, deixando seu último romance, *Suspense*, inacabado.

Título original: *The Shadow Line: A Confession*

Texto de acordo com a nova ortografia.

Tradução e glossário: Guilherme da Silva Braga

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Robert Harding/Latinstock

Preparação: Patrícia Yurgel

Revisão: Ana Laura Freitas

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C7641

Conrad, Joseph, 1857-1924

A linha de sombra: uma confissão [recurso eletrônico] / Joseph Conrad; tradução e glossário de Guilherme da Silva Braga. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

recurso digital – (Coleção L&PM POCKET; v. 887)

Tradução de: *The Shadow Line: A Confession*

Formato: ePub

ISBN 978-85-254-2118-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Braga, Guilherme da Silva. II. Título. III. Série.

10-1456.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

© da tradução, L&PM Editores. 2010

L&PM EDITORES

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Sumário

[Nota do Autor](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[Glossário](#)

[Joseph Conrad](#)